



Lembrai-vos de Deus:
Mensagens de Jesus e de
Maria em Soufanieh

Padre Elias Zahlaoui

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
(CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Padre Elias Zahlaoui

(Tradução de Kátia Mendonça)

Lembrai-vos de Deus

Mensagens de Jesus e de Maria em
Soufanieh

Zahlaoui, Elias

Lembrai-vos de Deus [livro eletrônico] : mensagens de Jesus e de Maria em Soufanieh / Padre Elias Zahlaoui ; tradução Katia Mendonça. -- 1. ed. -- Belém, PA : Katia Mendonça, 2021. PDF

Título original: Souvenez-vous de Dieu

ISBN 978-65-00-18642-0

1. Jesus Cristo - Aparições e milagres - Síria Damasco 2. Maria, Virgem, Santa - Aparições e milagres - Síria - Damasco 3. Soufanieh (Damasco, Síria) - Vida religiosa e alfândega I. Mendonça, Katia. II. Título.

21-58935

CDD-232.917

Índices para catálogo sistemático:

1. Jesus Cristo : Aparições e milagres : Cristianismo
232.917

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Kátia Mendonça

Belém-Pará

2021

Capa e imagens: Mário de Oliveira Gouvêa

Apresentação

Foi através do Padre François Brune que chegamos às aparições de Soufanieh¹, que é um bairro de Damasco, na Síria, onde a Mãe de Deus e Jesus Cristo apareceram para uma jovem senhora chamada Myrna Nazzour, pertencente ao rito greco-católico, casada com Nicolas, um homem pertencente ao rito greco-ortodoxo.

Movida pela importância e urgência das mensagens de um fenômeno pouco conhecido no Brasil, em 2020, traduzimos o livro de Christian Ravaz, jornalista escritor francês, fundador do jornal católico *Chrétiens Magazine*, falecido em 2007².

Infelizmente, no mundo atual, quando se fala de aparições de Jesus e de Maria, as pessoas tendem a desconfiar que é o volume de “profetas” e “videntes” que temos nas redes sociais (em especial nestes tempos de pandemia), que colocam dúvida sobre as veracidade das manifestações autênticas. Os eventos de Soufanieh, contudo, foram acompanhados de muito perto por médicos, cientistas, membros da Igreja, padres, bispos, etc. Sua veracidade foi efetivamente comprovada. A profundidade de sua mensagem e os efeitos em torno da difusão das mesmas também são inequívocos.

É importante que tenhamos acesso ao conhecimento desses fenômenos tão ricos, singulares e impactantes

1 Brune, Père François. *La Vierge de L'Egypte*. Paris: Éditions Les Jardins des Livres, 2004.

2 Soufanieh: as aparições de Damasco. Belém-Pará: Marques Editora, 2020, págs. 78-80. Disponível para download em: https://issuu.com/cafemir/docs/as_aparicoes_de_damasco_1
E em <https://www.xn--dilogocomoanjo-wgb.com/> . N.T.

ocorridos na Síria antes da terrível guerra em que mergulhou aquele país. Fenômenos que envolvem visões da Virgem Maria e de Jesus Cristo, manifestações materiais como exsudação de óleo do ícone e das suas reproduções assim como estigmas na vidente Myrna. Ao lado disso, inúmeras curas documentadas em especial pelos Padres Elias Zahlaoui e Joseph Malouli que acompanharam de perto espiritualmente e como testemunhas os fenômenos.

O mais importante, contudo, é atualidade e urgência da mensagem de Soufanieh, tanto em termos proféticos - em um mundo à beira da autodestruição ambiental e da guerra - quanto em termos da mensagem evangélica perene que transmite. Seus principais apelos estão voltados para a unidade dos cristãos do mundo inteiro e para a necessidade urgente da oração.

Os acontecimentos de Soufanieh ocorreram com maior intensidade entre os anos de 1982 e 1987, portanto, **muito antes** da Guerra da Síria. Após isso, ocorreram de modo esporádico até 2017. Este livro do Padre Elias Zahlaoui, que acompanha e cataloga todos os fatos e testemunhos envolvendo os fenômenos desde o seu início, foi publicado originalmente em 1991. Após essa data, os fenômenos envolvendo Soufanieh se repetiram em 2001 e 2004, quando as Páscoas ortodoxa e católica coincidiram. Ocorreram novamente em 2014, em plena guerra e, por último, em 2017, quando da coincidência das Páscoas dos ortodoxos, dos católicos e dos judeus. N.T.

As mensagens de Soufanieh encontram-se no seu site oficial, página em português: <https://www.soufanieh.com/BRESIL/messages.htm>

Myrna, após tudo isso, segue a pregar, testemunhando o que viu e ouviu.

O livro aqui apresentado complementa o de Christian Ravaz, antes mencionado, no sentido de que Pa-

dre Elias Zahlaoui retoma e aprofunda a compreensão de todas as mensagens recebidas até 1991, assim como nos mostra a importância espiritual de Soufanieh.

Hoje, em 2021, não deixa de ser um convite à meditação o fato de que Deus tenha se manifestado de modo tão contundente e maravilhoso não só em Damasco, mas no Iraque, destruído pela guerra e em Aleppo, cidade também totalmente destruída pela Guerra da Síria. Causa-nos espanto o que, em 1991, o Padre Zahlaoui fala acerca do Iraque:

desde os primeiros dias de janeiro de 1991, o óleo está fluindo de uma imagem de Soufanieh em uma das casas em Mosul. Imaginem: poucos dias antes da eclosão da Guerra do Golfo, o Senhor dá este sinal! [...]”. O que o Senhor está preparando no Iraque? O que é certo é que Ele abriu ali uma fonte de óleo que suscitou uma resposta de oração. Isso é o essencial.

Todas essas foram manifestações envolvendo a imagem de Nossa Senhora de Soufanieh e se deram **antes** das guerras que assolariam esses países.

Ao lermos o livro do Padre Zahlaoui compreendemos porque, talvez, a mensagem de Soufanieh, sofre de certo modo, eu diria, uma resistência no ocidente. A meu ver isso se dá porque ela chama à união de todos os cristãos para além das estruturas de poder da Igreja. Essa é, certamente, a grande crítica que subjaz nessas mensagens, conforme o Padre Zahlaoui. É um convite à oração, à união, ao abandono do poder, à volta ao cristianismo primitivo. É também uma séria advertência para aqueles que usam o nome de Deus para se locupletar seja financeiramente, seja politicamente. Ou, como dito por ele:

Não gostaria de fazer um longo comentário sobre isso, mas gostaria de me alongar sobre um ponto em particular: como a Igreja atualmente tem interesse de se fazer serva, em deixar de ser poder, em imitar Maria! Que deixe de ser po-

der! Ela não será realmente uma Igreja, onde quer que esteja, senão no dia em que se tornar uma serva. E uma serva, começando pelos mais pequenos, os mais necessitados, os mais pobres. Enquanto a Igreja quiser flertar com o poder, ela não pode ser uma serva! Haverá servos na Igreja porque ela é o reino. O Senhor quis assim. Mas a instituição como tal corre o risco de se putrefazer, de apodrecer, se a Igreja não for serva.

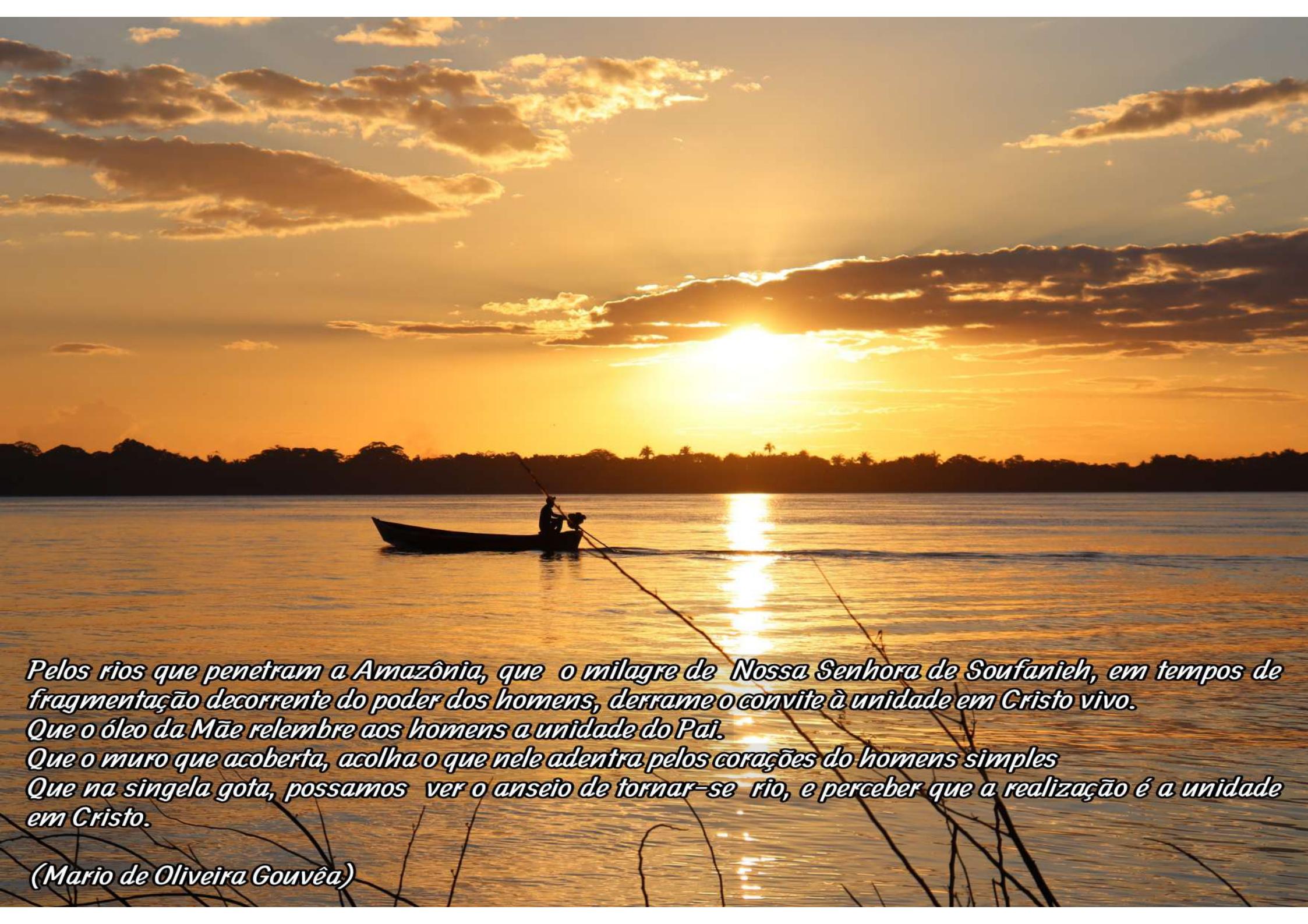
Outro ponto importante é o chamado de Jesus para que tenhamos amor à Sua Mãe, a Virgem Maria: “*Minha filha, ela é Minha Mãe de quem nasci. Quem A honra, Me honra. Quem A nega, Me nega. E quem lhe pede obtém, porque ela é Minha Mãe*”. Por um lado vemos que isso é algo cada vez mais difícil entre cristãos em terras latino-americanas. Por outro lado vemos que, paradoxalmente, na Síria, embora a maioria da população seja muçulmana, há por parte destes um grande respeito pela Mãe de Deus.

Por fim, cremos, como o Padre Zahlaoui, que Soufanieh “deve ser para nós a luz que nos ajudará a enfrentar todas as dificuldades possíveis e imagináveis, todas aquelas que vemos e aquelas que não conhecemos e que podem cair sobre nós”. Quão oportuno e atual se faz recordar isso, em um mundo à beira do terror do Covid, do ódio e dos conflitos que se desenca-deiam. Porém, a nossa grande esperança está no que Ele, Jesus, nos diz em Soufanieh: *Não tenham medo, eu estou com vocês.*

Março, Quaresma de 2021

Katia Mendonça

Professora e pesquisadora da UFPA, UEPA E CNPq



*Pelos rios que penetraram a Amazônia, que o milagre de Nossa Senhora de Soufanieh, em tempos de fragmentação decorrente do poder dos homens, derrame o convite à unidade em Cristo vivo.
Que o óleo da Mãe relembré aos homens a unidade do Pai.
Que o muro que acoberta, acolha o que nele adentra pelos corações dos homens simples
Que na singela gota, possamos ver o anseio de tornar-se rio, e perceber que a realização é a unidade em Cristo.*

(Mario de Oliveira Gouvêa)

Quem é o Padre Elias Zahlaoui

O Padre Elias Zahlawi é conhecido na Síria por sua mente aberta e ativismo para o diálogo inter-religioso. Nascido em Damasco em 1932, ele frequentou escolas na Síria, na Palestina e no Líbano. O padre Zahlawi estudou filosofia e teologia em Jerusalém e na França, antes de retornar a Damasco em 1959 para ser ordenado sacerdote da Igreja Católica Grega Melquita. Desde 1962, o Padre Zahlawi serviu como chefe do Coro Patriarcal e como mentor para jovens cristãos. De 1973 a 1979, lecionou tradução e latim na Universidade de Damasco e, em 1973, tornou-se membro da União de Escritores Árabes.

Em 1977, o Padre Zahlawi fundou o Coro Farah e, três anos depois, criou a tropa de escoteiros “Fursan al-Mahaba”. Ambas organizações ainda são muito ativas nas sociedades síria hoje. Quando a Segunda Intifada Palestina estourou em 2000, ele se tornou membro do conselho executivo do “comitê para apoiar a Intifada e resistir ao projeto sionista”. O padre Zahlawi é um autor prolífico que escreveu extensivamente sobre os assuntos cristãos e árabes, especialmente a questão palestina³.

3

Fonte : <http://www.damascus-foundation.org/about-us/board-ofelders?lang=en#e5>





Myrna Nazzour e Padre Elias Zahlaoui



PRIMEIRA PARTE
MENSAGENS DA VIRGEM
E
DO CRISTO EM SOUFANIEH

Introdução⁴

Os acontecimentos de Soufanieh começaram no sábado, 27 de novembro de 1982, véspera do primeiro domingo do Advento, com uma exsudação de óleo de uma pequena imagem da Virgem, na casa de um casal recém-casado, Nicolas e Myrna Nazzour.

Essa exsudação de óleo também ocorreu nas mãos e em várias partes do corpo da jovem. Finalmente, a partir de 15 de dezembro de 1982, a Virgem se manifestou à Myrna, durante as aparições e depois a Virgem e o Cristo durante os êxtases, na maior parte dos quais Eles lhe entregaram mensagens.

É através das mensagens transmitidas em Soufanieh que podemos realmente compreender o porquê destes múltiplos sinais que o Senhor nunca cessa de nos dar. Devemos lê-los todos na íntegra, meditar sobre eles, para apreender, tanto quanto pode nossa pequena cabeça, o significado total desses acontecimentos.

Eu também diria que não cabe a nós, de início, tentar determinar esse sentido. O significado dos eventos de Soufanieh está no coração d'Aquele que os trouxe. E é o coração do próprio Deus. A reação imediata das pessoas ao óleo que escorria foi a oração. Claro, houve os que criticaram, que recusaram, o que fizeram os mais inteligentes. E que continuam a fazê-lo. Em números reduzidos, cada vez mais reduzidos. Mas o significado mais profundo, não somos nós que o descobrimos, é Deus quem o descobre para nós.

No início, vimos o óleo fluindo e oramos. Então, lentamente, os novos aspectos desse fenômeno nos foram revelados, nas aparições de Maria à Myrna e nos êxtases dos quais Myrna era o objeto; aparições e êxtases geralmente acompanhados de mensagens.

E é aí, nas mensagens tal como as ouvimos, que podemos receber a palavra do Senhor e compreender a verdadeira extensão deste fenômeno que se chama Soufanieh.

Segunda aparição, primeira mensagem

Sábado, 18 de dezembro de 1982

Meus filhos, lembrem-se de Deus, porque Deus está conosco.

Vocês sabem de todas as coisas e mesmo assim não sabem nada.

O seu conhecimento é um conhecimento incompleto.

Mas chegará o dia em que saberão todas as coisas da maneira como Deus me conhece.

Façam o bem àqueles que fazem o mal.

E não façam mal a ninguém.

Eu lhes dei o óleo.

Quero lhes dar algo muito mais poderoso do que o óleo.

Arrependam-se e tende fé.

E lembrem-se de mim na vossa alegria.

Anunciem o Meu Filho, o Emanuel.

*Aquele que O anuncia é salvo, e aquele
que não O anuncia, sua fé é vã.*

*Amem-se uns aos outros. Eu não peço
que dinheiro seja dado às igrejas, nem
que dinheiro seja distribuído aos pobres.
Eu estou pedindo o Amor (em árabe:**al-mahabba**).*

*Aqueles que distribuem seu dinheiro
para os pobres e para as igrejas, mas
não têm o Amor, isso não é nada.
Eu vou visitar mais as casas,
pois aqueles que vão à igreja,
nem sempre vão lá para orar.*

*Eu não peço que vocês me construam
uma igreja, mas um lugar de peregrinação
(em árabe: **mazaran**).*

*Doem. Não privem ninguém,
deem a todos aqueles que pedem socorro.*

Segunda aparição, primeira mensagem

Sábado, 18 de dezembro de 1982

O verdadeiro significado do fenômeno Soufanieh já aparece na primeira mensagem, dada pela Santíssima Virgem durante a segunda aparição. Digo primeira mensagem e segunda aparição porque, na primeira aparição, Myrna ficou tão perturbada que fugiu. Sua cunhada Hélène, acreditando que ela havia enlouquecido, começou a esbofeteá-la. E a Virgem, é claro, não disse nada à Myrna.

Mas, três dias depois, na noite de 18 de dezembro de 1982, a Virgem aparece novamente para Myrna. Esta havia se preparado por meio da oração para recebê-La. E foi aqui que Maria lhe deu uma mensagem, cujo conteúdo, eu diria, constitui o plano, ou um dos múltiplos aspectos deste, que pode ser considerado como o significado dos acontecimentos de Soufanieh. Basta-me lê-la na íntegra, destacando os pontos principais, para que percebam que esta mensagem é realmente um plano e tanto.

Meus filhos, lembrem-se de Deus, pois Deus está conosco. Vocês conhecem todas as coisas e não conhecem nada. Seu conhecimento é um conhecimento imperfeito; mas chegará o dia em que vocês conhecerão todas as coisas, como Deus me conhece. Façam o bem aos que praticam o mal e não façam mal a ninguém. Eu dei a vocês mais óleo do que vocês pediram e vou lhes dar algo muito mais forte do que o óleo. Arrependam-se e tenham fé, e lembrem-se de mim em sua alegria. Anunciem meu filho, Emmanuel. Quem o anuncia é salvo e quem não o anuncia, a sua fé é vã. Amem-se uns aos outros. Não estou pedindo dinheiro para dar às igrejas nem

para distribuir aos pobres. Eu peço amor. Aqueles que distribuem seu dinheiro aos pobres e às Igrejas sem que neles haja amor, aqueles não são nada. Vou visitar mais as casas, porque quem vai à igreja às vezes não vai rezar. Não estou pedindo que me construam uma igreja, mas um lugar de peregrinação. Doem. Não privem ninguém que procure ajuda.

É um plano e tanto. Deus. Deus conosco. Voltam-se para Deus, Ele está conosco. Quer queremos ou não, Ele está conosco. É o Emmanuel.

Em segundo lugar, o que marca um homem é seu conhecimento. E o homem, em nome do conhecimento e da ciência, muitas vezes, acreditou que poderia viver sem Deus. E a Virgem nos disse que, realmente, nós conhecemos. Conhecemos, como acreditamos, tudo. Mas, na verdade, não sabemos de nada. No nível do mundo material, sabemos muitas coisas e ainda ignoramos muitas outras. Mas, no nível do outro mundo, nada sabemos, exceto o que Deus nos revela, como dizia São João. E é por isso que a Virgem repetiu uma frase que já era dita há dois mil anos: *chegará o dia em que vocês conhecerão todas as coisas, como Deus me conhece.* É exatamente o que diz São Paulo (cf. 1 Cor 13,12). Portanto, nossa plenitude de conhecimento se tornará realidade no além.

Terceira coisa: na terra, o que devemos fazer? Faça o bem aos que praticam o mal. O mal está em todo o mundo. Se algo distingue o cristão, é porque, como diz São Paulo, ele triunfa sobre o mal através do bem (cf. Rm 12, 21). E a Virgem nos disse: *Façam o bem aos que praticam o mal e não façam mal a ninguém.* Podemos encontrar mil pretextos para errar. Nossa Senhora nos diz: “Acabou. Sem problemas!”. *Eu lhes dei óleo [...] e vou lhes dar algo muito mais forte do que óleo.* Na verdade, descobrimos mais tarde que o óleo era apenas uma isca, como jogar um anzol para um peixe. E o Senhor nos apanhou, para nos levar lentamente a algo muito mais bonito. Além do óleo, estava Ele. Ele.

Seu amor. Sua presença conosco. E a consequência deste amor e desta presença, o amor que devemos uns aos outros.

E imediatamente a Virgem coloca a nota sobre a penitência: *Arrependam-se e tenham fé.* Diante de Deus, devemos nos arrepender. *Tenham fé e lembrem-se de mim em sua alegria.* É muito significativo. Normalmente, o homem só se volta para Deus quando está com dor, quando está angustiado. Quando ele está alegre, se preocupa muito pouco com Ele. Mas: *Lembrem-se de mim em sua alegria.* Se realmente nos lembrarmos de Deus em nossa alegria, essa alegria será muito diferente da alegria que o mundo nos permite experimentar. Ela será mais pura, mais saudável, mais libertadora, mais amorosa. Portanto, a Virgem não quer uma memória simples. Em árabe, se lembrar de Deus é, antes de tudo pensar Nele, louvá-Lo. É reconhecer sua grandeza, seu amor. É, portanto, viver em sua presença. Na verdade é o termo árabe “*zikroullah*”.

Em seguida, a Virgem, depois deste apelo a nos voltarmos para Deus, à nossa humildade enquanto seres que conhecem, depois deste apelo à necessidade de fazer o bem, de se abster de fazer o mal, depois deste apelo à penitência, à fé, à recordação de Deus na nossa alegria, Nossa Senhora nos lembra de algo essencial, especialmente no mundo árabe: *Anunciem [...]. Anunciem meu filho, Emmanuel.* A Igreja, no Oriente Médio, vive há muito tempo sobre posições adquiridas, que aos poucos vai perdendo. Simplesmente vivendo ao nível de seus fiéis. Ela parou de pensar na possibilidade de evangelizar o grupo fora dos cristãos. Já está tendo dificuldade em cristianizar o pequeno número de cristãos que estão no Oriente Médio. Como ela se importaria com o que poderia ser uma missão além? Agora a Virgem nos diz: *Anunciem meu filho, Emmanuel! Quem o anuncia é salvo, e quem não o anuncia, a sua fé é vã.* Isso nos traz de volta ao que Jesus nos disse há dois mil anos: *“Ide!”.* Nossa razão de ser como cristãos é levar a mensagem.

Depois, a Virgem nos chama ao amor. E ao amor recíproco e mútuo: *Amem-se uns aos outros*. Ela não especificou: “os cristãos”. Ela apenas disse: *Amem-se uns aos outros*.

Então imediatamente Ela aborda uma questão que atormenta a Igreja há dois mil anos, o dinheiro. A Virgem diz, desde a primeira mensagem: *Não estou pedindo dinheiro [...] Eu peço amor*. Quantas vezes o dinheiro é apenas uma saída, uma justificativa para algum tipo de fuga de Deus, pela qual Lhe damos dinheiro e continuamos a levar nossas próprias vidas. A Virgem diz: “Não. Deixe o dinheiro de lado”. E é aqui que vemos realmente como Nicolas e Myrna, no seu sentido mais simples da gratuidade, um sentido espontâneo desde o início do fenômeno, corresponderam de antemão ao pedido da Virgem. E eles continuam até hoje com absoluta intransigência na recusa a qualquer coisa chamada dinheiro. *Eu peço amor*. Deus é amor. Ele não precisa de nada além de amor. A Santíssima Virgem é a mãe de Deus, a mãe de Jesus. Ela não precisa de nada além de amor. Ela nos disse isso desde seu primeiro plano, desde sua primeira mensagem.

Em seguida Ela nos diz: *Vou visitar mais as casas*. Quem ama vai ao outro. A Encarnação é a visita de Deus ao homem, porque amou o homem. A Virgem, que continua a amar os homens porque é a mãe de Jesus, a mãe de Deus, vai nos visitar. Esta frase permaneceu incompreensível para nós. Como Nossa Senhora iria nos visitar? Mas, a partir do dia em que o óleo escorreu de muitas imagens do ícone de Soufanieh, tanto nas casas cristãs como nas muçulmanas, em Damasco, depois em todos os outros lugares, e as pessoas começaram a rezar diante da imagem que lhes dera este sinal, a partir daquele dia percebemos que, de fato, a Virgem estava começando a visitar-nos, de forma tangível. O Senhor não lança suas palavras assim sem mais.

Então a Virgem considerou que haveria uma grande possibilidade de se querer construir uma grande igreja para

Ela, como está acontecendo em quase todos os lugares, porque naquela época, correríamos o risco de nos envolvermos na preocupação em ter dinheiro para construir e esquecer o homem, que é, ele, o Templo de Deus, e que tudo leva ao Senhor. E é por isso que Ela nos disse: *Não estou pedindo que me construam uma igreja, mas um lugar de peregrinação*. Ela nos esclareceu durante um posterior êxtase que, para este lugar de peregrinação, portanto de oração, teríamos que retirar uma pedra do arco da porta de entrada externa da casa, e colocar em seu lugar um ícone da Virgem, com uma pequena palavra de gratidão e agradecimento a Jesus. Isso é o que foi feito. E colocamos uma janela com uma pequena lamparina, acesa noite e dia. Muitas vezes as pessoas que passam em casa param para orar ou até se ajoelham na calçada. Não era incomum para mim ver pessoas, mesmo jovens, ajoelhadas na calçada, quando passavam à noite e viam a porta fechada. Eles estavam orando de joelhos na calçada. É um lugar de oração, não mais do que isso.

E a Virgem termina dizendo: *Doem. Não privem ninguém que procure ajuda*. Deus é um presente. Deus é um dom ou Ele não é nada. E para ser realmente um filho de Deus, você tem que dar. Isso, Myrna e Nicolas entenderam desde o primeiro minuto. Eles abriram suas portas. E até agora, eles não recusaram nenhum pedido. Mesmo à noite, quando alguém chega, a qualquer hora, eles abrem a porta. Eles dão o que podem dar. Primeiro suas boas-vindas. Com uma paciência e um sorriso desconcertantes. Em seguida, uma discrição total. Um apagamento total de si, sem nenhuma pretensão, sem nenhuma vaidade. Eles apresentam o ícone às pessoas e se afastam. E se estas não fizerem perguntas, eles as deixam com a Virgem. É Deus quem tem prioridade.

Então, vejam vocês, que só naquela primeira mensagem há uma espécie de plano. Este é o significado para mim dos acontecimentos de Soufanieh. É claro que, a partir daí, houve em outras mensagens um aprofundamento desse sig-

nificado. Jesus que reivindicou a unidade de sua Igreja, a Virgem que reivindicou a unidade do corpo de Seu Filho. E isso foi dito em palavras comoventes. Comoventes. O Senhor que recordou que foi crucificado por amor aos homens e que deseja que aqueles que nele creem carreguem a sua cruz, voluntariamente, com amor e paciência. Ele lembrou que sem crucificação não há salvação. Que a Igreja é Seu reino na terra. Esta Igreja qualquer que ela seja. Com todos os seus lados negativos e positivos. É o Seu reino na terra. Ele aceitou o homem como ele é, fez dele seu receptáculo e com essa massa humana construiu Sua Igreja. E Ele lhe disse: “Leve-me a todos os homens, em todos os tempos”. E quando o Senhor disse, primeiro pelos lábios da Santíssima Virgem, depois duas vezes Ele mesmo: *A Igreja é o reino dos céus na terra. Quem a dividiu pecou, e quem se alegrou com sua divisão pecou;* ao dizer isso, Ele nos lembrou de uma coisa essencial. A Igreja é o reino de Deus. É o próprio Deus, presente na terra. Este é o significado de Soufanieh, entre outros.

Antes de abordar a segunda mensagem, porém, gostaria de acrescentar uma coisa, sobre a segunda frase da primeira mensagem de Nossa Senhora: *vocês conhecem todas as coisas e não conhecem nada. Seu conhecimento é um conhecimento imperfeito.* Eu gostaria de falar sobre isso. A Virgem reconhece que verdadeiramente o homem sabe algo, Ela aceita que nós sabemos algo. Ela reconhece que o que verdadeiramente honra o homem é o conhecimento que, em última instância, deve conduzi-lo a Deus. Mas, ela também nos diz de forma muito simples: “Seja humilde em seu conhecimento. Mesmo que você saiba, em última análise, você não sabe de nada”. E, sobretudo, em relação à vida futura. O que sabemos sobre isso? Quando alguém vem me dizer, às vezes, pela boca ou nos livros dos teólogos, que o demônio não existe, que os anjos não existem, aos jovens que me dizem: “Tal padre nos disse isso”, eu respondo: “Mas quem esteve no outro mundo para me dizer o que existe lá? Além de Jesus, quem?” Para nós, nossa referência de conhecimento é Jesus.

O Evangelho nos diz, e nós sabemos, que ninguém esteve lá e voltou para nos dizer como é, exceto Jesus. Ele nos diz certas coisas. Não é a nossa cabecinha que vai concluir. Aceitemos que Jesus nos revela uma parte dessa verdade que ignoramos completamente e que um dia conheceremos completamente. Tanto é que a Virgem nos promete, depois de São Paulo, que teremos um conhecimento quase como o de Deus: [...] *vocês conhecerão todas as coisas como Deus me conhece.* É, portanto, uma promessa de elevação do homem a um ponto absolutamente inimaginável. Deus nos promete que seremos muito grandes porque Ele é muito grande e pode nos fazer crescer. Não é porque somos capazes disso. De modo nenhum. Por isso, a Virgem nos convida a buscar a verdade, a saber mais, porém, a ser humildes nessa busca e a reconhecer que a verdade plena reside somente em Deus. E só Ele é capaz de nos dar. Ele nos dará por completo quando estivermos “do outro lado”, se é que posso usar esse termo. Mas, enquanto estamos aqui, Ele nos diz: “Trabalhe. Aumente seu conhecimento. Mas saiba que você sempre estará aquém”. Entendem? E isso é especialmente verdade para nós orientais, especialmente para nós árabes. Sofremos com esse passado e ainda estamos sofrendo com essa hipoteca em todos os níveis, que nós acreditamos um certo tempo que somente a ciência nos salvaria. E muitos ainda acreditam nisso. Fora da ciência, nada existe para eles. Então, dizem para si mesmos, vamos acumular ciência, aumentar nosso conhecimento e resolveremos todos os nossos problemas. Mas não resolveremos todos os nossos problemas dessa maneira. Não. Não devemos fazer da ciência um novo deus. Vamos deixá-la em seu lugar. Só Deus é Deus. E é por isso que gosto muito da declaração dos muçulmanos: **“La ilaha illallah - Não há Deus senão Deus”**. Mas criamos tantos deuses, criamos tantos, que acabamos por considerar o Deus verdadeiro, muitas vezes, infelizmente, como não existindo. Ou como sendo mais ou menos outro deus, como os deuses da ciência e do conhecimento. Não! É por isso que a Virgem disse, em primeiro lugar: *Lembrem-se de Deus.* Lembrar-se

de Deus não é apenas lembrar em memória que Deus existe. É glorificá-Lo, reconhecê-Lo, se reconhecer humildemente diante dEle, implorar Sua graça, viver em Sua presença.

Terceira aparição, segunda mensagem

Sábado, 8 de janeiro de 1983

— A Virgem está a chorar

A Virgem Maria disse apenas uma frase:

— *Não importa.*

E a Mãe de Deus se retirou enquanto sorria

docemente.

Terceira aparição, segunda mensagem

Sábado, 8 de janeiro de 1983

A segunda mensagem dada por Maria, durante a terceira aparição, é uma mensagem que pode parecer muito bizarra. Traduzo textualmente o que está escrito: A Virgem chorou. Ela disse à Myrna: “*Não importa*”. A Virgem disse em árabe dialetal: *Não importa - Maa'lèche*. “**Maa'lèche**” é uma palavra que ouvimos todos os dias, centenas de vezes. Um homem com problemas: “Como vai você? - **Maa'lèche**”. Quer dizer: isso passará! A Virgem disse à Myrna, enquanto chorava: **Maa'lèche**. O texto continua: Myrna também chorava enquanto gritava: “*A Virgem chora*”. Finalmente, a Virgem se retirou, mas antes de desaparecer completamente, ela tinha um sorriso doce. Isso é o que Myrna nos disse. Ela não percebeu que gritava em voz alta ao ver a Virgem: “*A Virgem está chorando*” e ela também chorava.

Esta mensagem pode parecer surpreendente. Por que a Virgem disse: “*Não importa*” na véspera da transferência do ícone para a igreja⁵? No entanto, a transferência foi ordenada pelo Patriarca Hazim e aceita pela família⁶.

Nicolas gostaria que a imagem não fosse transportada apenas para a igreja ortodoxa vizinha, mas também para outras igrejas. E fui eu quem o convenceu a obedecer ao desejo do Patriarca, apresentando-lhe os seguintes argumentos: “Nicolas, é a Igreja que nos faz conhecer Jesus e Maria. A Igreja, para você, agora, é a Igreja Ortodoxa. E, na própria pessoa do patriarca. Então, o que o Patriarca lhe diz é o próprio Senhor quem lhe diz. Fora da Igreja, não sabemos nada sobre isso. É a Igreja a responsável pelo depósito da fé, do Evangelho, dos sacramentos, do próprio Jesus e é ela quem nos leva. Não somos nós que podemos

fazer nossa realidade em nome de Jesus. Portanto, o que o Patriarca lhe diz você cumprirá como uma mensagem vinda diretamente do Senhor. E, enquanto o patriarca quiser que o ícone seja colocado nesta Igreja, você dirá: ‘De acordo’”.

Apresentei também a ele estes outros argumentos: “Só o fato de o ícone ser transportado para a igreja de forma solene, e exposto, já é um reconhecimento de fato. E isso é uma grande conquista, perante a opinião pública, seja ela qual for. Terceira coisa: para você, isso o libertará um pouco. Isso permitirá que você respire. Depois de quarenta e cinco dias em pé noite e dia, você tem o direito de respirar. E, em quarto lugar, quem sabe se, por meio do ícone da Virgem, presente em uma igreja ortodoxa, não se desencadeará uma oração ecumênica como a que foi iniciada em sua casa?”

Diante desses quatro argumentos, Nicolas me disse: “Padre, acabou! Eu concordo completamente”. E a imagem foi transportada. Mas na véspera da transferência da imagem, a Virgem chorou. Myrna e Nicolas não me disseram isso senão alguns dias depois.

Quando ele me contaram, eu disse a mim mesmo: “O Senhor e Nossa Senhora sabem de coisas que nós não sabemos. O que o futuro reserva para nós? Confiemo-lo ao Senhor e à Maria e esperemos com paciência”. O que aconteceu depois, isto é, a devolução do ícone à casa de Nicolas e de Myrna na maior discrição, e a reserva observada até hoje pelo Patriarcado Ortodoxo Grego, nos deu, ao que parece, uma explicação parcial. No final, tudo é graça.

Quarta aparição, terceira mensagem

Segunda-feira, 21 de fevereiro de 1983

Meus filhos, isto é entre nós:

Eu estou de volta.

*Não insultem os altivos que são desprovidos
de humildade.*

*A pessoa humilde anseia pelas observações
dos outros para corrigir as suas falhas.*

*Enquanto o orgulhoso corrompido, subestima,
se revolta, torna-se hostil.*

O perdão é a melhor coisa.

*Aquele que finge ser puro e caridoso
diante dos homens, é impuro diante de
Deus.*

*Tenho um pedido para vocês, umas palavras
que gravarão no seu espírito e
repetirão sem cessar:*

“Deus me salva,

**Jesus me ilumina, o Espírito Santo
é a minha vida, por isso nada
temo”.⁷**

Não é assim, meu filho Joseph?

*Tolerem e perdoem, vocês têm muito menos
a suportar do que suportou Deus Pai.*

Quarta aparição, terceira mensagem**Segunda-feira, 21 de fevereiro de 1983**

Chego agora à terceira mensagem, que completa a segunda. Esta terceira mensagem foi dada logo depois que a imagem foi trazida para casa dessa forma enigmática. Nicolas entrou em confronto com os dois sacerdotes que a trouxeram. Ele lhes disse: “Mas o que ela fez, a Virgem, para ser trazida de volta para aqui? É indigno”. Houve uma violenta altercação. Então, os dois padres se retiraram. Mas, nesse ínterim, o padre Malouli tinha chegado à casa. Ouvindo vozes altas na sala de estar, ele ficou no pátio. Quando os dois padres partiram, Nicolas lhe contou o que acontecera. Então ele pediu a Nicolas que lhe permitisse orar com Myrna na frente do ícone. Eles recitaram uma dezena do rosário. Em seguida, o Padre Malouli fez esta oração no seu coração, que só mais tarde revelou: “Virgem Maria, nos ilumina para que não cometamos erros que comprometam o teu plano”. Pouco depois, ele vê Myrna saindo. Ele termina sua oração e vai embora. Eles lhe dizem: “Ela está no terraço”. Ele sobe e a vê de joelhos. Em torno dela, a família.

E, de repente, ele a ouve dizer algumas palavras, o seu ar é de quem ouve e apenas repete. A mensagem foi transmitida em árabe dialetal e consistia em duas partes distintas. A primeira, nós a dissecamos por pelo menos dois anos. Seu teor era obviamente severo. A mensagem dizia: *Meus filhos*. Vejam, sempre esta palavra: *Meus filhos, isto é entre nós*. Como uma mãe que está aqui para conversar com os filhos. *Eu estou de volta. Não insultem os altivos que são desprovidos de humildade. A pessoa humilde anseia pelas observações dos outros para corrigir as suas falhas. Enquanto o orgulhoso corrompido, subestima, se revolta, torna-se hostil. O perdão é a melhor coisa*. Por mais que sejamos caridosos,

que tentemos ser verdadeiramente caridosos e compreensivos, não poderíamos deixar de ver nessas palavras uma reprovação amarga. Mas também vemos um belo convite da Virgem para não se rebelar, para não atacar, para não acusar, para perdoar. Todo aquele que afirma ser puro e amável diante dos homens é impuro diante de Deus. Esta é a primeira passagem, que conseguimos compreender nesses dois anos.

A segunda passagem é toda uma regra de vida, sempre dita em árabe dialetal: *Eu lhes peço*. Isto é dito em árabe, o que deixa aquele que lê o texto um tanto confuso diante da Virgem. Porque a Virgem parece implorar aos seus filhos algo que Ela gostaria que fizessem: *tenho um pedido para vocês*. Parece um inferior pedindo ao seu superior. Uma palavra que vocês gravarão na memória, que repetirão sempre: “*Deus me salva, Jesus me ilumina, o Espírito Santo é a minha vida, por isso nada temo. Não é isso, meu filho Joseph?*”

Existem duas coisas extraordinárias aqui. Em primeiro lugar, a forma como a Virgem pede aos seus filhos que coloquem esta ideia em mente: Deus. Não tenham medo dos homens. É Deus quem é a Vida, a Luz. Não tenham medo de ninguém que não seja Ele: Ele é a salvação. E, portanto, não se esqueçam Dele. E a segunda: *não é isso, meu filho Joseph?* Isso ocorreu na mesma manhã em que fui proibido de continuar indo a Soufanieh. Uma autoridade religiosa superior havia me notificado pessoalmente. Correram boatos de que o governo tinha me usado para “aproveitar a onda de Soufanieh”, ou seja, para distrair as pessoas dos problemas do país! Era preciso muita imaginação para isso! Eu aceitei esta ordem com o coração ao mesmo tempo em paz e ferido. E avisei à Myrna, a Nicolas e ao meu colega padre Joseph Malouli que não voltaria mais à Soufanieh. Então, naquela noite, quando Nossa Senhora disse ao Padre Malouli: *Não é isso, meu filho Joseph?* O padre Malouli se sentiu responsável de uma forma que o vinculou para sempre a Soufanieh.

Eu considero que esta mensagem dirigida ao Padre Malouli foi um ponto de guinada em todo o fenômeno. Porque o Padre Malouli é um padre que vive em Damasco desde 1940. Sem qualquer suspeita. Um homem de uma integridade e justiça como eu, francamente, nunca vi antes. E um homem idoso. Ele não poderia ser acusado de ter uma tal afeição especial por Myrna, como me foi sugerido. Além disso, por temperamento e formação, o padre Malouli sempre foi alérgico ao maravilhoso. Ele é conhecido por ter combatido ferozmente as muitas manifestações “fantásticas” que ocorreram em Damasco desde 1940.

Por outro lado, embora o conhecesse antes, percebi depois que, do ponto de vista da formação teológica, o Padre Malouli estava cem côvados à minha frente. Realmente. Finalmente, ele tem um dom de que eu estou privado. Por causa da minha memória muito poderosa, eu não escrevi nada, memorizei tudo ou pensei ter feito. Mas não percebi que se tivesse me contentado em memorizar tudo assim, depois de um tempo eu teria perdido muita coisa sobre Soufanieh. O Padre Malouli, desde o primeiro minuto, teve o cuidado de anotar tudo. Tudo. Até os segundos. Tanto que consegui montar um dossiê do qual nos disse um professor de psicanálise, que trabalha na Bélgica, na Alemanha e nos Estados Unidos: “Eu apresentei o dossiê elaborado pelo padre Malouli como sendo o melhor dossiê científico que eu já tive em mãos”. Graças às anotações que ele fazia dia a dia, minuto a minuto, segundo a segundo, algo em que eu nunca teria pensado. Ou talvez eu tivesse pensado nisso depois de alguns meses, mas teria perdido muitas coisas.

Portanto, a minha partida foi benéfica para Soufanieh, porque permitiu a presença do Padre Malouli, que é um sacerdote verdadeiramente excepcional. E a Virgem, aqui, lhe perguntando através da mensagem: *Não é isso, meu filho Joseph?* lhe permitiu compreender algo que não entendíamos naquele altura e que depois nos explicou, revelando-nos a oração

que fizera no coração, pouco antes desta mensagem de Maria.

Portanto, foi a mensagem de 21 de fevereiro de 1983 que realmente prendeu o padre Malouli a Soufanieh. E sua presença em Soufanieh foi decisiva. Vou dar um exemplo. Em 1984, estive em Boston, nos Estados Unidos, com um amigo de Damasco, Antoine Horanieh, doutor em farmacologia. Passei dois dias com ele. E na primeira noite ele convidou um grupo de amigos de Damasco. Jovens emigrantes, infelizmente, que se estabeleceram nos Estados Unidos. Eles passaram a noite toda, até as duas da manhã, me ouvindo falar sobre Soufanieh. Eles estavam lá para ouvir como crianças. Em um ponto durante a palestra, um deles, que eu não conheci em Damasco mas que fora aluno do Padre Malouli, me perguntou: “Padre, existem outros Padres além de você?” Eu compreendi. Diante de tais fatos, por mais que confiemos em quem os conta, às vezes podemos nos perguntar: “Mas ele não está exagerando? Ele não está derrapando? O que ele está nos dizendo?” Então eu entendi e lhe disse: “Sim, o Padre Malouli”. Ele então teve uma reação espontânea muito clara: “Bem, se é o Padre Malouli, acabou!” Ou seja, não há mais dúvidas.

Suportem e perdoem. Novamente o perdão. Vocês suportam muito menos do que suportou o Pai. A palavra Pai, em árabe, “**El Ab**”, é Deus Pai. Na época, não entendíamos. Só mais tarde, por meio de outras mensagens, entendemos que a Virgem dizia, como em outras aparições, La Salette, Medjugorje: “O braço do Pai começa a pesar muito e eu tenho dificuldades em retê-lo”. Isso foi dito. Ora, em uma das mensagens, em 18 de agosto de 1989, a Santíssima Virgem disse à Myrna: *Diz a todos que aumentem suas orações porque eles precisam da oração para apelar ao Pai.*

E Ela nos fez entender, em 21 de fevereiro de 1983, que o Pai está suportando muito. E tudo o que toleramos não é nada comparado com o que Ele suporta por nossa causa. Isso nos traz diretamente de volta à mensagem de La Sale-

tte, à mensagem de Lourdes, à mensagem de Medjugorje e em todos os lugares: o Senhor que nos convida à oração. E, no dia 26 de novembro de 1985, sem explicar o que foi dito pela Virgem, ou o que foi dito em filigranas mas que Ela explicou depois, Jesus disse à Myrna: *Vai à terra onde a corrupção se espalhou e esteja na paz de Deus.* A generalização da corrupção sugere, portanto, que o bom Deus não está feliz.

Quinta aparição, quarta mensagem

Quinta-feira, 24 de março de 1983

Meus filhos,

a minha missão terminou.

Naquela noite, o Anjo me disse:

“Bem-aventurada és tu entre as mulheres.”

E eu só pude lhe dizer que “Eu sou a serva do Senhor”.

Eu sou feliz.

Eu mesma não mereço dizer-lhes:

“Os teus pecados estão perdoados.”

Mas o meu Deus disse-o.

Fundem uma igreja.

Eu não disse: “Construam uma igreja”.

A Igreja que Jesus adotou é Uma Igreja, porque Jesus é Um.

A Igreja é o reino dos céus na terra.

Aquele que a dividiu pecou.

*E aquele que se regozijou com a sua divisão
também pecou.*

*Jesus construiu-a, ela era pequena,
E quando ela cresceu, ficou dividida.*

*Aquele que a dividiu não tem Amor dentro
de si.*

Unam-se!

Eu digo-vos: “Rezem. Rezem. Rezem!”

*Como são belos meus filhos quando se
ajoelham, a implorar.*

Não temam: eu estou com vocês.

Não se dividam como os grandes.

*Vocês, vocês mesmos, ensinarão às gerações
a palavra da Unidade, do Amor e
da Fé.*

Rezem pelos habitantes da terra e do céu.

Quinta aparição, quarta mensagem

Quinta-feira, 24 de março de 1983

Agora vem a mensagem de 24 de março de 1983. Essa mensagem responde a uma intuição popular que as pessoas repetiam, espontaneamente. Está centrada na unidade da Igreja, o apelo à unidade da Igreja. Mas muitas pessoas, por algum tempo, disseram a si mesmas: “Mas o que a Virgem quer com isso?” Ela não está buscando nos unificar? “Eles partiram de um fato muito simples: Myrna é greco-católica e Nicolas é greco-ortodoxo. Então, eles disseram a si mesmos: “Será que a Virgem está tentando nos unir?” É muito simples. De uma lógica desconcertante. Mas foi uma intuição que realmente atendeu à vontade do Senhor.

Posso dar o exemplo de um amigo de Damasco, Adib Mousleh, um valioso intelectual, comerciante, ex-seminarista que tem um grande amor por Jesus e pela Virgem, e que publicou muitos livros. Ele é quem os imprime e os distribui gratuitamente, dizendo: “A palavra da verdade deve chegar às pessoas.” Ele às vezes viaja, especialmente à Europa. Recebendo a visita de amigos italianos, que falam bem o francês, ele lhes falou sobre Soufanieh e os levou lá. E eles lhe pediram um artigo. Ele então escreveu um artigo de nove páginas em francês, que foi assinado em 9 de fevereiro de 1983. Imagine: 9 de fevereiro. Muito antes desta mensagem de 24 de março. Assim, ele termina seu artigo dizendo: “Mas, será que por tudo o que está acontecendo em Soufanieh, e tudo o que provavelmente vai acontecer lá, a Virgem não busca unificar seus filhos? Certamente seria seu maior milagre se ela conseguisse nos unir!” Nas mensagens anteriores, ainda não era colocada a questão de unidade. De modo nenhum. Mas havia uma

intuição popular evidenciada neste artigo, escrito por um amigo, que também viu que todos esses sinais talvez anunciassem um desejo de unificar a Igreja. Uma vontade divina.

Mas, durante a mensagem do dia 24 de março estive presente, de uma forma surpreendente diga-se. Foi durante o período em que prometi não ir mais à Soufanieh. E eu mantive minha palavra. Na noite de 18 de março, Nicolas me telefona dizendo: "Padre, por favor, venha!" Eu vou lá e vejo o óleo saindo do ícone, mas em grande quantidade! As pessoas estavam lá e todas estavam orando. Volto no dia seguinte e conto ao meu bispo. No dia seguinte também o óleo fluui, fluui, fluui ... E nós nos perguntamos por quê? Myrna vem até mim e diz: "Padre, mas tem festa hoje?" Respondo-lhe: "Pelo que sei, não". Ela continua: "Não é possível". De fato, durante os primeiros dois anos, regularmente em certos dias festivos o óleo escorria. Primeiro nas festas de Jesus e Maria. Depois, nas festas de alguns santos, como São Lucas, São José, etc. No dia 19 de março esqueci que era a festa de São José. E que na Igreja Bizantina, era a festa da Virgem do Akáthistos, uma festa muito bonita. Eu tinha me esquecido completamente e disse à Myrna: "Não acho que haja uma festa hoje." Ela vai e depois volta com a folha de um calendário que arrancou, dizendo: "Mas, padre, veja. É a festa de São José, e hoje é a festa da Virgem, a festa do Akáthistos". Eu digo: "Oh! mas é a festa do padre Malouli!" Ele estava lá. Então eu chego e lhe digo: "Feliz aniversário! Nossa Senhora encontrou uma bela maneira de lhe desejar feliz aniversário!" Então, saí para contar ao patriarca e ao meu bispo.

Na noite de 24 de março, assisti a uma peça no salão da igreja e havia prometido ao diretor, como era a última noite, assistir a toda a peça. Tenho prática musical e dramática. Compus peças que foram impressas em Damasco pelo Ministério da Cultura e representadas na Síria e em outros lugares. Portanto, eu amava o teatro. E eu estava lá. Durante um intervalo, enquanto eu conversava com o diretor

e com algumas pessoas presentes, um amigo veio até mim e disse: "Padre, os Nazzours chamam por você". Os Nazzours, ou seja, Nicolas e sua família. Eu poderia ter dito a esse homem: "Tudo bem, vou depois". Principalmente porque prometi ao diretor assistir à peça inteira. O que me fez levantar? Viro-me imediatamente para o diretor e digo-lhe: "Vou ficar um quarto de hora fora e volto". E fui embora de carro com o amigo que me disse: "Os Nazzours chamam por você".

O irmão mais velho de Nicolas abre a porta para mim, dizendo: "Eles estão no terraço". Eu vou lá imediatamente. Nas sombras, posso ver algumas pessoas de joelhos. Eu me ajoelho em um lugar livre. Eu estava bem atrás de Myrna. Faço o sinal da cruz e, depois de um tempo, ouço Myrna repetindo palavras que certamente não vêm dela. Aqui está o que ela disse: *Meus filhos, a minha missão terminou. Naquela noite, o Anjo me disse: "Bem-aventurada és tu entre as mulheres". E eu só pude lhe dizer "Eis a serva do Senhor". Eu estou feliz. Eu mesma não mereço lhes dizer: "Os seus pecados estão perdoados."* Mas o meu Deus o disse. Fundem uma igreja. Eu não disse: *"Construam uma igreja". A Igreja que Jesus adotou é uma Igreja Una, porque Jesus é Um. A Igreja é o reino dos céus na terra. Aquele que a dividiu pecou. E aquele que se regozijou com a sua divisão também pecou. Jesus a construiu, ela era pequena, E quando ela cresceu, ficou dividida. Aquele que a dividiu não tem Amor dentro de si. Unam-se!* Eu lhes digo: *"Rezem. Rezem. Rezem!"* Como são belos meus filhos quando se ajoelham, a implorar. Não tenham medo: eu estou com vocês. Não se dividam como os grandes. Vocês, vocês mesmos, ensinarão às gerações a palavra da Unidade, do Amor e da Fé. Rezem pelos habitantes da terra e do céu.

Foi a quinta aparição e a quarta mensagem das aparições. Vejam como a Virgem se coloca aqui como uma serva. Sempre o mesmo: *meus filhos*. Nós temos muito a tendência de esquecer que somos verdadeiramente filhos de Deus e da Virgem. *Meus filhos, minha missão acabou.* A

Virgem está aqui para cumprir uma missão e depois ir embora. Ela permanece a criatura na dependência do Criador. Apesar de toda a grandeza que o Senhor lhe deu, ela conhece seus limites. Mas é extraordinário pensar nisso.

Isso nos assustou um pouco. Dissemos a nós mesmos que o fenômeno Soufanieh poderia ter acabado. *Minha missão acabou*. Então, talvez fosse como em Lourdes, onde Ela apareceu para Bernadette e depois desapareceu. Então agora ... E para nós foi uma verdadeira tristeza, embora tenhamos ficado muito felizes em ouvir tal mensagem. Mas ficamos profundamente tristes ao pensar que este clima, esta nova vida vivida com Deus e com Maria, através de Maria, poderia, talvez, acabar. Mal podíamos acreditar que isso poderia cessar. Apesar do Padre Malouli ter dito que vivíamos num estado de sonho, que não era realidade mas sim um sonho que nós vivíamos, de fato, tínhamos muita dificuldade em pensar que esse sonho pudesse acabar. Mas a Virgem nos lembrou que ela estava em missão e que a missão estava para terminar. Claro, o que termina aos olhos de Deus não termina aos nossos próprios olhos da mesma maneira. Maria cumpriu uma missão, ela cumprirá outras. E isso acabaria em seguida.

Naquela noite, o Anjo me disse: "Bem-aventurada és tu entre as mulheres." Em alguns textos dos Evangelhos em árabe, esta frase é colocada na boca do anjo. Em outras traduções, foi retirada da boca do Anjo e mantida apenas na boca de Isabel. É por isso que, quando ouvi este texto, corri para a igreja naquela mesma noite para ver, no livro do Evangelho que usamos na missa, se essa frase existia ali na boca do anjo ... ou não. Eu tinha dito a mim mesmo que, se realmente nos Evangelhos em uso agora, não encontramos esta frase, alguns aproveitariam sua ausência para dizer: "Veja que isto não é verdade. Não foi o Anjo que disse isso à Santíssima Virgem. Portanto, não é a Santíssima Virgem que está falando". Vejam como foi necessário navegar por várias águas, para procurar evitar todas as especulações possíveis, todas as acusações possíveis.

E eu só pude lhe dizer "Eis a serva do Senhor". Mas que humildade tem a Virgem! Quanta humildade! Que simplicidade! Ela poderia ter dito mais alguma coisa? *Eu só pude ...* Você vê a construção da frase: só. Ela se sentia tão plena que Sua língua estava presa. Ela não podia mais dizer nada, exceto: *Eis a serva do Senhor*.

Não gostaria de fazer um longo comentário sobre isso, mas gostaria de me alongar sobre um ponto em particular: como a Igreja atualmente tem interesse de se fazer serva, em deixar de ser poder, em imitar Maria! Que deixe de ser poder! Ela não será realmente uma Igreja, onde quer que esteja, senão no dia em que se tornar uma serva. E uma serva, começando pelos mais pequenos, os mais necessitados, os mais pobres. Enquanto a Igreja quiser flertar com o poder, ela não pode ser uma serva! Haverá servos na Igreja porque ela é o reino. O Senhor quis assim. Mas a instituição como tal corre o risco de se putrefazer, de apodrecer, se a Igreja não for serva.

Então a Virgem nos diz: *eu estou feliz*. Ficamos felizes em ouvir alguém maior do que nós nos dizer: "*Eu estou feliz*". Sempre me lembra aquela palavra atribuída a Napoleão: "Soldados, estou feliz com vocês!" Ele estava dizendo isso ou não? Ainda assim, fomos ensinados, quando estudávamos a história da França, que Napoleão conseguiu, por meio de pequenas palavras como esta, galvanizar seus milhares de soldados: "Soldados, estou feliz com vocês!" E a Virgem disse: *Eu estou feliz*. Não é a mandachuva, não é a vizinha, não é uma religiosa. É a Virgem que nos diz: *Eu estou feliz*. Portanto, foi um reconhecimento do nosso modesto esforço em tentar orar, em responder aquilo que o Senhor esperava de nós.

Na verdade, muitas vezes não sabíamos o que fazer. Agora que nos lembramos de certas iniciativas, de certas palavras, dizemos a nós mesmos: "Mas foi Ele quem nos guiou!" Foi o Senhor que nos ajudou dizer tal e tal coisa, quando nós, com nossa estupidez e talvez com nosso amor-próprio

ou com nosso orgulho, poderíamos ter dito ou feito exatamente o contrário. Foi Ele quem nos impediu de nos desviarmos, de escorregarmos ou de nos orgulharmos e, em última instância, talvez até de distorcermos toda a mensagem. Mais uma vez, não temos nada a ver com isso. *Eu estou feliz!*

E então Ela nos diz uma coisa extraordinária: *Eu mesma não mereço lhes dizer: "Os seus pecados estão perdoados."* *Mas o meu Deus o disse.* De fato, duas coisas incríveis. Diante de Deus, o homem que tenha um pouco lucidez sempre se reconhece culpado. Podemos nos esconder, fugir, nos justificar, buscar a justificativa humana, no fundo sabemos que somos culpados. Nós sabemos que somos culpados. E precisamos, diante desse sentimento de culpabilidade, saber que fomos perdoados. E não perdoados por qualquer um. Os homens podem perdoar, eles não conhecem a profundidade de nossa ferida. Eles podem nos dar a ilusão de ter perdoado. Mas, embora iludido, o homem, olhando para o fundo de si mesmo, sempre encontra a ferida do pecado a transbordar. Por isso, ficamos felizes em saber que fomos perdoados, embora não tivéssemos passado pelo sacramento da penitência. Este texto pode parecer uma espécie de fenda aberta no sacramento da penitência. É o Senhor quem perdoa.

Ele quis dentro da Igreja nos perdoar através do canal do sacramento da penitência. Mas se Ele quer também dizer, como no Evangelho, “Teus pecados estão perdoados”, quem pode impedi-Lo? Então, para nós, foi um consolo e uma alegria saber que fomos perdoados, apesar de todas as nossas misérias, de todas as nossas fraquezas e talvez até de todas as nossas estupidezes, cometidas por causa de Soufanieh ou em relação a Soufanieh. E não é Maria quem nos perdoa, é o seu Deus. E Ela, que é a mãe de Deus, sabe que é sempre criatura, que Deus é sempre Deus e que não há Deus, senão Deus. É extraordinário ouvir Maria falar tão simplesmente de verdades tão profundas, tão totais e tão radicais.

E então veio uma frase que pessoalmente me abalou bastante: *Fundem uma igreja. Eu não disse: "Construam uma igreja".* Ela nos conhece, não é? Ela nos conhece em todas as nossas misérias, em todas as nossas fraquezas e em todas as nossas tentações. *Fundem uma igreja.* À primeira vista, reagimos, e podemos sempre reagir, a esta frase, dizendo o seguinte: “Mas quem fundou a Igreja é Jesus”. Ele sozinho é o fundador. Quem somos nós para fundar uma Igreja? E a Igreja, por outro lado, já está fundada. Jesus a fundou há dois mil anos. O que temos agora para fundar uma Igreja? E podemos concluir, como outros já fizeram: “Portanto, não é Maria, não é Jesus que fala, é outro”. E outro é o Diabo. Portanto, deve haver algum deslizamento aqui, alguma clivagem diabólica! Alguns concluíram isso, chegaram a isso.

Mas, olhando mais de perto e dentro da verdade, entendemos o quanto o Senhor vê muito além de nós. Não conseguimos sequer ver a ponta do nosso nariz. Mas Ele vê. E quando Maria disse: *Fundem uma Igreja,* Ela não negou a Igreja, pois, dois minutos depois, Ela disse: *A Igreja é o reino dos céus na terra.* E a Igreja, foi Jesus quem a construiu. Mas a Igreja está dividida. E, porque ela está dividida, porque é dividida, ela é incapaz de testemunhar como deve ser testemunhado. Portanto, “Eu estou ordenando que vocês refaçam uma Igreja que seja Uma e que seja a Igreja de Jesus. A Igreja de Jesus existe, mas vocês agora estão tão espalhados, tão dispersos, tão dilacerados, que não constituem uma Igreja”.

E de fato, por mais que finjamos, mesmo aqui no Ocidente, que a Igreja é Una e que é a Igreja de Jesus, bem,せjamos francos e honestos conosco mesmos, antes de o sermos com o Senhor e com Maria, a Igreja não é o que deveria ser. Somente uma Igreja pode dar testemunho de Jesus. E é por isso que Jesus disse na sua oração depois da Última Ceia: “Para que todos sejam um, e o mundo creia que Tu me enviaste” (Jo 17, 21). Em quem o mundo deve acreditar? As diferentes igrejas católicas? As diferentes igrejas ortodoxas?

As diferentes igrejas protestantes? As milhares de seitas que falam em nome de Jesus? Em quem é o mundo deve crer? E quando a Virgem disse: *Fundem uma igreja. Eu não disse: "Construam uma igreja". A Igreja que Jesus adotou é uma Igreja Una, porque Jesus é Um.* Ela deixou claro que ela não quer uma igreja. Ela havia dito isso antes: “*Não, eu não quero uma igreja. Quero um lugar de oração*”. *Fundem uma Igreja* significa unir-se, buscar unir-se para ser Igreja.

E a Virgem esclareceu: *A Igreja que Jesus adotou é uma Igreja Una, porque Jesus é Um.* Ele poderia ter adotado outra. Pela palavra adotado, até nos perguntamos: “Foi isto que a Virgem falou?” Ouvimos a fita novamente, porque o padre Malouli, a partir da data de 21 de fevereiro, adquiriu um gravador alimentado por bateria. Ele havia dito a si mesmo: “Se houver outras aparições e outras mensagens, então registraremos tudo”. E, de fato, tudo foi registrado. E ouvimos a gravação novamente. Isso é bom: *a Igreja que Jesus adotou é uma Igreja Una.* Ele poderia ter adotado outra. É Ele quem é o A e o Z. E a Igreja é Una porque Jesus é Um.

Claro, quando falamos em fundar uma Igreja, trata-se de compreender as palavras. Vislumbrar a fundação de uma Igreja é vislumbrar a revisão de tudo o que atualmente leva o nome de Igreja. Não para questionar as igrejas existentes: elas são o Corpo de Jesus Cristo. Mas, elas não são o que deveriam ser. Elas devem reencontrar a sua unidade para testemunhar a unicidade de Jesus.

E assim, seis anos e meio depois, no domingo, 26 de novembro de 1989, a Virgem disse à Myrna: *Meus filhos, Jesus disse a Pedro: Vós sois a pedra e sobre ela edificarei a minha Igreja. E eu digo agora: Vocês são o coração sobre o qual Jesus construirá a sua UNICIDADE.* Portanto, a Igreja, em última análise, não é a pedra. Não são as diferentes igrejas que estão próximas umas das outras, uma ao lado da outra, Católica, Ortodoxa, Greco-Católica, Greco-Ortodoxa, Siríaco-Católica,

Siríaco-Ortodoxa ... Todas estas são células da Igreja que deve ser uma. Mas a verdadeira Igreja são os corações dos crentes. É a unidade de todos os crentes juntos, que devem através de sua unidade de coração constituir a unicidade de Jesus.

E é por isso que a Virgem disse, na mensagem de 26 de novembro de 1989: *Jesus disse a Pedro: Vós sois a pedra e sobre ela edificarei a minha Igreja. E eu digo agora: Vocês são o coração sobre o qual Jesus construirá a sua UNICIDADE.* Nossa Senhora quer nos levar além do que é uma instituição externa. Sem negar a instituição. Porém, reivindicando uma única instituição, que expressa a unidade de corações, esta unidade que deve ser a verdadeira Igreja que Jesus quer e que quer presente no meio do mundo, para que, através desta unidade, as pessoas vejam Jesus, venham a Jesus, acreditem em Jesus. Vejam como as coisas se encadeiam.

Jesus a construiu. Esta frase é tão simples, mas ao mesmo tempo tão grande! *A Igreja é o reino dos céus na terra. Aquele que a dividiu pecou. E aquele que se regozijou com a sua divisão também pecou.*

Isso me lembra de um caso que aconteceu comigo aqui em Paris. Um dia, há quatro anos, o padre Jean Maksud, atual diretor da “Oeuvre d’Orient”, me convidou para conhecer a equipe do “Peuple du Monde”, da qual ele era o diretor, para falar um pouco sobre Soufanieh. Eram, creio eu, treze ou quatorze pessoas. Certamente havia padres entre eles, mas, por suas vestimentas laicas, não os reconheci. E também havia uma ou duas senhoras e uma jovem. Durante três quartos de hora, eu lhes falei um pouco sobre o fenômeno, após uma breve introdução durante a qual lhes disse: “Peço-lhes que ponham de lado todos os seus critérios cartesianos e procurem me ouvir como testemunha de algo que vi e que ouvi, como vejo vocês agora. A seguir vocês estarão livres para acreditar ou para recusar”. Então, eu expliquei um pouco o fenômeno a eles e citei algumas mensagens. Entre outras, esta:

A Igreja é o reino dos céus na terra. Quem a dividiu pecou [...]. Depois que terminei, um dos padres disse: “Esta mensagem é contrária à teologia do Vaticano II, porque a Igreja não pode ser o reino dos céus na terra. Ela será, no céu, o reino completo de Deus. Mas sobre a terra, ela não pode ser”.

Houve também outras oposições, outras objeções. Entre outras coisas, alguém objetou que a frase de Jesus à Myrna: *Eu quero [...] que tu te dediques à oração e te despreze, pois aquele que se despreza aumenta em força e em elevação da parte de Deus*, era inaceitável, porque Deus não pode pedir que nos desprezemos. Eu respondi: “Mas toda a espiritualidade da Igreja, especialmente a espiritualidade oriental e a espiritualidade dos Padres, nos chamam a um apagamento total nosso diante da grandeza de Deus”. E para quem achava que a mensagem citada era contrária à teologia do Vaticano II, eu lhe disse: “Escute, padre, eu não sou teólogo e não estou aqui para discutir. Mas um dia eu vou lhe dar uma resposta”. E no mesmo dia em que voltei a Damasco, encontrei o Padre Malouli. Eu lhe fiz um relato de minha viagem e, entre outras coisas, citei essa objeção. Ele respondeu: “Mas, encontramos esta frase tal e qual em Santo Agostinho e São Basílio!” Eu lhe pedi: “Dê-me a referência”. Ele me disse: “Você a encontrará no livro do Padre de Lubac, Catolicismo. Não sei mais em qual página. Procure-a!” Ora, eu tinha o livro do padre de Lubac. Naquela mesma noite, folheei página por página e cai efetivamente sobre as passagens de Santo Agostinho e São Basílio onde se diz assim: *A Igreja é o reino dos céus sobre a terra*. Assim mesmo. Então, fotocopiei a página. Escrevi uma carta ao Padre Maksud dizendo-lhe: “Por favor, dê o texto a quem se opõe a esta frase”. Vejam, são frases que chegam até nós com tanta simplicidade e que foram ditas por Padres tão grandes como Santo Agostinho e São Basílio. E se vem agora nos dizer que não é possível! Mas foi a Virgem quem disse isso ...

Apesar de todas as suas misérias, e só Deus sabe se nela tem havido, nós conhecemos alguma coisa da Igreja,

mas o Senhor, certamente, a conhece mais. A Igreja portanto, a despeito de todas as suas misérias, que são muito dolorosas, Jesus quis que ela fosse Sua presença na terra. E a presença de Deus na terra é o reino dos céus na terra. E, por meio dessa presença, a Igreja, por mais deficiente que seja, realiza a santificação dos homens. Santificação que vemos em grau extraordinário nesta ou naquela figura de santo.

Portanto, a Igreja é o reino dos céus na terra. Quem a dividiu pecou [...]. Quem a dividiu. Muitos são os que a dividiram. E, até hoje, nós todos continuamos a dividi-la.

Algum tempo atrás, um padre francês veio me ver, um padre ortodoxo, convertido à ortodoxia. Passamos duas horas e meia conversando sobre Soufanieh. Foi a primeira vez que o vi. Enquanto lia para ele as mensagens, às vezes, eu via seus lábios se moverem. A certa altura, parei e lhe disse: “Você está orando, Padre?” Ele respondeu: “Sim. Porque essas mensagens significam algo para mim. Essa é a minha vida. E agradeço ao Senhor por nos ter lembrado com palavras tão simples de tão grandes verdades”. E, antes de sair, ele me disse: “Agradeço-te sobretudo, porque através destas mensagens, percebi que também pequei por não orar o suficiente ...” então, corrigiu: “... por não orar sobretudo pela unidade da Igreja. De agora em diante, vou orar pela unidade da Igreja”.

Todos nós somos responsáveis por dividir a Igreja. Portanto, quem a dividiu pecou. Não apenas no passado. Quem continua a dividi-la agora. E quem se regozijou com sua divisão pecou. Portanto, imagino que a Virgem, que conhece tão bem os corações dos homens, alcança com esta palavra todos aqueles que encontram na divisão da Igreja, na destruição da Igreja, no aniquilamento da Igreja, sua alegria ou seu lucro. E acredito que Ela alcança aqui uma ampla gama de pessoas, no presente, no passado e no futuro.

Sempre haverá pessoas que se alegrarão, talvez até

acreditando que estão agindo bem, com a divisão da Igreja e que talvez trabalhem para aprofundar essa divisão na Igreja. Nossa Senhora aqui lembra a todos que eles são responsáveis. Por fim, Ela nos diz: Vocês são responsáveis pela presença de Deus em seu meio. A Igreja é a presença do Senhor entre vocês. Vocês são responsáveis pela vida de Deus. Imagine a que distância a Virgem nos leva! Eu, como padre que sou, qualquer homem por mais miserável que seja, sou responsável pela vida de Deus sobre a terra! Ela, a Virgem nos faz crescer muito.

E, no entanto, sabemos como somos pequenos e miseráveis. Mas aí eu descubro o quanto o Senhor quer que sejamos grandes, apesar de nossa obstinação em querer permanecer pequenos. Ele nos quer grandes além de toda magnitude. Finalmente, Ele nos fez Seus filhos. Exatamente o que já dizia São João, no prólogo do seu Evangelho. Deus faz dos homens seus filhos. Isso me lembra as palavras do santo russo, Serafim de Sarov, a seu amigo Motovilov que teve a visão de Serafim em estado de irradiação luminosa. São Serafim começou por lhe perguntar qual é o propósito da vida do homem. Motovilov não conseguiu responder. Por fim, São Serafim disse-lhe: “O verdadeiro objetivo da vida cristã é tornar-se receptáculo do Espírito Santo”. Portanto, finalmente, tornar-se filho de Deus, Templo vivo do Espírito, como dizia São Paulo (cf. Rm 8,16; 1 Cor 3,16). Quer queiramos ou não, quer estejamos na lama ou tentando nos tornar santos, através de Deus nós somos grandes, e muito grandes, maiores do que pensamos. E se Soufanieh tem algo a nos dizer é nos relembrar de nossa grandeza essencial. Nos recordar de nossa grandeza essencial.

Então, a Virgem nos diz algo que pode nos deixar confundidos: *Unam-se!* Mas, Virgem Maria, se eu sou incapaz de me unir comigo mesmo, como você quer que eu me una com os outros? Na mesma casa, nós vemos quantas divisões existem entre marido, mulher e filhos. Na sociedade, é o colapso geral, mesmo no Oriente Médio. Como podemos ficar juntos? Como, Virgem Maria, podemos estar juntos, senão nos refugiando

no Senhor? E sabemos que quando o Senhor dá uma ordem, Ele dá os meios para cumprir essa ordem. É a oração de Santo Agostinho ao Senhor: “Dê o que você manda!” É extraordinário como uma frase: “Senhor, dê o que tu ordenas!” O Senhor não nos manda fazer o impossível. É impossível para nós, mas ao nos dar a ordem, o Senhor nos dá a graça de cumprir essa ordem. É esplêndido. Mais uma vez, Ele nos torna maiores.

E na concretude da divisão das Igrejas, na concretude da dilaceração das Igrejas, este convite da Virgem que nos diz: *Unam-se!*, é também uma missão de grandeza, tanto para nós como para os outros, como é este esforço de unificar a Igreja. Mesmo se momento não se veja lá grandes coisas.

Isso me lembra um amigo de Damasco que, em 1988, insistiu fortemente que constituíssemos um grupo de trabalho, a fim de colocar em prática passos concretos que nos conduzissem no caminho da unidade da Igreja. Asseguro-lhe que, francamente, não vi muito o que fazer, exceto orar. E especialmente por meio de minha experiência pessoal. Eu percebi centenas de vezes que existem obstáculos humanos que são quase intransponíveis, senão realmente intransponíveis. Porém, quando este grupo exigiu um esforço de concretização da unificação, daquilo que a Virgem nos pede, acabamos por concordar em tentar nos encontrar e refletir juntos. E é quando uma mensagem chega até nós, no sexto aniversário de Soufanieh, 26 de novembro de 1988. Jesus disse à Myrna, e a nós através de Myrna: “*Meus filhos, Tudo o que vocês fazem, é feito por Meu amor? Não digam: que faço? Porque isso é obra Minha. Vocês devem jejuar e orar, porque na oração se encontrarão em face da Minha Realidade (Verdade) e suportarão todos os golpes.*” Eu lhes asseguro que isso foi uma espécie de revelação para nós. Acreditamos poder descobrir o que há a fazer. E certamente há o que fazer.

Mas, no fundo, além de uma oração que nos coloque frente a frente com o Senhor, frente a frente com nos-

sas misérias, e que fundamentalmente nos prepare para esta conversão que permitirá nos unirmos ao Senhor e ser uma pedra viva no corpo unificado de Jesus, fora desta oração sustentada por um jejum, nos perguntamos o que podemos fazer de concreto em nossa situação no Oriente Médio ... Isso foi uma revelação para todos. E isso nos levou a orar mais e a praticar um jejum que levou mesmo alguns a jejuar como a Virgem pediu em Medjugorje. As coisas se conectam. Jejuar a pão e água, na quarta e na sexta-feira.

Logo, quando a Virgem nos diz: *Unam-se! Eu lhes digo: orem, orem e orem!*, pelo simples fato de que depois da frase *Unam-se*, Ela repete três vezes *orem*, Ela parece nos dizer: “Não procurem nada mais além da oração. Na oração vocês têm Deus, e com Deus vocês farão tudo”. Caso contrário, estamos nos enganando. Caso contrário, procuramos rotas de fuga. Talvez com toda a franqueza, com a melhor das intenções. Mas corremos o risco de nos perder e não fazer o que o Senhor quer.

E é por isso que, depois de ter dito: *orem, orem e orem!*, a Virgem continua: *Como são belos meus filhos quando se ajoelham, a implorar*. Ela poderia não ter dito essa frase. Pessoalmente, quantas vezes, ao entardecer, quando chego em casa, exausto, literalmente exausto, tenho apenas um desejo, fazer o sinal da cruz e depois me deitar, dizendo: “Senhor, eu me abandono a Ti.” Mas imediatamente me lembro das palavras da Virgem. E eu digo, “Bom, eu vou me ajoelhar, mesmo que apenas por um segundo, para agradar à Maria, mesmo que apenas por este segundo”. É claro que o segundo dura um pouco, porque penso: “Há tanta tristeza no coração da Virgem, que devemos tentar, mesmo assim, trazer-Lhe uma certa alegria. E se Ela nos disse que estava feliz em nos ver ajoelhados em oração, vamos dar essa alegria a Ela”.

É assim para mim, e estou certo de que milhares de outros que leram as mensagens se lembram desta frase de Maria. E que esta frase os convida de vez em quando, a agradar

à Maria, a se ajoelhar. E, uma vez que você está de joelhos diante de Deus, muitas coisas desaparecem. Porque, no final, ficamos de joelhos diante de muitos homens. Estamos de joelhos diante de tudo, exceto de Deus. É hora de se ajoelhar diante de Deus e se levantar diante de tudo, contra tudo mesmo, se necessário, mas com Deus. É o único que nos liberta.

E é por isso que Ela diz: *Não tenham medo, Eu estou com vocês. Não tenham medo!* No entanto, há um motivo. Há um motivo, acreditem-me! O fenômeno Soufanieh surgiu em um momento em que, na própria Síria, a situação deixava a desejar. As emoções de natureza confessional, sobre os quais não sabíamos muito na Síria, e que, de certo modo, desapareceram durante algum tempo, começaram a ressurgir de 1958 a 1960. E desde então só cresceram lentamente. A chegada de Khomeini ao Irã teve muito a ver com esse tipo de aumento do fundamentalismo. E, com a guerra no Líbano chegou ao auge. Mais recentemente, o que foi chamado de crise e guerra do Golfo realmente não ajudou a diminuir essa efervescência confessional. E quando há fundamentalismo de um lado, frequentemente há fundamentalismo do outro. Em última análise, é o jogo do péndulo e tal jogo não é feito para trazer paz, amizade ou verdadeira assistência mútua entre os homens. Pelo contrário, corre o risco de dividir as pessoas e, mais do que isso, corre o risco de fazer com que aqueles que estavam muito próximos se afastem lentamente uns dos outros. E isso nós o vemos, infelizmente. Agora, Nossa Senhora nos diz: *Não tenham medo, eu estou com vocês.*

Quando você pensa que, às vezes, algumas pessoas, por fazerem amizade com alguém em posições elevadas, adquirem um sentimento de segurança, de poder, ao passo que essa pessoa de quem elas derivam tal sentimento de segurança pode, um belo dia, estar completamente no chão, por que não pensar que do Senhor e que somente Dele você pode tirar a verdadeira paz? Só com Ele temos a paz, a verdadeira paz, apesar de todos os condicionamentos que podem ser

perigosos, graves, incertos ... Só Ele é capaz de dar esta paz.

Nossa Senhora nos disse: *Não tenham medo, eu estou com vocês.* E descobrimos que, realmente, Ela está conosco. Ela tem estado conosco em Soufanieh. E creio que cada um de nós, quando se volta realmente para si mesmo e revê um pouco de sua vida, inevitavelmente deve dizer : “O Senhor estava comigo sem que eu percebesse”. Jesus também o disse, durante a mensagem que deu à Myrna, em 26 de novembro de 1988: *Rezem por aqueles que se esqueceram da promessa que me fizeram, porque eles dirão: Por que não senti a tua presença Senhor, apesar de Tu estares comigo?* Temos a tendência de esquecer do Senhor ... Mas Ele não se esquece de nós. Isso me lembra as palavras do profeta: “Mesmo que a mãe esqueça o filho que está amamentando, eu não te esqueceria nunca!” (Is 49:15).

Portanto, nos diz a Virgem: *Como são belos meus filhos quando se ajoelham, a implorar. Não tenham medo, eu estou com vocês.* Não é a primeira vez que Ela nos diz: *não tenham medo, eu estou com vocês.* Ela é a mãe do Senhor. E nos dará provas tangíveis nos próximos nove anos. Porque, em Soufanieh, só aconteceram alegria, fé, felicidade e amor. Portanto, *não tenham medo!*

Ela sabia, a Virgem, que se pode ter medo. Medo em um nível humano, é claro. Mas Deus também dá medo. Deus também. Não é bom lidar com Deus. Sabemos algo sobre isso por meio das figuras extraordinárias do Antigo e do Novo Testamentos. Não se pode ver Deus e sobreviver. Com Deus, devemos morrer. Você realmente tem que morrer, para tudo, para si mesmo. Para renascer com Ele. E a morte é assustadora. Portanto, existe um medo real de Deus. E, com Deus, devemos mudar. Entretanto, não gostamos de mudar, nós nos acomodamos. Isso é o que, às vezes, me faz dizer que muitos daqueles que recusam Soufanieh depois de tantos sinais, o recusam porque temem a mudança que

Deus exigiria deles no dia em que reconhecerem Sua presença no fenômeno de Soufanieh. Eu digo isso sem intenção de julgar ninguém. Só Deus conhece as consciências. Só Deus as julga. Mas aí, atrevo-me a dizer, porque é um fato: o homem gosta de se acomodar. Ele não quer mudar. E a grande mudança é quando Deus o invade, não lhe deixa mais nada.

E a Virgem termina com três frases. A primeira: *Não se dividam como os grandes.* Quem é grande diante de Deus? Nossa Senhora usa nossas palavras. Os grandes para nós são aqueles que têm uma certa responsabilidade, às vezes são os ricos, são os poderosos neste mundo. Mas, diante de Deus, somos todos coisas pequenas. Se Ela, a mãe de Deus, se autodenomina serva, que dizer dos homens, sejam eles quem forem, por mais poderosos que sejam, por mais ricos que sejam, por mais eruditos que sejam? Mas Maria usa a nossa linguagem. Portanto, *não se dividam como os grandes.* Divididos por causa de quê? Por causa de interesses que nada têm a ver com Deus.

Então, de repente, a Virgem nos disse algo que Jesus nunca cessou de repetir: *Vocês, vocês mesmos, ensinarão às gerações A PALAVRA da Unidade, do Amor e da Fé.* Nossa Senhora não disse “as palavras”, mas “a palavra”. Vocês ensinarão. Quando ouvi e pensei sobre isso, imediatamente me referi à palavra de Jesus: “Eu sou a luz do mundo” (Jo 8,12) - “Vós sois a luz do mundo” (Mt 5,14). Imagino os apóstolos dizendo uns aos outros: “Nós, a Luz do mundo? Mas, quem somos nós para ser a Luz do mundo?” Quem somos nós? Nós, ensinarmos às gerações? Mal conseguimos aprender alguma coisa. Ensinar às gerações: a missão parece ir muito além de todas as nossas possibilidades. Mas apenas essa palavra nos permite adivinhar que o Senhor está conosco e que é Ele que se encarrega de ensinar as nações por meio de nossa mesquinhez, de nossas misérias e de nossa pouca inteligência.

A PALAVRA: é muito importante notar que em três ocasiões, Maria e Jesus usam esta frase: *Vocês, vocês mesmos, ensinarão às gerações a PALAVRA da Unidade, do Amor e da Fé.* Para entendermos as coisas nós costumamos dissecar, separar palavras e ideias. Aqui, Maria e Jesus unem tudo. E, se você pensar um pouco sobre isso percebe, se assim posso dizer, que Eles estão absolutamente certos. Podemos encontrar uma unidade que não seja baseada no amor? Só o amor une. E amor é confiança em quem nos ama. Ou seja, fé naquele que nos ama. Quando sei que o Senhor me ama, quando realmente acredito que Ele me ama, nesta certeza do Seu amor permaneço em coesão comigo mesmo. Eu permaneço unido em mim mesmo. É aqui que vejo a perfeita unidade entre essas três palavras, unidade, amor e fé.

E, na Igreja, a unidade só pode ser alcançada no amor. E o amor só pode surgir da certeza de Seu próprio amor por nós. Não o nosso miserável amor por Ele. Nós somos capazes de vendê-lo a qualquer minuto. E de justificar qualquer venda que operemos sobre Deus. De mil e uma maneiras. Mas Seu amor por nós é sólido, a ponto de ser eterno! São Paulo disse: “Deus é fiel.” Fim. Isso não muda. Somos nós que somos mutáveis. Eu, pessoalmente, sabendo que Deus me ama, a partir desta certeza do Seu amor, posso manter, com a Sua graça, a minha coesão comigo mesmo. E o que se aplica ao indivíduo se aplica ao pequeno grupo e pode se aplicar ao grande grupo que é a Igreja. É por isso que o Senhor insiste tanto na PALAVRA da unidade, do amor e da fé.

Então a Virgem, mais uma vez, nos convida a rezar: *Rezem pelos habitantes da terra e o céu.* [...] Os habitantes da terra e do céu. Habitantes da terra, nós entendemos. Mas habitantes do céu? A construção da frase árabe pode significar: “Rezem aos habitantes do céu”, no sentido de “implorem as suas orações”. Mas também podemos compreender no sentido daqueles que estão a caminho, que foram adiante e estão a caminho do céu, lá no que se chama de Purgatório,

esta etapa de preparação para a visão divina, etapa de purificação essencial. Compreendo que, nesta perspectiva, Nossa Senhora também nos diga: “*Rezem por aqueles que habitam o céu*”. Ou seja, orem por aqueles que estão a caminho do céu. Enfim, por todos os nossos falecidos. Para aqueles que vieram antes de vocês e para vocês mesmos quando vocês estiverem lá também. Portanto, a oração da Virgem não pode excluir ninguém. [...] *Os habitantes da terra e do céu.* Não pode excluir ninguém. Finalmente, na oração, o homem se deixa dilatar por Deus às dimensões de Deus mesmo!

Mensagem do Cristo à Myrna no dia da Ascensão, em 31 de maio de 1984

Os êxtases, primeiro período

Sexta-feira, 28 de outubro de 1983

A Virgem Maria diz à Myrna:

Não tenhas medo, tudo isso está acontecendo para que o nome de Deus seja glorificado.

Sexta-feira, 4 de novembro de 1983

A Virgem Maria diz à Myrna:

Desce e diz-lhes que és minha filha antes de ser filha deles

Meu coração se consumiu pelo meu único filho.

Ele não vai se consumir por todos os meus filhos.

Sexta-feira, 25 de novembro de 1983

A Virgem Maria diz à Myrna:

Eu não vim para separar.

Tua vida de casada continuará como está.

Minha filha,

Eu sou o Princípio e o Fim.

Eu sou a Verdade, a Liberdade e a Paz.

Eu te dou a minha Paz.

Que tua paz não repouse sobre a língua das pessoas, quer falem bem, quer falem mal e pensem mal de ti.

Aquele que não busca a aprovação das pessoas e que não teme a desaprovação, goza de paz verdadeira.

E isso se realiza em Mim.

Vive tua vida, de modo suave e independente.

Que as fadigas por causa de Mim, não te abalem.

Em vez disso, alegra-te.

Eu sou capaz de te recompensar.

Tuas agruras não se prolongarão e tuas dores não durarão.

Ora com adoração pois a Vida eterna merece esses sofrimentos.

Ora para que a vontade de Deus se cumpra em ti, e diz⁸:

⁸ Esta oração, ensinada por Cristo à Myrna, ficou sendo a oração de Soufanieh, rezada diariamente e divulgada em todo o mundo. N.T.

Concede-me de repousar em Ti,

acima de todas as coisas,

acima de todas as criaturas,

acima de todos os teus anjos ,

acima de todo louvor,

acima de toda alegria e exultação,

acima de toda glória e dignidade,

acima de todas as hostes celestiais.

Só tu és o Altíssimo, só tu és Poderoso

e Bom acima de tudo.

Vem até mim e me consola,

liberta-me das minhas correntes,

e concede-me a liberdade,

pois sem Ti a minha alegria é

incompleta,

sem Ti a minha mesa está vazia”.

Então eu virei te dizer:

“Aqui estou eu, porque me convidaste”.

Sexta-feira, 7 de setembro de 1984

A virgem Maria diz à Myrna:

Vive tua vida.

No entanto, não deixe que a vida te impeça de continuar orando.

Quarta-feira, 01 de maio de 1985

Meus (pequenos) filhos, “awladi”, unam-se.

Meu coração está ferido.

*Não deixem meu coração ficar dividido
por causa de suas divisões.*

Domingo, 4 de agosto de 1985

A Igreja é o reino dos céus na terra.

Quem a dividiu pecou e quem se alegrou com sua divisão pecou.

Estou feliz: não temas, eu estou contigo.

Em ti eu educarei minha geração.

Quarta-feira, 14 de agosto de 1985

Boa festa. É minha festa, quando vejo todos vocês reunidos.

É minha festa, quando vejo todos vocês reunidos.

Sua oração é minha festa.

Sua fé é minha festa.

A união de seus corações é minha festa

Sábado, 7 de setembro de 1985, mensagem do Cristo

Eu sou o criador. Eu a criei para ela me criasse.

Alegrai-vos na alegria do céu, porque a filha do Pai e a mãe de Deus e a noiva do Espírito nasceu.

Exulte de alegria a terra, pois a sua salvação foi alcançada.

Terça feira, 26 de novembro de 1985

Minha filha,

- Tu queres ser crucificada ou glorificada?

- Glorificada.

Jesus sorriu e disse:

- Tu preferes ser glorificada pela criatura ou pelo Criador?

- Pelo Criador.

- Isto é conseguido através da crucificação. Pois sempre que tu olhas para as criaturas, o olhar do Criador se afasta de ti.

Eu quero que tu, minha filha, te dediques à oração e te desprezes. Aquele que se despreza, aumenta em força e elevação da parte de Deus.

Eu fui crucificado por amor a vocês. E eu quero que vocês carreguem a cruz por mim, voluntariamente, com amor e paciência, e esperem pela minha vinda. Quem quer que participe comigo do sofrimento, eu o farei participar da glória. Só há salvação através da cruz.

Não tenhas medo, minha filha. Eu te darei de minhas feridas o suficiente para pagar as dívidas dos pecadores.

Esta é a fonte na qual cada alma sacia sua sede.

E se minha ausência for prolongada e a luz desaparecer para ti,

Não temas, isto será para minha glorificação.

Vai à terra, onde a corrupção se espalhou. E estejas na paz de Deus.







Dir-se-ia que, diante da opacidade do mundo atual, diante de sua recusa massiva de uma dimensão espiritual, o Senhor se faz intensamente presente. Ele se faz mais persistente do que nunca, enviando sinais físicos tangíveis que ninguém pode negar. Em Damasco, ele envia o sinal do óleo, óleo que sai de uma pequena imagem de nada. Isso nos faz refletir. (Padre Elias Zahlaoui).

Os êxtases, primeiro período

De sexta-feira, 28 de outubro de 1983 a terça-feira, 26 de novembro de 1985.

Os êxtases começaram a partir do dia 28 de outubro de 1983. Para não me afogar em detalhes, eu os agrupei em quatro períodos. Em cada período, existem algumas ideias centrais que vão se repetindo e que vão se elucidando e se desenvolvendo. Portanto, agora me deterei nas mensagens dos êxtases.

Temos primeiramente o período que vai de 28 de outubro de 1983 até 26 de novembro de 1985. Aqui, há uma espécie de crescendo muito claro. Nossa Senhora parte da pessoa que escolheu e, lentamente, lentamente, lentamente, nos conduz à escolha feita por Deus sobre toda a Igreja. E, levando em consideração essa pessoa chamada Myrna, Ela procura nos educar educando-a e lhe dizendo: você, você vai educar, você será a educadora das minhas gerações. Como a Virgem faz isso?

A primeira palavra da primeira mensagem, durante o primeiro êxtase, é: *Não tenhas medo*. Diante de Deus, o homem automaticamente tem medo. Automaticamente. No Evangelho, vemos isso em outro lugar. Os anjos que aparecem aos pastores dizem-lhes: “Não tenham medo! Estamos anunciando uma alegria para vocês!” (Lc 2,10). A Virgem Maria disse à Myrna: *Não tenhas medo, tudo isso acontece para que o nome de Deus seja glorificado*. Tu, não tenhas medo. Tu és pequena, limitada. Mas tudo o que é feito e tudo o que será feito é para glorificar Deus. Devemos sempre olhar um pouco para esses dois polos. O homem que é escolhido com toda a sua miséria, mas que foi Deus que o escolheu para glorificá-Lo.

Lembrai-vos de Deus

Agora veremos esse tipo de linha se desdobrar, e por meio dela tudo o que o Senhor tentou dizer à Myrna e, através dela, a todos os que viverão de Soufanieh. Do período de 28 de outubro de 1983 à noite de 14 de agosto de 1985, de fato, se desdobra essa imensa ideia de Deus, que escolhe uma pessoa para a glorificação de Seu nome. E Ele envia Maria, como sua serva, para fazer esta primeira abordagem da glorificação de Deus: *Não tenhas medo, tudo isso acontece para que o nome de Deus seja glorificado*. E, novamente: *não tenhas medo*. Desde a primeira mensagem, quando do primeiro êxtase, por duas vezes, a Virgem disse à Myrna: *Não tenhas medo. Não temas, tudo isso está acontecendo para que o nome de Deus seja glorificado. Não temas, em ti educarei a minha geração*. Assim, o que a Virgem disse à Myrna é: “o Senhor colocou as mãos sobre você para uma obra de educação da geração que será aquela da Virgem e do Senhor”.

Myrna ficou assustada quando ouviu tal coisa. Ao despertar do êxtase, ela nos disse: “Mas o que isso significa?” Porque a Virgem usou uma palavra que pode significar “educar” ou “dar um castigo tal que quem o sofre não queira mais voltar a fazer besteiras e sirva de exemplo aos outros”. Quando dizemos em árabe “**Biddi Rabbik**”, isso pode significar “Vou bater em você e vou lhe espancar seriamente”. Então Myrna disse a si mesma: “Mas o que Nossa Senhora vai fazer comigo?” Ela se considerou exposta a um castigo estranho. Nós lhe dissemos: “Não! Certamente o Senhor está preparando algo que não sabemos. Ele vai usar você, talvez, para ensinar as pessoas a orar, a confiar Nele, a ter paciência, a viver suas vidas como mulheres casadas, homens casados, etc. Mas, certamente, o Senhor deseja que você seja uma obra de educação. Abandone-se e não tenha medo”. Por isso Jesus e a Virgem lhe disseram: *Não tenhas medo*.

Durante o segundo êxtase, na sexta-feira, 4 de novembro de 1983, a Virgem, vendo que os pais de Myrna choravam, disse-lhe: *Desce e diz-lhes que és minha filha antes de ser*

filha deles ... Portanto, Myrna não lhes pertence mais. Embora casada, ela é filha de Deus e da Virgem antes de ser filha dos homens. E, por meio de Myrna, é claro, tudo o que lhe é dito o é para cada um de nós. E é por isso que a Virgem, depois de dizer: *desce e diz-lhes que és minha filha antes de ser filha deles ...*, continua com uma frase extraordinária, em árabe dialetal: *Meu coração se consumiu pelo meu único filho* – se é consumido no fogo, esta é a palavra em árabe –*ele não vai se consumir por todos os meus filhos*. Na tradução literal, parece significar: eu tenho estado impotente; agora não vou me matar por vocês. Mas, o que é dito neste dialeto árabe que nós entendemos, nós, a Virgem, quer dizer o contrário: “Por causa de meu Filho, eu fui incapaz de fazer o que quer que seja, mas agora eu estou pronta para tudo a fim de salvá-los”. E, neste sentido, a Virgem, ao dizer à Myrna: *desce e diz-lhes que és minha filha [...] e*, depois dizendo esta outra frase que significa: “Estou pronta para tudo a fim de salvar os meus filhos”, nos expressa que todos somos Seus filhos. Portanto, as coisas ditas à Myrna não concernem apenas a ela, Myrna, mas afetam todos nós.

Myrna é uma mulher casada. Então surgiram as perguntas: ela continuaria a viver com o marido? Ela deixaria a família? Ela iria para um convento? Na sexta-feira, 25 de novembro de 1983, Nossa Senhora lhe disse: “Não”. *Eu não vim para separar. Tua vida de casada continuará como está*. Essa foi uma resposta que acalmou Myrna, que acalmou Nicolas, e disse muito a quem perguntou se Myrna ainda estava morando com seu marido. Este é, aliás, um dos aspectos mais fundamentais de Soufanieh, a lembrança da santidade do casamento, numa época em que ele sofre uma desvalorização e desintegração deliberada e sistemática, sem limites!

No dia 31 de maio de 1984, dia da Ascensão, ocorre uma etapa entre as diferentes mensagens do primeiro período, uma etapa em que Jesus, intervindo pela primeira vez, recorda que Ele é o Primeiro e o Último. Ele dá uma

mensagem avassaladora, onde diz à Myrna: *Eu sou o Princípio e o Fim. Eu sou a Verdade, a Liberdade e a Paz*. No Evangelho, Jesus disse: “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Aqui Ele diz: *Eu sou a Verdade, a Liberdade e a Paz*. Como se dissesse: “Pobres homens! Vocês correm atrás da verdade, mas eu sou a verdade. Vocês correm atrás da liberdade, mas que liberdade? E vocês correm atrás da paz. Mas corram para mim, eu lhe darei a liberdade e a paz. Vocês têm direito a isso e não sabem o que fazer”.

Então Ele continua: *Eu te dou minha paz*. É uma mensagem de paz. E diz à Myrna: *Ora para que a vontade de Deus se cumpra em ti [...]*. O homem ainda não consegue fazer nada em relação ao Senhor. E, se ele for realmente confrontado com suas responsabilidades, elas podem parecer-lhe tão grandes que ele se sente esmagado, completamente esmagado. E foi aí que o Senhor lhe disse: *Confia em mim. Eu sou o Princípio e o Fim*. Com o que você precisa se preocupar? Eu escolhi você. Eu quero te salvar. Abandone-se. Mas peça, em sua oração, [...] *que a vontade de Deus se cumpra em ti*. Você experimenta suas misérias, seus pecados, seus limites, sua impotência. Bem, peça [...] *que a vontade de Deus se cumpra em ti*. Só isso. Coloque-se em um estado de acolhimento, de implorar por esta graça”. E essa graça virá e nos ajudará a fazer o que precisa ser feito, para nossa purificação e para nossa salvação.

Portanto, Jesus, logo depois de ter dito à Myrna: *Reze para que a vontade de Deus se cumpra em você*, continua: *e diga ...* E Ele lhe ensina uma oração muito bonita. Esta oração, percebemos mais tarde, é escolhida em diferentes passagens da Imitação de Jesus Cristo⁹. Em várias páginas. Ela está esparsa. Parecem pérolas escollhidas aqui e ali, e o Senhor as fez como uma espécie de pulseira, mas de uma beleza avassaladora e muito simples.

O Padre Malouli, que é muito mais culto do que eu, não percebeu que o texto estava no livro Imitação de Jesus

Cristo. Eu mesmo li muito pouco a Imitação de Jesus Cristo. Desde então, leio-o com frequência. Eu não me dei conta de que o texto estava lá. E então, um belo dia, alguém nos disse: “Mas eu encontrei este texto ...”. Algumas pessoas aproveitaram para dizer: “É isso, é a Myrna!” Ou então: “Foram os Padres que fizeram esta oração e que a comunicaram”. Então dissemos a eles: “Mas, miséria! Éramos ignorantes até mesmo sobre o que foi dito na Imitação de Jesus Cristo!”

E veja como Jesus escolheu estas pequenas frases diferentes para nos dizer: “Finalmente, vocês procuram a paz, o descanso, mas eles estão em mim”: *concede-me que repouse em Ti, sobre todas as coisas, sobre toda a criatura, sobre todos os Teus anjos, sobre todo o elogio, sobre toda a alegria e exultação sobre toda a glória e dignidade, sobre todo o exército celeste*. Ele revisou tudo: “Não busquem paz e descanso naquilo que é criatura, mesmo que essa criatura esteja colocada no grau mais alto no céu. A paz está em mim”. E isso me lembra Santo Agostinho: “Senhor, tu nos fizeste para Ti e o nosso coração só repousa em Ti”. E Jesus a ensina a dizer, no final desta oração: *Só tu és o Altíssimo, só tu és Poderoso e Bom acima de tudo*. Acima de tudo ! Não se deve esquecer que esta mensagem é dita em árabe e proclamada em uma sociedade árabe majoritariamente muçulmana. Maria preparou bem o terreno. Ela é tão respeitada no Islã ...

Na sexta-feira, 7 de setembro de 1984, a Virgem reaparece em êxtase para Myrna e a convida a viver a sua vida: *Vive tua vida. No entanto, não deixa que a vida te impeça de continuar orando*. Ora sempre. Ora para ser verdadeiramente o instrumento do novo anúncio nas mãos do Senhor. Vive tua vida de casada, de mulher no mundo, mas não para de orar. Vejam vocês: mensagens muito pequenas, mas muito precisas, e que preparam Myrna para esta missão que a excede e que excede a todos nós. Mensagens dadas no dia a dia. A Virgem, antes de fazer de Myrna uma educadora do que Ela chamou de *minha geração*, foi Ela mesma a educadora de My-

na. E, por meio de Myrna, também nossa própria educadora.

E no dia 1 de maio de 1985, Nossa Senhora começou a usar todo o seu peso para chamar os cristãos à unidade. Ela já tinha feito isso antes, nas aparições. Mas aqui, pela primeira vez, Ela disse à Myrna: *Meu coração está ferido. Não deixem meu coração ficar dividido por causa de suas divisões*. Ela nos disse. E, no início desta mensagem, Ela disse: *Meus filhos*, usando a palavra “**awladi**” que significa “meus filhinhos”. Normalmente, ela diz “**abnai**”. A palavra “**eben**”, o singular de “**abnaa**”, pode significar até um homem de cinquenta anos, ou uma mulher de sessenta, desde que sua mãe e seu pai estejam vivos. Mas a palavra “**awladi**” é dita para crianças. Seria temerário concluir que, aos olhos da Virgem, nossas divisões são histórias de crianças das quais devemos nos libertar a todo custo para crescer e atingir a maturidade da unidade? Pessoalmente, eu não estaria longe de pensar assim.

Então a Virgem naquele dia, segurando as mãos de Myrna e olhando para ela com grande tristeza, disse-lhe: *Meus (pequenos) filhos, “awladi”, unam-se. Meu coração está ferido. Não deixem meu coração ficar dividido por causa de suas divisões*. Começamos a ver que uma das glorificações ao Senhor é a unificação da Igreja. Jesus disse-o bem: “Pai, que eles sejam um, para que o mundo saiba que tu me enviaste” (Jo 17, 21). Enquanto a Igreja está dividida, seu testemunho fica aquém do que deveria ser. E não pode ser aceito da maneira que seria se a Igreja fosse realmente Una. Una em sua fé, em sua estrutura e em sua missão. A Virgem, portanto, continua a abrir a nova janela, que ela começou a abrir nas aparições. É uma questão de crescerem, de se tornarem filhos, em vez de permanecerem crianças, nas garras de divisões indignas.

Então a Virgem nos surpreende dizendo à Myrna: *Eu te darei um presente para as tuas fadigas*. Posteriormente, o presente foi a gravidez de Myrna da pequena Myriam e depois de Jean-Emmanuel. Que objeto de me-

ditação é esta pequena frase! Cada criança é um presente do céu. Não pode ser um objeto de prazer ou lazer. Ele não pode ser rejeitado ou morto à vontade pelo homem. Não pode ser como um animal que se procura para preencher uma solidão ameaçadora ou desiludida. Que atualidade!

Assim, a Virgem tem em perspectiva a glorificação de Deus através deste pequeno instrumento chamado Myrna e Ela o está educando. Ela a está preparando para a maternidade. E por meio dela nos envia mensagens sobre a nossa origem divina, sobre a nossa filiação divina, sobre a nossa pertença divina e, portanto, sobre a nossa dignidade humana.

E em 4 de agosto de 1985, Nossa Senhora relembra o que Ela disse durante sua aparição em 24 de março de 1983, e o que Jesus dirá novamente durante o êxtase de 14 de agosto de 1988, em Los Angeles. Ela disse: *A Igreja é o reino dos céus na terra. Quem a dividiu pecou e quem se alegrou com sua divisão pecou.* No dia 4 de agosto, o êxtase aconteceu ao final de uma missa solene celebrada na catedral siríaco-ortodoxa da cidade de Hasaké, no nordeste da Síria. Então, naquele dia, a Santíssima Virgem se manifestou em uma igreja Siríaco-Ortodoxa assim como Ela se manifestou em outros lugares. Não quer Ela nos lembrar, com isso, que todas as igrejas são igrejas de seu Filho? E que Ela deseja que todas estas Igrejas sejam somente uma. Porque a Igreja é o reino de Deus na terra. Chega de divisões.

E para tranquilizar Myrna, Ela lhe falou novamente: *Estou feliz: não temas, eu estou contigo. Em ti educarei minha geração.* Veja, o mesmo leitmotiv: *Estou feliz: não temas, eu estou contigo. Em ti educarei minha geração.* Ela é verdadeiramente uma educadora que está a trabalhar e que vai preparando lentamente aquela que um dia terá a tão invulgar missão de convidar todos os cristãos à unidade. Esta é a grande mensagem em que a Virgem se comporta verdadeiramente como mãe e como mãe que quer a todos, que não exclui ninguém.

Ela é a mãe que deseja reunir todos os seus filhos. Na verdade, é o provérbio árabe que diz: “**Al-Oum Bitlem** - a mãe reúne”.

Em 14 de agosto de 1985, antes de se retirar por quatro anos de todos os êxtases de Myrna, a Virgem Maria nos deu uma mensagem em árabe dialetal, de simplicidade e profundidade avassaladoras: *Boa festa. É minha festa, quando vejo todos vocês reunidos.* E ela repete a palavra. Elas parecem tautologias. Mas ela insiste: *É minha festa, quando vejo todos vocês reunidos. Sua oração é minha festa. Sua fé é minha festa. A união de seus corações é minha festa.* “Minha festa não é o rebuliço, não são as cerimônias. É essa unidade de coração, de oração e, em última instância, da Igreja. Esta é minha festa. Então, deem-me a alegria de vê-los unidos”. Ela deu esta mensagem e se eclipsou por quatro anos e quatro dias.

A partir desta data, sentimos que existe uma espécie de ponto de inflexão no fenômeno. Desta vez é Jesus que fala. Jesus que já havia aparecido um pouco antes, em 31 de maio de 1984; e que vai, eu diria, colocar todo o seu peso nas mensagens subsequentes. A grande mensagem que Ele dá, em 7 de setembro de 1985, imediatamente após a mensagem da maternidade divina e do apelo à unidade, é uma mensagem comovente, que resume toda a doutrina cristã, toda a teologia cristã: *Eu sou o criador. Eu a criei para ela me criasse. Alegrai-vos na alegria do céu, porque a filha do Pai e a mãe de Deus e a noiva do Espírito nasceu. Exulte de alegria a terra, pois a sua salvação foi alcançada.* Jesus nos deu em termos resumidos tudo o que Ele é e tudo o que o homem é para ele. E tudo o que Ele fez pelo homem e tudo o que Ele pretende fazer pela salvação do homem. Em poucas linhas, é um resumo extraordinário. Em seguida eu diria que Ele vai esclarecer o que disse aqui em bloco. Ele vai esclarecer, mas de uma forma extraordinária. Muito bela.

Em 26 de novembro de 1985, ele iniciou um diálogo com Myrna, algo que nunca havia acontecido e que nunca mais

aconteceria. Pelo menos até agora. *Minha filha, você quer ser crucificada ou glorificada?* Myrna responde: *Glorificada*. E quando o Padre Malouli lhe perguntou: “O que significa ‘glorificada’ para ti?” Ela disse: “É dizer glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo”. Myrna não foi além desse nível. Jesus sorriu e disse-lhe: *Você prefere ser glorificada pela criatura ou pelo Criador?* Ela responde: *Pelo Criador*. Então Jesus lhe disse: *Isso se faz pela crucificação*. Ele começa, eu diria, a educação de Myrna nas grandes verdades cristãs. Ou melhor, deve-se dizer nas grandes realidades cristãs. Quando dizemos “verdades”, temos a impressão de estarmos falando para a inteligência, mas a realidade é a narrativa, é a experiência vivida.

A educação nas grandes realidades cristãs: Deus que ama, a cruz. Deus carregou a cruz por amor aos homens. Ele nos pede que carreguemos nossa cruz por amor a Ele e por amor a nós mesmos, para nossa salvação. Portanto, esta é uma nova perspectiva que Jesus está assumindo agora. Ele faz Myrna compreender que a cruz significa o olhar em direção ao Criador, o que implica o desprezo por si mesmo e que nos permite saber olhar com atenção para as criaturas, sem nos deixarmos envolver por elas. Em seguida, Ele pede que Myrna espere seu retorno com paciência e amor.

É então que Ele faz uma promessa de recompensa: *Pois aquele que participa comigo do sofrimento, eu o farei participar da glória*. É uma grande perspectiva. Uma perspectiva global, total: Deus que ama, que morreu na cruz por amor aos homens, que pede aos homens que O amem carregando sua cruz, que orem a Ele, que se desprezem por Ele e vivam por amor a Ele. E tudo isso será recompensado: porque eles terão sofrido na terra, Ele os recompensará na eternidade. E é por isso que Ele lhes diz para ver esta perspectiva que dá medo: sempre a cruz, a cruz!

Ele lhe disse: *Não temas, minha filha, eu te darei com as minhas feridas o suficiente para pagar as dívidas dos*

pecadores. Imagine essa participação na obra da Redenção! Ele eleva Myrna ao nível de uma pessoa que participa da Redenção. Ele sozinho é o Mestre. Se Ele quiser fazer, Ele o fará. Não temos nada a ver com isso! E não podemos tirar nenhuma glória disso ... Nenhuma. E é por isso que Jesus disse: *as minhas feridas*. Suas feridas são a fonte da qual todas as almas bebem. Foi isso que São Paulo experimentou. E ele soube falar sobre isso com toda a clareza, sem se orgulhar!

Mais uma vez Jesus se torna um educador. Ele disse para Myrna: *E se a minha ausência se prolongar [...], não tenhas medo [...]*. E, de fato, Jesus se ausentou durante um ano. Após esta mensagem dada em 26 de novembro de 1985, Ele se eclipsou totalmente. A Virgem também se eclipsou. Não fluiu mais óleo, nem da imagem nem de Myrna. Nenhuma coisa. Por um ano, foi o deserto ... Mas também foi a oração. Nós continuamos a orar.



*Exsudação de óleo de oliva
durante êxtase de Myrna.*

Os êxtases, segundo período

Mensagem do Cristo à Myrna, na véspera do quarto aniversário, 26 de novembro de 1986

Que belo é este lugar, nele Eu edificarei meu reino e minha paz.

Eu darei a vocês o meu coração, para possuir os seus corações.

Seus pecados estão perdoados, porque vocês se voltaram para mim.

E naquele que se volta para mim, Eu pintarei a minha imagem.

Infeliz daquele que representa a minha imagem enquanto vendeu o meu sangue.

Orem pelos pecadores, pois por cada palavra de oração, Eu derramarei uma gota do meu sangue sobre um dos pecadores.

Minha filha, que as coisas da terra não te perturbem, porque pelas minhas feridas tu ganhas a eternidade.

Eu quero renovar minha Paixão.

E eu quero que tu cumbras tua missão, pois tu só poderás entrar no céu se tiveres cumprido tua missão na terra.

Vai em paz e diz aos meus filhos que eles venham a mim a qualquer hora e não só quando renewo a festa da Minha Mãe, porque Eu estou com eles em todos os momentos.

Mensagem do Cristo em 18 de abril de 1987,

Sábado Santo

Eu lhe dei um sinal para minha glorificação.

Siga seu caminho e Eu estarei com você.

Caso contrário ...

Mensagem do Cristo por ocasião do dia da Ascensão, 21 de maio de 1987

Amem-se uns aos outros e orem com fé

Mensagem do Cristo em 22 de julho de 1987 (em Måad, no Líbano).

Não temas, minha filha, em ti eu educarei minha geração.

E se orares diz: Ó Pai, pelos méritos das feridas de Teu Filho, salva-nos.

Mensagem do Cristo na noite de 14-15 de agosto de 1987

Minha filha, ela é Minha Mãe de quem nasci.

Quem A honra, Me honra.

Quem A nega, Me nega.

E quem lhe pede obtém, porque ela é Minha Mãe.

Os êxtases, segundo período

De quarta-feira, 26 de novembro de 1986 a sexta-feira, 14 de agosto de 1987

Assim é que um ano depois, naquele mesmo dia, 26 de novembro de 1986, Jesus dá à Myrna uma nova mensagem, na qual retoma e amplia sua antiga promessa: *Que belo é este lugar, nele eu edificarei meu reino e minha paz.* No entanto, este lugar não tem nenhuma pretensão. Portanto, não é a casa que é bela. É esse agrupamento de crentes, esse desejo dos crentes de estar com o Senhor, essa resposta dos fiéis ou convertidos ao chamado do Senhor, esse amor que têm por Ele. É tudo isso que, para o Senhor, é verdadeiramente belo. E Ele vai estabelecer, sobre essa pequena base de nada, tudo para construir seu reino e sua paz. É Ele quem constrói, não somos nós! Com qualquer material que Ele quiser. É Ele quem escolhe, não somos nós.

E Jesus disse: [...] *nele Eu edificarei meu reino e minha paz [...] para possuir os seus corações. Eu darei a vocês meu coração, para possuir os seus coração.* “Eu quero vocês para mim. Vocês não podem pertencer a ninguém nem a nada”. E Ele começa com: *Seus pecados estão perdoados, porque vocês se voltam para mim.* Então podemos dizer a Ele: “Senhor, tu vais construir comigo? Mas quem sou eu? Eu sou um miserável, um pecador!” E isso é verdade. Mas é Ele quem nos acalma e nos tranquiliza, parecendo dizer-nos: “Não se preocupem. Eu lhes aceito como vocês são. Aceitem-se como vocês são. Aceitem-me como eu quiser. Eu começo por perdoar-lhes e sou capaz de santificá-los e torná-los instrumento da minha glorificação”. É assim que vejo a conexão entre essas frases de Jesus: *Que belo é este lugar, nele edificarei meu reino e minha paz. Eu darei a vocês meu coração, para possuir os seus corações. Seus pecados estão perdoados, por-*

que vocês se voltam para mim. Assim que olhamos para alguém com amor e confiança, sua imagem é absorvida por nós.

E assim disse Jesus: *E naquele que se voltar para mim, Eu pintarei a minha imagem*". "Então, vocês, vocês serão meus ícones". Vocês serão meus ícones do mesmo modo que podemos dizer simbolicamente de Myrna que ela é o ícone do Senhor. Assim como o óleo fluiu da imagem da Virgem e de Jesus, o óleo fluiu de Myrna. O óleo fluiu de outras pessoas que estavam orando. Se o Senhor quer nos lembrar que somos seus ícones, ele só nos lembra de uma verdade, ancorada no homem e que as Sagradas Escrituras nos indicam desde as primeiras páginas: "Deus criou o homem à sua imagem e semelhança" (Gn 1, 27). Somos ícones de Deus na terra. Nós, infelizmente, nos esquecemos disso. Nós nos desfiguramos, negamos a nós mesmos. Procuramos ser não o ícone de Deus, mas o ícone deste mundo. O Senhor nos diz: "Quer vocês queiram ou não, vocês são meus ícones".

E aí Jesus tem uma frase extraordinária. Depois de dizer: *E naquele que se voltar para mim, Eu pintarei minha imagem*, Ele continua: *pois, infeliz daquele que representa a minha imagem tendo vendido o meu sangue*. Todos, nós representamos a imagem de Deus. Mas realmente, nós a representamos ou não? Como a representamos? Até que limite? De que forma? O Senhor é muito paciente, mas disse no Evangelho: "Infeliz! Infeliz!" E aqui, uma única vez, Ele nos diz: «Infeliz!» E esse infortúnio afeta a todos. Atinge todo cristão que afirma representar o Senhor: o simples fiel, o sacerdote, o bispo, o patriarca, o Papa. Todos nós somos seus representantes.

É por isso que Jesus imediatamente acrescenta: *Orem pelos pecadores, pois por cada palavra de oração, Eu derramarei uma gota do meu sangue sobre um dos pecadores*. Portanto, Ele pensa em cada um. Isso me lembra as palavras de Blaise Pascal: "Eu derramei esta gota de meu sangue por você". Para o Senhor, não somos uma mas-

sa de anônimos. Somos pessoas amadas individualmente. Somos pessoas visadas pessoalmente. Ele pinta Sua imagem em cada um de nós. Ele nos quer à Sua imagem. Se, infelizmente, estamos mergulhados no pecado, só Ele pode nos ajudar a sair dele. Ele nos diz isso muito claramente.

Portanto, Ele imediatamente disse à Myrna, que poderia se perturbar com tudo isso: *Minha filha, que as coisas da terra não te perturbem, porque pelas minhas feridas tu ganhas a eternidade*. Aqui há uma coisa que eu gostaria de assinalar. Myrna estava muito preocupada porque seu pai tinha sido preso injustamente. Ele permaneceu na prisão por três meses. Por uma falsa delação. Ele foi preso e, na prisão, passou seu tempo contando aos seus companheiros de cela toda a história de Soufanieh. Ele rasgou a camiseta para fazer um rosário, amarrando os pequenos pedaços de tecido. Ele fez um rosário com eles e não deixou de rezar durante sua estada de três meses. Agora, pouco antes do êxtase daquele dia, Myrna estava chorando. Ela estava na sala de estar. Eu lhe disse: "Myrna, pare de chorar. Lembre-se de que um dia a Virgem lhe disse: desça e diga a eles que você é minha filha antes de ser deles ... E agora, eu me permito dizer a você: seu pai é um filho de Deus antes de ser seu pai. Você não tem o direito de se preocupar assim. Agora é a hora de orar. Fique com as pessoas, entre elas, e deixe seu pai para o bom Deus. É Ele quem tudo sabe, quem tudo arruma". Na mensagem chega esta frase: *Minha filha, que as coisas da terra não te perturbem*. E Myrna compreendeu muito bem. Qualquer pessoa que não sabia da prisão do pai de Myrna poderia ver uma generalidade nessas palavras: há tantas coisas na terra que nos preocupam. Myrna compreendeu muito bem porque Jesus disse isso.

E continua: *porque pelas minhas feridas tu ganhas a eternidade. Eu quero renovar minha Paixão*. E Ele a avverte: *E quero que tu cumpras tua missão, porque não poderás entrar no céu se não cumprires bem a tua missão na terra*. O Senhor é tão bom quanto exigente! Portanto, quando al-

guém vem dizer para nós que a misericórdia do Senhor não pode admitir que exista um inferno eterno, basta responder: “Mas isso não é invenção dos homens!” Nossa razão não pode admitir isso. Mas é Deus quem conhece Deus mais do que ninguém. Foi Ele quem nos disse Sua verdade sobre Si mesmo e a verdade sobre nós em relação à nossa eternidade. Se, portanto, Ele diz que existe um céu eterno e que existe um inferno eterno, devemos levar isso em conta e não nos comportar como seres abandonados apostando na infinita e ilimitada misericórdia de Deus. Não temos esse direito.

Jesus disse então à Myrna: *Vai em paz e diz aos Meus filhos que venham a Mím a toda a hora, e não apenas quando renovo a festa da Minha Mãe, pois Eu estou com eles em todos os momentos.* Portanto, Jesus está aqui, o que lembrou à Myrna sobre a grande verdade da cruz. É Ele quem empreenderá a salvação, que reconstruirá Seu reino por meio desses pequenos instrumentos, dos quais Myrna é um. Que ela não se deixe confundir por seu pecado. Ele é capaz de pintar sua imagem nela e em qualquer outro pecador.

E Ele a convida novamente a orar e a esperar que Ele se manifeste nela, por meio de Suas feridas. Porque Ele quer renovar a sua Paixão, ou seja, quer dizer novamente ao homem que quer a salvação do homem. E a salvação do homem só passa pelo sofrimento de Deus e pelo sofrimento de quem participa da Redenção do Senhor. E o Senhor está conosco. Portanto, devemos estar presentes diante Dele, continuamente presentes, com uma presença efetiva, e não acidental ou passageira!

Em seguida, houve um aviso que nos deixou alertas. No Sábado Santo, 18 de abril de 1987, Jesus, durante o êxtase, disse à Myrna: *“Dei-vos um sinal para Minha glorificação. Sempre o objetivo final, a glorificação de Deus. Prosseguí o vosso caminho e Eu estarei convosco. Caso contrário...”* E Ele parou. Então, tudo é feito para a Sua glorificação. Continuemos neste caminho, Ele fica feliz com isso, caso contrário

... E Ele está conosco. Enquanto Ele estiver conosco, chegaremos com certeza. *Caso contrário ...* Isso nos colocou muitas perguntas. Nos perguntamos: “Para quem é?” Para tal e tal pessoa ou para todos? Para Myrna sozinha ou para todos nós? E acho que não levamos isso em consideração o suficiente. Porque, nas duas muito breves mensagens seguintes, Jesus nos diz, primeiro em 28 de maio de 1987: *Amai-vos uns aos outros e orai com fé.* Quando o Senhor nos diz: *Amai-vos uns aos outros* é que não nós amamos o suficiente. E quando Ele nos diz: *Orai com fé,* é porque não oramos com suficiente fé. Nossa oração talvez tenha se tornado uma oração rotineira.

E novamente, pouco depois, em 22 de julho, Ele convida Myrna para orar, dizendo-lhe, mas no plural: *Rezai, rezai e rezai. E quando rezardes dizei: Ó Pai, pelos méritos das Chagas do Teu Filho, salva -nos*”. No entanto, durante esta mensagem, Jesus começou falando-lhe novamente: *Não temas, minha filha, em ti eu educarei a minha geração.* Portanto, Jesus, novamente, convida Myrna a não ter medo. Ele está preocupado em educá-la. Mas, por meio dela, Ele nos convida a orar. E uma oração dirigida ao Pai, mas, passando pelas chagas de Jesus. Ou seja, por Sua redenção. Fora de Jesus não há salvação. Fora das feridas de Jesus, não há salvação. Ele já o havia dito, em 26 de novembro de 1985, fora da cruz, a alma não tem salvação: *E não há salvação senão pela cruz.* Aqui, novamente, é a mesma realidade: *Ó Pai, pelos méritos das feridas de Teu filho amado, salva-nos.* Devemos passar pelas feridas, portanto pela Redenção. As feridas de Jesus são as portas da salvação.

E agora Jesus, na seguinte mensagem, na noite de 14 de agosto de 1987, proclama o que podemos realmente chamar de maternidade divina. Uma mensagem de impressionante simplicidade e beleza. *“Minha filha, é Ela a Minha Mãe, da qual Eu nasci. Quem A honra, honra-Me. Quem A renega, renega-Me. E quem Lhe pede obtém, porque Ela é a Minha Mãe”.* Comparem com o que Ele disse no Evangelho

lho: “Quem reconhece o Filho, reconhece o Pai” (Jo 7,19 - cf. Jo 5,23 e 14,9). Temos a impressão de que o Senhor, aqui, impulsiona a Virgem a um nível que os teólogos dificilmente imaginam: *quem A honra, honra-Me*. Quando pensamos nos protestantes, que dizem que a honra dada a Virgem é roubada de Jesus, dificilmente podemos compreender. Dificilmente podemos aceitar. Não é possível. Humanamente falando, isso é inaceitável. Porque a honra devolvida à mãe de um homem, seja quem for, é, humanamente falando, um acréscimo à honra prestada ao filho. É pura lógica. Vamos aplicá-lo a Jesus e à sua mãe! Afirmar o contrário é negar toda a lógica.

Quem A nega, Me nega. E quem Lhe pede obtém, porque Ela é a Minha Mãe. Lembro que quando estávamos estudando teologia, nos disseram: “Só Deus dá. Pedimos pela intercessão dos santos, mas só Deus dá”. Aqui, Jesus parece estar brincando com nossa teologia humana: “Mas, peça à Minha Mãe, não tenhas medo. Ela é Minha Mãe. Não posso negar nada a Ela. Quem Lhe pede obtém. Mesmo que você não me peça, peça a Ela, dela você receberá”. Mas isso é muito belo. Eu diria que a teologia de Jesus é tão humana! É ainda mais bonita no Oriente, mesmo os que não acreditam, ou que nunca rezam nas igrejas, ou não praticam nada, mesmo estes, quando estão em dificuldades, instintivamente proferem este grito: “**Ya Adra** - Ó Virgem!” Quer sejam pequenos, jovens ou velhos: “**Ya Adra!**”

Lembro-me de um jovem que levava uma vida de prazer. Certa vez, ele quase sofreu um grave acidente de carro. Em uma montanha onde havia neve, chuva e tráfego terrível, ele viu seu carro derrapar rumo ao vale. Instintivamente, ele gritou: “**Ya Adra!**” Ele me disse: “Eu não sei como o carro parou, parou completamente e na beira do precipício”. O que poderia ter feito isso parar?: “**Ya Adra!** - Ó Virgem!” Ele me disse: “e, no entanto, minha vida estava muito longe de Jesus e de Maria!” E, desde então, este homem ficou completamente abalado. Ele pegou o caminho do Senhor novamente.

“Peçam à Minha Mãe. Peçam. Não tenham medo, peçam!” Nós pedimos a Ela o suficiente? Quando vejo como, no Ocidente, a Virgem muitas vezes foi rejeitada. As igrejas não têm mais uma estátua, não têm mais um ícone. Até o rosário foi abandonado por alguns. Um dos padres franceses que tinha vindo a Damasco, quando viu o quanto rezávamos o rosário - dificilmente posso dizer “recitar o rosário”, embora seja essa a expressão, porque não se pode recitar uma oração - disse: “Mas como? você reza o rosário?” Eu respondi: “Claro! Claro que rezamos o rosário! Por que não o rezar?” Ele continuou: “Mas entre nós ele desapareceu”. Eu disse a ele: “Quem dera que fosse retomado”. Qual é a vantagem de rezar o rosário? Na primeira parte, essas são as próprias palavras do Anjo e de Isabel. As palavras do Evangelho! E na segunda parte, o que dizemos à Virgem? “Mãe de Deus, roguem por nós, pobres pecadores, agora e na hora de nossa morte”. Agora pode ser a hora de nossa morte. Porque não garantir o próximo minuto. Portanto, para Aquela que é a mãe de Deus, dizemos: “Olhe para mim, pobre pecador”. Que inconveniência ou incongruência há em rezar o Rosário? Nós pedimos a muitos seres humanos pelos quais, entretanto, às vezes temos desprezo. Nós imploramos a eles que nos alcancem algo. Por que não implorar à mãe de Deus, que é nossa mãe? A menos que você tenha deixado de se considerar um pecador. E talvez seja um dos grandes pecados do Ocidente essa façanha de eliminar o significado do pecado!

Então, durante a segunda etapa, nós vimos uma espécie de crescendo nas mensagens. O Senhor, de repente revela o seu plano de salvação e depois o especifica: “Por amor a vocês carreguei a cruz, vocês também carreguem a cruz. Rezem. Minha filha, Eu te darei as minhas feridas. Vocês também devem orar”. E: *Não tenham medo, Eu estou com vocês.* Depois: “Respeitem Minha Mãe, honrem-na e orem a ela. Ela é por vocês, Minha Mãe é sua Mãe”. Essas foram as duas primeiras etapas desse período de êxtase. A primeiro foi de 28 de outubro de 1983 a 26 de novembro de 1985; a segunda, decorreu de 26 de novembro de 1986 a 14 de agosto de 1987.

Os êxtases, um ponto de inflexão

De segunda-feira, 7 de setembro de 1987, a quinta-feira, 26 de novembro de 1987

Agora há um ponto de inflexão. Se dá em 7 de setembro de 1987. Essa virada foi precedida pela misteriosa advertência do Sábado Santo, 18 de abril de 1987. Em 7 de setembro de 1987, a mensagem assumiu a aparência de mais do que uma advertência; de um ultimato, eu diria. Myrna, saindo desse êxtase, chorou, a tal ponto que os padres lhe perguntaram: "Mas, o que foi, Myrna?" E ela respondeu: "Saiam, não quero ninguém aqui. Se Ele queria me abandonar, por que Ele me escolheu? O suicídio é preferível". Imaginem essas palavras. Isso mostra como Myrna estava horrorizada, quase desesperada. Eu não estava lá para ouvir, mas foi o padre Boulos Fadel quem me relatou.

Aqui está o conteúdo da mensagem. É Jesus quem fala: *Maria - este é o nome de batismo de Myrna - não é a ti que escolhi, a jovem calma, com um coração cheio de amor e de simpatia? Constatei que tu não podes suportar nada por Mim.* Isso é uma sentença de morte. E o Senhor continuou: *Vou dar-te oportunidade de escolher. Acredita que, se Me perdes, perderás as preces de todos os que te rodeiam e asseguro-te que carregar a cruz é inevitável.* Myrna procurou, durante este período, e nós também, evitar carregar a cruz? Porque não é só Myrna isoladamente. Myrna, eu diria, é a representante de toda a comunidade. Também tentamos fugir da cruz, esquivar-nos dela, dar-nos a ilusão de a carregar? É a nossa tentação de todos os dias. Myrna deve ter passado por uma fase muito mais séria dessa tentação, e o Senhor puxou sua orelha.

Apenas uma pessoa adivinhou o que poderia ter acontecido, antes de ouvir uma palavra da mensagem. Foi Na-

bil, o cinegrafista, que estava lá, sempre filmando. Quando ele viu Myrna chorar assim, ele se virou para o marido dela e disse: "Nicolas, creio que Jesus puxou a orelha de sua esposa". E de fato, quando ela nos deu a mensagem, dissemos a nós mesmos: "Nabil viu claramente". Depois disso, Myrna intensificou a oração. E nós também trememos na cadeira dizendo a nós mesmos: "É hora de intensificar nossa vida de oração e nossa vida de amor e serviço". Felizmente, o Senhor teve pena de nós. Caso contrário, teria sido uma queda assustadora. Imaginem, depois de quatro anos: teríamos nos tornado motivo de chacota, mas um motivo de chacota incrível, para todos. Imaginem nossa situação, a situação de Myrna, se tudo tivesse cessado depois de todos esses eventos. As pessoas certamente teriam dito que isso estava completamente errado. Ou: "Vejam, é o próprio Deus quem os abandona. Então, os pobres, o que lhes resta?"

A resposta a esse ultimato foi observada com imensa preocupação na noite de 26 de novembro de 1987. Naquele dia, estava lá o Padre Laurentin. O Senhor deu uma mensagem à Myrna. Ele a felicitou por tê-lo escolhido, mas a convidou a mais uma vida de fé e de amor vivida na realidade. Ele a convidou a orar por aqueles que a perseguem porque, por meio deles, Ele lhe prometeu a glória. E Ele a convidou mais uma vez a ser forte diante das dificuldades, a ser fiel ao fato de ser esposa, mãe e irmã daqueles que a procuram. E novamente Ele lhe deu a grande mensagem. Mas desta vez, para ela levar para o mundo inteiro: *Vai e anuncia ao mundo inteiro e diz-lhes, sem medo, que trabalhem pela unidade.* Este foi o grande momento decisivo. E que reversão! Um ultimato que o próprio Senhor retirou, por amizade a nós, por Seu amor a nós.

E Ele agora encarrega Myrna de uma missão: *Vai e anuncia!* Este *vai e anuncia* foi captado por um médico que havia telefonado dos Estados Unidos na mesma noite, o Dr. Antoine Mansour. A seu pedido, a mensagem lhe foi ditada. Pouco depois, ele telefonou nova-

mente para dizer: "Bem, vamos cumprir a ordem do Senhor. Eu convido vocês e começaremos pelos Estados Unidos".

**Mensagem de Cristo a 7 de Setembro de 1988
(Damasco)**

Os êxtases, terceiro período

**Mensagem do Cristo em 14 de agosto de 1988
(Los Angeles, U.S.A.)**

*Meus filhos, dei-vos a Minha paz, mas vós que Me des-
tes?*

*Vós sois a Minha Igreja e o vosso coração Me perten-
ce, a não ser que esse coração possua um outro deus além de
Mim.*

*Em verdade Eu disse: a Igreja é o Reino dos Céus so-
bre a Terra, quem a dividiu pecou e quem se alegrou com a
sua divisão verdadeiramente pecou.*

*É-Me mais fácil que um descrente creia em Mim do
que aqueles que pretendem ter fé e caridade e que juram pelo
Meu nome.*

Só em Deus deveis pôr a vossa confiança.

*Rezai pelos pecadores que perdoam em Meu nome e
pelos que renegam a Minha Mãe.*

*Meus filhos, dei-vos todo o Meu tempo, dai-Me uma
parte do vosso.*

*Minha filha, disse-te que superasses todas
as dificuldades, saibas que experimentaste pouco.*

*Diz aos Meus filhos que é a eles que Eu peço a unidade,
e não a quero daqueles que os enganam simulando tra-
lhar pela unidade.*

Vai e anuncia, e onde tu estiveres Eu estarei contigo.

**Mensagem de Cristo a 10 de Outubro de 1988
(Màad, Líbano)**

Minha filha Maria.

Porque temes, se Eu estou contigo?

*Deves dizer em voz alta a palavra de verdade sobre O
que te criou, para que a Minha força se manifeste em ti.*

*E Eu te darei das Minhas Chagas para que esqueças
os sofrimentos que as pessoas te causam.*

Não escolhas o caminho porque Eu já o tracei para ti.

Os êxtases, terceiro período

De domingo, 14 de agosto de 1988 a segunda-feira, 10 de outubro de 1988

Aqui começa o que chamo de terceiro estágio das mensagens. Myrna e Nicolas foram para os Estados Unidos por seis meses. E em Los Angeles, o Senhor renovou a missão de Soufanieh, através do óleo que exsudava, e através de uma mensagem que Ele deu na véspera da festa da Assunção, 14 de agosto de 1988, durante um êxtase ocorrido no final da Missa celebrada na casa do Doutor Antoine Mansour.

Lá Jesus disse: *Meus filhos, dei-vos a Minha paz, mas vós que Me destes?* Jesus está aqui, eu diria, cobrando responsabilidades. Ao final de sete ou oito anos, Ele tem o direito de dizer: “O que você fez?” *Eu lhes dei a minha paz, mas vocês, o que vocês me deram?* Vocês são a minha Igreja, e seus corações são meus, a menos que esses corações possuam outro deus além de mim! Vejam este movimento de balanço que o Senhor faz: *Vocês são a minha Igreja, e seus corações são meus, a menos que...* *Eu lhes dei a minha paz, mas vocês, o que vocês me deram?* A seguir Ele continua: *Eu disse: A Igreja é o reino dos céus na terra. Quem a dividiu pecou e quem se alegrou com sua divisão pecou.* E Ele vem a dizer: *Então, para mim é mais fácil um incrédulo acreditar em meu nome do que aqueles que afirmam ter fé e amor e juram por meu nome.* É uma observação profundamente triste e uma dura reprovação! Uma reprovação difícil porque corresponde a uma observação do que vivemos em Soufanieh. Quantas pessoas, que eram antípodas de Deus, foram, da noite para o dia, reconquistadas por Deus e encontraram sua alegria, sua razão de ser, sua paz e sua liberdade no Senhor. E muitos daqueles que afirmam representar o Senhor, ou crer Nele, continuam a recusar e a se opor a Soufanieh, e com que desdém, com

que arrogância! Sim, realmente, temos visto pessoas que, mesmo em altos escalões na Igreja, obstinadamente continuaram a recusar todos esses sinais que o Senhor nos dava.

É uma censura lançada por Jesus e que parece pesar muito em seu coração. O resto da mensagem parece torná-la mais explícita, porque Jesus prossegue dizendo: *Só em Deus deveis pôr a vossa confiança.* Somente em Deus! Então, Ele reforça ainda mais, parece-me, essa explicação, na frase que se segue imediatamente: *Rezai pelos pecadores que perdoam em meu nome e por aqueles que negam Minha Mãe.* Mas quem perdoa em nome de Jesus? Aqueles que têm o poder do perdão. Na Igreja Católica, como na Igreja Ortodoxa, é o clero, por mais alto ou baixo que seja. É o clero, padres, bispos, patriarcas e o Papa. Só eles perdoam em nome de Jesus. Jesus nos lembra de nossa condição de pecadores, mesmo e especialmente quando perdoamos em seu nome!

No final, Jesus tem uma frase realmente perturbadora. Temos a impressão de que Deus se torna um mendigo diante de nós: *Meus filhos, dei-vos todo o Meu tempo, dai-Me uma parte do vosso.* Mas Deus não precisa de nada! O universo inteiro, em toda a sua totalidade, não dá nada a Ele! E apesar disso, Ele nos pede parte do nosso tempo. Se não é para nós, para quem é? O que Ele tem a ver com nosso tempo? Ele tem a eternidade diante Dele, antes e depois! Apesar disso, Ele pede um pouco do nosso tempo. Para que, graças a este tempo que Lhe damos, nos O descubramos, nós O encontrarmos, nos reencontremos. E que sejamos verdadeiramente filhos de Deus. Não filhos deste mundo, imersos no mundo, que só veem este mundo.

Esta mensagem foi dada em Los Angeles. E parecia-nos que o Senhor, além de Soufanieh, estava visando os americanos em primeiro lugar. Porque se realmente existe uma fórmula de vida que concretiza esta forma de agregação ao mundo, é sim a fórmula de vida que reina nos Estados Unidos. Mas nem é preciso dizer que o Senhor também

está se dirigindo a todos. Porque todos nós somos ameaçados por esta civilização, esta chamada civilização ocidental. Ele atinge seu cume nos Estados Unidos, mas todos nós somos ameaçados por ela. Vemos as consequências entre nós. E Deus tem cada vez menos lugar na vida de hoje. Menos e menos. Quando caminho por Paris, aqui na França, digo a mim mesmo: "Mas onde pode estar Deus senão no coração de uns poucos, em algumas casinhas, em alguns conventos, ou nestes pequenos grupos de oração, que são como ilhotas em um imenso oceano de paganismo e materialismo?"

Em 7 de setembro de 1988, inicia-se uma nova fase dessa terceira etapa. Myrna retorna a Damasco em 6 de setembro. Nos Estados Unidos, ela sofreu muito. Sofreu muito, sem falar nada. Mas em Damasco, então, ela nos disse muitas coisas, como que a contragosto, para nos explicar o conteúdo da mensagem recebida em 7 de setembro. Naquele dia o Senhor disse a ela: *Minha filha, em verdade disse-te que ultrapassasses todas as dificuldades e acredita que experimentaste pouco.* Quer dizer: prepara-te. Ele está sempre educando-a, preparando-a.

E é aí que Ele pronuncia uma palavra que pode parecer uma afronta: *Diz aos Meus filhos que é a eles que Eu peço a unidade, e não a quero daqueles que os enganam simulando trabalhar pela unidade.* Essa frase nos pareceu tão forte que o padre Malouli e eu dissemos um ao outro: "Talvez Myrna tenha ouvido mal". Então, eu reli a frase, pedindo à Myrna que ouvisse com atenção para nos dizer se ela estava certa. Quando li a frase para ela na frente de todos, ela disse: "Isso é o que eu ouvi". No dia seguinte, fui levar esta mensagem ao Patriarca Síriaco-Ortodoxo. Depois de a ler, ele me disse: "Padre, o Senhor nos conhece. Somos nós". Eu a mostrei pouco depois a outro bispo, Monsenhor Georges Hafoury. Quando ele leu a mensagem, me disse: "Padre, o Senhor nos conhece. É verdade".

No restante desta mensagem, Jesus disse à Myrna novamente: *Vai e anuncia. Vai e anuncia!* Ela mal tinha chegado.

Ela chegara no dia anterior, 6 de setembro à noite. No dia 7, Ele lhe disse: *Vai e anuncia.* Parece que Ele a quer nas estradas. *E onde tu estiveres Eu estarei contigo.* Portanto, não tenha medo, *Eu estou com você.* Jesus quer Myrna em uma missão permanente. Mas não é esse o estado normal de todo cristão?

Poucos dias depois, Myrna foi ao Líbano. Ela havia sido convidada. E no Líbano se produziu, entre outras manifestações, algo extraordinário. Ela assistiu à missa no domingo, 10 de outubro de 1988, na igreja de São Jorge, na aldeia de Måad. Depois da missa, ela retorna a esta igreja, onde há um crucifixo de gesso do qual ela tanto gosta. Ela se ajoelha e não percebe nada. As pessoas estão procurando por Myrna. Vamos à igreja. Encontramo-la sob o crucifixo. E das pernas do crucifixo o óleo escorria sobre a sua cabeça que estava logo abaixo dos pés de Jesus. O óleo fluiu para o solo. As pessoas filmaram tudo por meia hora. Então, saindo do êxtase, Myrna disse-lhes: "Eu vi a luz e ouvi a voz de Jesus que disse: *Porque temes, se Eu estou contigo?* Sempre esta afirmação: *Eu estou contigo. Deves dizer em voz alta a palavra de verdade sobre O que te criou, para que a Minha força se manifeste em ti. E Eu te darei das Minhas Chagas para que esqueças os sofrimentos que as pessoas te causam. Não escolhas o caminho porque Eu já o tracei para ti.*" Mensagem do Cristo em 07 de setembro de 1988 (Damasco)

Minha filha Maria, por que tens medo se eu estou contigo? Sempre esta afirmação: Eu estou contigo. Tu deves dizer e em alta voz a palavra de verdade sobre aquele que te criou, para que a minha força se manifeste em ti. E eu te darei as minhas feridas para esqueceres os sofrimentos que as pessoas te causam. Não escolhe o teu caminho, porque fui eu quem o traçou para ti.

Esta mensagem é tão profunda e bonita ao mesmo tempo que ficamos realmente sem palavras. Myrna ainda está com medo, apesar de tudo que ela viu, de tudo que ela

experimentou. O homem permanece homem. Myrna sofre com o que as pessoas falam sobre ela. Ela continua a sofrer terrivelmente até agora. O Senhor está com Myrna e ela sabe disso. E apesar disso, ela percebe que é muito limitada.

Myrna foge de falar. Quando o marido ou os padres estão com ela e alguém lhe faz uma pergunta, ela diz: "Pergunte a Nicolas, pergunte ao Padre, eu não sei de nada". Myrna geralmente age como se todo o fenômeno Soufanieh não a preocupasse, como se ela não tivesse nada a ver com isso. Mas quando ela está encurrallada falando, quando ela está sozinha - e eu vi no vídeo - bem, você fica sem fôlego. Ela mesma diz, e se ouve isso vendo o vídeo: "Mas, como eu poderia falar assim?" Não é ela que fala. É porque o Senhor lhe disse: *. Tu deves dizer e em alta voz a palavra de verdade sobre aquele que te criou, para que a minha força se manifeste em ti.* Isso nos leva de volta ao essencial do Cristianismo: Deus se agrada dos pequeninos que O aceitam. E é por meio desses pequeninos que Ele manifesta toda a Sua grandeza e todo o Seu poder. Ele começou no Antigo Testamento. No Novo, para nós, é antes de tudo a Santíssima Virgem que é a própria serva, a pequenina, que se apresenta como serva humilde, Ela que é, ao mesmo tempo, a mãe de Deus. Myrna experimenta seus limites, sua fraqueza, seu medo. O Senhor disse a ela: "Não te preocipes, fala". Ele a obriga a falar.

Então o Senhor lança este paradoxo: *Não escolhe o teu caminho, porque fui eu quem o traçou para ti.* Nós sabemos o quanto Deus respeita a liberdade humana. Como conciliar essa liberdade com a Sua escolha? Só Ele sabe como conciliar. Não vemos isso claramente. E creio que cada um de nós, por menor que seja a nossa experiência com o Senhor, quando olhamos um pouco para trás, não temos apenas a impressão, mas a evidência de que o Senhor estava segurando nossa mão, que durante tal e tal período Ele nos conduziu pela mão.

E nós acreditamos estar agindo por nossa própria

iniciativa, à luz de nossa inteligência. Eu não quero reduzir as possibilidades do homem. Não, não. Não quero falar mal de todas as habilidades extraordinárias do homem. Mas quero mesmo assim reconhecer que não importa o que o homem faça, ele permanece muito limitado. E só o Senhor o conhece. Só Ele conhece o homem! Isso me traz de volta à primeira frase da Virgem, durante a primeira mensagem, em 18 de dezembro de 1982: *Vocês conhecem todas as coisas e não conhecem nada. Seu conhecimento é um conhecimento imperfeito.* E não importa o quanto conhecemos, acredito que o que menos conhecemos somos nós mesmos. E menos ainda o outro. Achamos que o conhecemos.

É por isso que é melhor, sempre, suspender o julgamento e tentar viver no amor. É quase impossível, sei algo sobre isso! Quantas vezes eu pergunto ao Senhor: «Senhor, deixe-me parar de julgar os outros. Faça-me amá-los, apenas». Estar sempre frente a frente com tantas pessoas e coisas, na própria Igreja, frequentemente o coloca em estado de julgamento, diria eu, mesmo sem se dar conta. Você foge, implorando ao Senhor que o coloque em um estado de amor apenas e, apesar de você mesmo, você retorna, sem se dar conta, a um estado de julgamento. Só para saber se você está no caminho certo ou não. Quer o que você faça ou diga agrade ao Senhor ou não, quer sirva ao Senhor ou não. Você se coloca em um estado de julgamento de si mesmo e dos outros, sem querer. E o Senhor nos diz aqui: *Não escolhe o teu caminho, porque fui eu quem o traçou para ti.*

Os êxtases, quarto período

Mensagem de Cristo a 26 de Novembro de 1988

Meus filhos,

Tudo o que vocês fazem, é feito por amor por mim?

Não digam: que faço? Porque isso é obra Minha.

Vocês devem jejuar e orar, porque na oração vocês se encontram face à Minha Realidade (Verdade) e suportam todos os golpes.

Rezem pelos que esqueceram a promessa, pois eles dirão: porque não senti a Tua presença Senhor, apesar de Tu estares comigo?

Tudo quanto quero é que vocês estejam todos em Mim como Eu estou em cada um de vós.

Quanto a ti, Minha filha, vou deixar-te.

Não temas se tens de esperar para ouvir a Minha voz, mas sê forte e que a tua língua seja uma espada que fale em Meu nome.

E tem a certeza de que Eu estou contigo e com todos vocês.

Mensagem da Virgem a 18 de Agosto de 1989 (Los Angeles)

Não temas, Minha filha.

Tudo isto acontece para que o nome de Deus seja glorificado.

Rejubila, porque Deus permitiu-te que viesses a Mim para que te diga: não te inquietes pelo que dizem de ti, mas fica sempre em paz, porque as criaturas voltam-se para Mim através de ti.

Diz a todos que multipliquem as preces porque têm necessidade da oração para agradar ao Pai.

Que a bênção de Deus desça sobre ti e sobre todos os que colaboraram contigo por amor a Ele.

Mensagem da Virgem no 7º aniversário do fenômeno, Domingo, 26 de Novembro de 1989

Meus filhos, Jesus disse a Pedro: tu és a pedra e, sobre ela, edificarei a Minha Igreja.

Agora Eu lhes digo: vocês são o coração no qual Jesus edificará a Sua unicidade.

Quero que, a partir de agora, vocês consagrem as vossas preces pela paz até à comemoração da Ressurreição.

Mensagem de Cristo, Sábado Santo, 14 de Abril de 1990

Meus filhos, vocês ensinarão às gerações a palavra da unidade, do amor e da fé.

Eu estou com vocês.

Mas tu, Minha filha, tu não voltarás a ouvir a Minha voz até que a festa (da Páscoa) seja unificada.

Mensagem da Virgem, Quarta-feira, 15 de Agosto de 1990 (Bélgica)

Meus filhos, rezai pela paz, e sobretudo no Oriente, porque todos vocês são irmãos em Cristo.

Mensagem da Virgem no 8º aniversário do fenômeno, na noite de 26 de Novembro de 1990

Não temas, Minha filha, se te digo que Me vês pela última vez até que a festa (da Páscoa) seja unificada.

Diz aos Meus filhos:

Querem ver e relembrar os sofrimentos do Meu Filho em ti, ou não?

Se não lhes custa que tu sofras duas vezes, Eu, Eu sou uma Mãe, e ver o Meu Filho sofrer muitas vezes.

Fica em paz, fica em paz Minha filha.

Vem para que Ele te dê a paz, a fim de que tu possas anunciar-a aos homens.

Quanto ao óleo continuará a manifestar--se nas tuas mãos para glória do Meu Filho Jesus, quando Ele quiser e aonde quer que tu váis.

Na realidade, Nós estamos contigo e com todos os que desejarem que a Festa (da Páscoa) seja unificada.

nos diz: Ele vai construir sua unicidade em nosso coração.

Os êxtases, quarto período

De sábado, 26 de novembro de 1988 a segunda-feira, 26 de novembro de 1990.

Aqui começa o que chamei de o quarto estágio das mensagens dos êxtases. De fato, pouco depois, em 26 de novembro de 1988, Jesus disse à Myrna: *Que a tua língua seja uma espada que fala em meu nome*. Uma espada. Esta é a linguagem dos profetas do Antigo Testamento. Myrna, que dificilmente ousa, que dificilmente responde. Quando alguém a repreende por algo, ela não responde, ela fica em silêncio. E eis que o Senhor lhe disse: *Que a tua língua seja uma espada que fala em meu nome*.

Então, o Senhor faz mais progressos em suas exigências de unidade. Oração, amor, unidade. Esta unidade o Senhor concretizou finalmente em dois pedidos. Um que diz respeito apenas a Ele e outro que, obviamente, se relaciona com os homens.

Primeiro, aqui está o que se refere somente a Ele. Em 26 de novembro de 1989, Myrna vê a Virgem durante o êxtase, e a Virgem lhe dá uma mensagem extraordinária. Ela lhe disse: *Meus filhos, Jesus disse a Pedro: tu és a pedra e, sobre ela, edificarei a Minha Igreja. E eu digo: vocês são o coração no qual Jesus edificará a Sua UNICIDADE*. Que complementariedade no dístico desta mensagem. O início do Cristianismo repousou em Pedro. E agora é o início de um novo cristianismo, sempre na fidelidade ao Senhor, mas cuja pedra é também o coração dos homens. *E eu digo: vocês são o coração no qual Jesus edificará a Sua UNICIDADE*. É sempre Jesus quem está trabalhando, não somos nós. Jesus edificou a Igreja sobre Pedro. Agora, a Virgem

A estrutura e o conteúdo desta mensagem nos deixam a imaginar. Em primeiro lugar, é o estilo do “Sermão da Montanha” ... Neste “sermão”, Jesus *deu a si mesmo* uma dimensão insuspeitada pelos seus contemporâneos e ouvintes quanto ao plano divino de salvação. Para mim parece que Maria, por meio desta mensagem, *dá a si mesma* uma dimensão insuspeitada por nossos contemporâneos, no que diz respeito à vontade divina de retorno da Igreja à sua Unidade inicial. Por outro lado, a palavra surpreendente é *unicidade*, a única que pode traduzir a palavra árabe “**Wahdanya**”. A unicidade é mais do que unidade, é muito mais profunda. É, eu diria, da ordem da essência. Jesus é Único. O coração dos fiéis deve ser, à sua imagem, Único. A unidade tolera, até postula, a diversidade nas instituições, nas expressões de fé e de vida. Mas no nível dos corações só pode haver unicidade de fé e de amor. Diante do Único Jesus Cristo, está o Único Coração dos que se amam. Claro, tal perfeição é, humanamente falando, impossível. Mas quem disse que será obra dos homens? É Jesus quem está trabalhando. Maria nos lembra disso. É Ele quem “construirá sua unicidade”. Não é hora de lembrar? A iniciativa vem Dele, o trabalho também será Dele. Somos instrumentos. Cristo nos pede que procuremos estar o mais disponíveis possível, por meio da oração, para que ele realmente faça sua obra em nós.

Agora, vamos ao pedido de Jesus e de Maria que, ao nível da unidade, se relaciona com os homens. A Virgem e Jesus, no decurso das duas mensagens seguintes, parecem reduzir ao mínimo absoluto a sua exigência de unidade. No Sábado Santo, 14 de abril de 1990, depois de ter dito: *Meus filhos, vocês ensinarão às gerações A PALAVRA da unidade, do amor e da fé*, Jesus dirá à Myrna: *Eu estou com vocês. Mas você, minha filha, não ouvirá minha voz até que a festa (da Páscoa) seja unificada*. Por oito anos, Jesus pediu unidade. Agora, parece que Ele está reduzido a apenas reivindicar a unidade da Festa, que é a Páscoa. “Vocês não

me deram a unidade, pelo menos me deem a unidade da Festa ... Pelo menos. Pois a verdadeira unidade, a unidade profunda, não é sua obra". Mas a unificação da Festa pode ser, pois, aliás, ela já foi realizada aqui e ali, no Oriente Médio.

E logo depois, em 26 de novembro de 1990, Nossa Senhora disse exatamente isto à Myrna: *Não tenhas medo, minha filha, se eu te disser que esta é a última vez que tu me verás, até que a festa (da Páscoa) seja unificada.* Dir-se-ia que o Senhor pediu, pediu, pediu. Finalmente, Ele viu que não havia resposta. Então Ele disse: "Bom. Pelo menos faça-me a caridade, dê-me a esmola da festa unificada, que é a festa da Páscoa".

Mas o Senhor não para por aí. Mais uma vez, pelos lábios da Virgem, faz Myrna compreender que está sempre com ela e com todos aqueles que querem unificar a sua Igreja e a sua festa. E Ele deixará um sinal para ela, o do óleo em suas mãos: *Quanto ao óleo, continuará a aparecer em tuas mãos para a glorificação de meu filho Jesus, quando Ele quiser e por onde tu fores.* Portanto, o sinal ainda está aqui, mas para a glorificação do Senhor apenas! Voltamos ao ponto de partida: *Lembrem-se de Deus, pois Deus está conosco.* Se Deus realmente está aqui, a vida deve mudar.

Agora, voltemos a mais detalhes desta quarta etapa. Em 26 de novembro de 1988, Myrna estava em Damasco e, como eu disse a vocês, muitas pessoas estavam se perguntando. O que deve ser feito ao nível da união das Igrejas? Alguns até disseram que sentiam que Soufanieh dividiu a Igreja mais do que a unificou. Era isso que o Senhor queria? Ele iria querer uma divisão adicional para todas as divisões existentes? Foi em vão que se explicou àqueles que estavam realmente preocupados com o que acreditavam ser uma nova subdivisão na Igreja, foi em vão que se lhes disse que estávamos apenas no início de Soufanieh, que o que o Senhor planeja excede em muito o que vemos com a ponta do nosso nariz, mas, na verdade, as pessoas também nos pressionavam a ver se algo não deveria ser feito.

A mensagem de 26 de novembro de 1988 veio pôr os pingos nos is, para nos lembrar duas coisas essenciais: o Senhor está conosco, Ele quer que estejamos Nele como Ele está em nós. Estas são frases Suas. Mas isso, especialmente no que diz respeito à realização da unidade da Igreja, não depende de nós, que somos incapazes. Eu diria que foi uma maneira educada de Jesus nos dizer: "Sua história passada é tão desordenada, humanamente falando, que vocês são absolutamente incapazes de se livrar dela, de se libertar dela. Me deixem fazê-lo. O que estou pedindo a vocês é que jejuem e orem. O resto é trabalho meu".

E, na mensagem, há duas frases extremamente importantes. Na primeira, o Senhor disse: *Tudo o que eu quero é que vocês se reúnam em mim, como eu estou em cada um de vocês. Que vocês se reúnam em mim, como eu estou em cada um de vocês.* Na segunda, o Senhor disse à Myrna: *Esteja certa de que estou contigo e com todos vocês.*

Claro, Ele disse outras coisas para ela também: *Não tenhas medo se demorares a ouvir minha voz, etc.* Mas o essencial, no nível da Igreja, é o seguinte: O Senhor está conosco. Ele está dentro de nós. Ele quer que estejamos Nele. E sabendo que nós somos realmente incapazes de estar Nele, que nem mesmo sabemos que estamos Nele se Ele não nos disser, - e que às vezes, por causa de situações pessoais ou de grupos, por um mil e uma razões, realmente nos sentimos separados do Senhor e nos cremos longe Dele - Ele, sabendo disso, nos diz: *Eu estou em vocês.*

Este é um amor incompreensível para o homem. Em vão Lhe digo: "Senhor, vai embora! Eu não quero você. Eu quero fazer coisas que são contra Você", Ele me diz: "Faça o que fizer, eu estou em você". Faça o que fizer, estou *em* você. Não apenas "com" você! Esta é a frase com a qual Ele resumiu sua mensagem: *Tudo o que eu quero, tudo o que eu quero: Ele não disse mais nada, tudo o que eu quero é que*

vocês se unam em mim, como eu estou em cada um de vocês. Isso realmente arrebata o coração de alegria e de confiança saber que o Senhor está aqui, que nos afirma que Ele está em nós, apesar de todas as nossas misérias, sejam pessoais ou comunitárias. E isso é tudo o que Ele deseja.

Mas o que Ele acha bonito em nós para se instalar? Ele que é a beleza infinita. Mas o que Ele pode encontrar em nós? É o Seu segredo. É o Seu segredo. Que mistério! E é por isso que Ele parece nos dizer: “Vocês não compreendem. Vocês não sabem o que fazer. Pelo menos façam o que podem e o que eu digo: *jejuar e orar*. Eu não estou lhes pedindo mais. E essa foi uma grande lição para nós.

Então, imediatamente depois, aqui estão as outras mensagens. A Virgem Maria reaparece para Myrna, após uma interrupção ou ausência de quatro anos e quatro dias. Ela reaparece para Myrna para lhe dizer, em uma linguagem muito simples, que Ela também, Ela está conosco, que Myrna não precisa ter medo, que ela deve ser feliz, que ela trabalhe, que tudo o que se faz se faz para a glorificação do Senhor, que Myrna esteja na alegria e na paz e que ela convide todos a rezar. E todos aqueles que colaboraram com Myrna, também, se beneficiem desta paz que o Senhor dá à Myrna. É muito simples, mas extraordinariamente belo.

Observem isto: a primeira frase da mensagem dada por Maria em Los Angeles, em 18 de agosto de 1989, começa exatamente com a primeira frase da primeira mensagem dada no primeiro êxtase, aquela que ocorreu em 28 de outubro de 1983. Naquele dia, a Virgem disse à Myrna: *Não tenhas medo, tudo isso está acontecendo para que o nome de Deus seja glorificado*. E em 18 de agosto de 1989, a Virgem disse a ela exatamente a mesma coisa: *Não tenhas medo, minha filha. Tudo acontece para que o nome de Deus seja glorificado*. Parece que a Virgem está fechando o círculo. Por fim, é o Senhor quem desenha o círculo e é o Senhor quem o realiza. Mas Ele

nos diz: “Meus filhos, tentem colaborar e me deixem fazê-lo”.

E, ao mesmo tempo, é um convite para Myrna se alegrar. Para se alegrar por quê? Pelo Senhor lhe ter permitido chegar até Maria. Então ela foi transportada para outro lugar. Há um verdadeiro mistério aqui, que é, no fundo, o mistério de qualquer relação comum entre o Criador e a criatura, e de qualquer relação privilegiada entre o Criador e uma criatura “eleita” ... Jesus já havia dito à Myrna, durante seu êxtase de 26 de novembro de 1985: *Vá à terra onde a corrupção se espalhou [...]* E Maria vem lhe dizer, durante o êxtase de 18 de agosto de 1989: *Alegra-te, pois, porque Deus te permitiu vir a mim*. O “onde” e o “como” são um mistério até para Myrna, que vive esses encontros únicos. Quanto a nós, testemunhas, só vemos os sinais exteriores e passageiros!

A Santíssima Virgem também disse à Myrna, para sua própria educação: *Não te preocipes com o que as pessoas falam de ti, mas estejas sempre em paz*. E Deus sabe o que Myrna sofreu com as acusações, as maledicências, as calúnias que vinham de todos os lados e que continuam a vir. Mais ainda, a Virgem disse-lhe: *Estejas sempre em paz, porque a criatura me olha através de ti*. Que palavra chocante! É uma maneira de dizer à Myrna que ela se tornou um ícone da Virgem. É uma frase que li em um livro do padre Laurentin, sobre Soufanieh, onde ele se pergunta se Myrna também não seria um ícone da Virgem, pois dela flui o óleo. E porque não? Por que não? A Virgem lhe disse: “Sim”: *A criatura me olha através de ti*.

Em seguida, Ela encarrega Myrna de uma nova missão: *Diga a todos que aumentem suas orações porque eles precisam da oração para apelar ao Pai*. Veja você, é novamente a oração. Um convite à oração: *porque eles precisam da oração para apelar ao Pai*. Nossa Senhora é tão delicada, mas ao mesmo tempo tão preocupada, que, de vez em quando, nos faz saber que o Bom Deus não está satisfeito, que há algo errado e que só a oração, a oração que transforma a nos-

sa vida, é capaz de agradá-lo. Portanto, temos que começar.

Por fim, disse à Myrna o que é tão consolador: *Que a bênção de Deus desça sobre ti e sobre todos aqueles que têm colaborado contigo por amor a Ele.* “Por amor a Ele. Não por eles mesmos, mas por seu amor”. Então, vejam vocês, é uma responsabilidade espiritual extraordinária pela qual a Virgem lembra à Myrna que tudo o que é feito deve ser feito para glorificar a Deus. Portanto, se estamos realmente a serviço do Senhor, devemos ignorar o que os outros dizem, devemos estar na alegria, devemos estar em paz, porque uma vez que estamos a serviço do Senhor, gostemos ou não, nos tornamos um ícone do Senhor. As pessoas olham para o Senhor através de nós. Podemos não ser bonitos, o que você quiser, mas por meio dessa imagem que oferecemos a eles, eles veem o Senhor. E isso é verdade. Disseram-nos que o sacerdote representa Jesus Cristo. Mas todo cristão também representa Jesus Cristo.

E para nós, que estamos em um mundo muçulmano, com maioria muçulmana, para os muçulmanos somos nós que refletimos a imagem do Senhor. Jesus é belo para eles se realmente temos uma certa beleza que os atrai. Beleza moral, é claro, e do coração, da mente. Mas se não temos o suficiente para representar essa beleza para eles, eles conhecem Jesus apenas através do Alcorão como sendo uma bela figura, eles O julgarão por nós. E então Jesus é desfigurado.

A segunda mensagem da quarta etapa é, portanto, aquela dada em Los Angeles. A terceira é a que Nossa Senhora deu à Myrna em 26 de novembro de 1989. É a mensagem que me parece a mais importante. Eu já falei sobre isso. Eu a retomo para salientar um ponto particular. A Virgem disse: *Meus filhos, Jesus disse a Pedro: Vós sois a pedra e sobre ela edificarei a minha Igreja. E eu digo agora: Vocês são o coração sobre o qual Jesus construirá a sua UNICIDADE.* É um primeiro bloco.

Depois, há uma segunda frase que é outro ponto. Bem,

aqui eu vejo que a Virgem também assume as duas extremidades dessa volta do reino. Na origem Jesus construiu Sua Igreja sobre Pedro. Agora Jesus está construindo sua Igreja em nossos corações. E vejam este ato de equilíbrio: *Jesus disse ... E eu digo ...* A Virgem, nós sabemos que Ela se sabe criatura, que Ela se sabe serva. Mas aqui, certamente, o Senhor permitiu que ele usasse essas palavras e tomasse esse tom de mestre, para nos lembrar de algo que infelizmente esquecemos: *Vocês são o coração.* A Igreja não é uma pedra. *Vocês são o coração no qual Jesus construirá sua UNICIDADE.* Vejam vocês. Fiquei muito feliz quando vi este paralelo: *Jesus disse a Pedro / E eu digo agora.* Agora é um novo começo, mas um começo que será exclusivamente a obra d'Aquele que é o Princípio e o Fim. Nenhuma oposição, mas uma evidente complementaridade. A Igreja é obra de Deus. A Igreja é obra de Deus. E se a Virgem nos diz: Jesus construirá a sua UNICIDADE, é porque Ela quer nos dizer que a unicidade, que é muito mais que unidade, é obra de Jesus. Vejam vocês. Isso se completa. O ciclo se fecha. Jesus construiu Sua Igreja. A Igreja é obra de Deus. Jesus construirá Sua unicidade em seus corações. Portanto, a unidade será obra de Jesus, não nossa.

É como se alguém me dissesse: “Traga essas pedras e deixe-as aí. Sou eu quem construirei”. Bom. Vou trazer as pedras. Agora cabe a você construir o que quiser, quando quiser e como quiser. Além disso, parece-me que se enquadra na realidade mais concreta. Para ler um pouco o que é dito sobre a unidade da Igreja; ver as etapas, tão numerosas, que há anos se entrelaçam indefinidamente e que muitas vezes parecem estagnadas, em busca de uma fusão que serviria de saída; para ouvir todas as orações que são organizadas aqui e ali, sem fazer avançar os fiéis na oração, seus pastores na liderança; observando tudo isso, portanto, creio poder concluir, sem qualquer pretensão, que ninguém vê uma solução concreta para o escândalo da desunião na Igreja. Mas o Senhor vai acabar com isso! [...] *Eu construirei meu reino e minha paz aqui.* [...] *Vocês são o coração no qual Jesus vai construir a sua*

UNICIDADE. Ninguém vê o que o Senhor vê ou o que Ele fará. Recentemente, eu li em A Igreja dos Árabes, um livro maravilhoso do Padre Jean Corbon, que tateamos, que cometemos erros, que tentamos tomar muitas iniciativas, mas, que no final, é o Senhor que o fará. Exatamente o que disse o padre Couturier, pioneiro do ecumenismo: “Ele fará como quiser, quando quiser”. Portanto, aqui a Virgem nos lembra que, se a Igreja é obra de Deus, a unidade da Igreja também é obra de Jesus.

Em seguida, a Virgem passa para um novo registro: Ela insiste novamente na oração, usando um termo que Ela nunca tinha usado: *Eu quero que vocês consagrem suas orações pela paz*. Como se dissesse: “Não rezem por nada, exceto pela paz”. E definindo uma data: *De agora em diante até a comemoração da Ressurreição*. Nós nos perguntamos: “O que vai acontecer?” E de fato, pouco depois, os acontecimentos no Líbano, onde os cristãos travaram entre si para uma guerra tão triste, nos deram a explicação. Nossa Senhora nos lembra o dever de rezar pela paz. A paz também é sobretudo obra de Deus! Nossa Senhora sabe que a oração é a única maneira que temos, pela graça do Senhor, eu diria, de colocar pressão sobre o Senhor. Além disso, em Medjugorje, Ela já havia dito algo que pode parecer absolutamente opressor para nós e que o próprio Jesus disse antes, mas de uma maneira diferente. Em Medjugorje, Nossa Senhora enfatizou que a oração é capaz de parar as pragas naturais. Que ela também é capaz de impedir guerras. Quando Jesus disse: “Rogai para que vossa fuga não seja no inverno, nem em dia de sábado”, (Mt 24,20), é porque Ele sabia que a oração é capaz, diria eu, de mudar até a vontade do Senhor. É Ele quem o quer. Mas Ele está esperando que nos ajoelhemos e lhe imploremos.

Sem sentirmos, portanto, nós avançamos nesta quarta etapa. Chegamos ao ápice que foi a mensagem do Sábado Santo, 14 de abril de 1990. Naquele dia, o Senhor, em duas breves frases, nos deu novamente duas perspectivas extraordinárias. Em primeiro lugar: *Vocês, vocês mesmos, ensinarão às gerações*

a PALAVRA da Unidade, do Amor e da Fé. Eu estou com vocês. Vejam vocês. Vocês ensinarão. Se eu disser a Ele: “Senhor! EU?” Ele me dirá: “Eu estou com você. Portanto, não desista”.

Nós sabemos como Moisés, o grande Moisés, tentou se esquivar. Nós sabemos como todos aqueles que foram chamados pelo Senhor, durante suas vidas, tentaram repetidamente retomar o controle sobre si mesmos. E sabemos por experiência pessoal que frequentemente dizemos a Ele: “Senhor, eu sou totalmente Teu” e então, um minuto depois, somos capazes de retomar o controle da situação. E o Senhor disse a cada um: “Eu estou convosco. Você não tem mais desculpas”. E as desculpas são infinitas! Portanto, Ele diz: Você ensinará! “Não é você, sou eu. *A PALAVRA da Unidade, do Amor e da Fé*, não é você que cumprirá, mas siga em frente! Eu preciso de você”. Deus precisa dos homens. “Eu preciso de você”. Foi Deus quem quis assim. Realmente.

Portanto, a primeira perspectiva dessa mensagem é: *Vocês ensinarão*. Aqui o Senhor afirma a sua missão. Novamente, Ele a confirma para nós. Quando Ele fala com Myrna, Ele fala com todos nós. Além disso, nesta mensagem, Ele não disse: “Minha filha, diga-lhes”, mas: *Meus filhos, vocês, vocês ensinarão*. De fato. Esse é o primeiro ponto.

O segundo ponto é a unidade. Como faremos isso? E é aí que vemos como Jesus começa a nos mostrar um pouco do Seu desagrado. Ele usa Myrna um pouco como um bode expiatório para nos lembrar de nossas faltas: *Tu não ouvirás minha voz até que a festa (da Páscoa) seja unificada*. Mas o que ela fez, a pobre, para ser castigada assim? Se não tivermos sucesso em unificar a festa não é culpa de Myrna. Todos nós somos responsáveis. Myrna também é responsável porque estamos todos unidos. Solidariedade tanto na graça como no pecado. Mas deve haver alguém ali para agir como intermediário para lembrar aos outros diante de Deus que há algo errado.

E aqui vemos que o Senhor, eu diria, nos fez uma concessão. Depois de oito anos reclamando de nós a unidade da Igreja, Ele concordou em nos dizer: “Bem, se vocês são incapazes de me tornar mais fácil a unificação da Igreja, pelo menos unifiquem a festa”. Unifiquem a festa. Ainda mais que há dois ou três anos atrás, um comunicado oficial dos três Patriarcas de Damasco declarava que o desencontro da festa da Páscoa não era uma questão teológica, mas simplesmente uma questão de calendário. O que fez as pessoas dizerem: “Mas se é uma questão de calendário, o que estamos esperando?” Se fosse uma questão de teologia, diria: “Agora, existem dificuldades.” Mas um calendário! Víramos as páginas do calendário. Isso não é o mais difícil!

Portanto, dois aspectos fundamentais, basicamente duas missões: *Vocês ensinarão*. E: “Eu quero a unidade da Festa da Páscoa”. A Páscoa é o próprio fundamento do Cristianismo. É preciso que aos olhos de todos a Páscoa lembre a unidade da Igreja. No entanto, nós temos sido e somos incapazes de responder às exigências dessas duas missões.

E entre essas duas perspectivas, a grande certeza: *Eu estou com vocês. Eu estou com vocês.* Diante do esplendor desta afirmação, eu penso comigo: a frase que Jesus repete no curso de todas estas mensagens: *Eu estou com vocês, Eu estou com vocês ...* lembra-me bastante a frase de Jesus no Evangelho: “Eis que estou convosco todos os dias, até o fim do mundo” (Mt 28,20). Infelizmente, no dia a dia, nos acostumamos tanto com um tipo de vida burocrática na Igreja, uma espécie de planejamento de tudo, que pensamos que poderíamos planejar até mesmo o Espírito do Senhor, até a presença do Senhor. E finalmente cremos que quando, no Evangelho, Jesus nos diz: “Eu estou com vocês”, ele está mesmo a dizer-nos: “Adeus! Até qualquer dia! Adeus!” Não. Ele disse: “Eu estou com vocês”.

E é aí que eu, como padre, me coloco a questão de saber quantas vezes o Senhor tentou, como em Soufanieh e

noutros lugares, bater à minha porta, ou na de outros, para nos dizer: *Eu estou com vocês.* E quantas vezes fechamos nossos olhos, nossos ouvidos ou nossos corações, para não ver que é Ele? Saberemos isso no céu. A menos que nossas incontáveis infidelidades e repetidas tentativas de amordaçar o Senhor nos privem da alegria e do conhecimento do céu ...

Esta frase, portanto, parece-me ser o auge da quarta etapa das mensagens. Esta cimeira encontra, nas duas mensagens seguintes, três tipos de expressões que qualifico, a primeira como teológica, a segunda como ecumênica, a terceira como iconográfica.

A expressão teológica, eu vejo, bem condensada, na mensagem que Maria dá à Myrna em Braaschaatt, Bélgica, na noite de 15 de agosto de 1990, na Igreja do Sagrado Coração. Ali Jesus permitiu à Santíssima Virgem nos dizer, através de Myrna, que rezássemos pela paz, numa época em que o mundo inteiro prendia a respiração de medo e de angústia. Aqui está o que Maria disse: *Meus filhos, rezem pela paz, e especialmente no Oriente, porque vocês são todos irmãos em Cristo. Todos vocês são irmãos em Cristo.* Não era isso que São Paulo já havia dito há dois mil anos? “Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um em Cristo Jesus” (cf. Gl 3, 28). Que reversão aconteceria no mundo se essas palavras fossem tomadas ao pé da letra!

Ao retomar esta frase de São Paulo, a Virgem Maria destrói literalmente todas as barreiras que foram criadas ao longo da história, entre o Oriente e o Ocidente, entre o Norte e o Sul, e que encontraram seu ponto culminante no que se chamou - num eufemismo hipócrita - de crise, aquilo foi a Guerra do Golfo. Nossa Senhora vem para nos lembrar que, todos nós, negros e brancos, ocidentais e orientais, árabes, muçulmanos e judeus, somos todos “irmãos em Cristo”. Irmãos de fato ou irmãos potenciais, mas somos todos essencialmente irmãos. Todos redimidos pelo Sangue único do Cristo único.

A segunda expressão, que chamei de ecumênica, vejo na última mensagem de Maria à Myrna, no oitavo aniversário de Soufanieh, 26 de novembro de 1990. Na primeira parte desta mensagem, a Virgem expressa sua dor e a de seu Filho por ver que a unidade da Igreja não foi alcançada em seu mínimo estrito, que é a unificação da festa da Páscoa. Isso é de extrema importância para nós do Oriente, que vivemos em meio a uma maioria muçulmana. Esta divergência na data da celebração daquilo que sempre se chamou, entre nós, de "A Grande Festa", é causa de sofrimento para Maria e para seu Filho, e Ela diz isso com clareza: *Se lhes é fácil te verem sofrer duas vezes, Eu sou mãe, e não é fácil para mim ver meu filho sofrer tantas vezes.* O sofrimento de Jesus é também o sofrimento de Maria. Aos pés da Cruz estava Maria. No entanto, a cruz permanece plantada no corpo de Jesus e, portanto, no coração de Maria, enquanto os cristãos estiverem divididos. E ainda mais porque essa divisão nega, eu diria, Sua redenção, em comparação com todos os não-cristãos, que só podem ver Jesus por meio de seus fiéis. A unidade da Igreja é condição essencial para a evangelização.

A Virgem, portanto, sofre com seus filhos e se queixa disso. Especialmente porque os sinais vêm se multiplicando a uma taxa surpreendente por mais de oito anos. Eles se multiplicam e se diversificam. E isso nunca aconteceu, que eu saiba, na história da Igreja Oriental. Portanto, não nos surpreendemos ao ouvir Maria reclamar da incredulidade de alguns e da letargia de outros. É por isso que Ela anuncia a suspensão das visões, portanto dos êxtases e provavelmente das mensagens, até que *a festa seja unificada*. Restará apenas o sinal do óleo nas mãos de Myrna para a glorificação de seu filho Jesus. O retorno dos sinais está obviamente ligado à unificação da festa da Páscoa. Será que é necessário lembramos que nos anos em que católicos e ortodoxos celebraram a Páscoa juntos os estigmas se abriram no corpo de Myrna, ocorreram êxtases acompanhados de uma mensagem e o óleo escorreu até o amanhecer da Páscoa?

Na última mensagem, de 26 de novembro de 1990, temos a impressão, se assim podemos dizer, que Jesus e Maria estão cansados, que sentem uma espécie de desânimo. Do contrário, o que explicaria esta frase que Jesus disse à Myrna no Sábado Santo de 1990: *Tu não ouvirás minha voz até que a festa (da Páscoa) seja unificada?* E o que explicaria que Maria comece sua mensagem de 26 de novembro com estas palavras: *Não tenhas medo, minha filha, se eu te disser que esta é a última vez que me verás, até que a festa (da Páscoa) seja unificada?* Tudo isso não significa obviamente - com uma evidência que dói - que o Senhor e Maria sofrem com a permanência dessa divisão injustificável? E que esperam de nós apenas o que está ao nosso alcance, ou seja, a unificação da Festa da Páscoa, para um novo desencadeamento dos sinais em Soufanieh, um desencadeamento talvez mais radiante? Nós realmente queremos que esse novo começo se desencadeie rapidamente. Pois, se o Senhor não é ouvido com tantos sinais, a que então Ele poderia recorrer para nos despertar à força? Meios não Lhe faltam.

Nós rezamos. De todo coração, antes que seja tarde demais. Nós oramos para que o Senhor abra o coração de todos, começando pelos mais responsáveis. Oramos para que o clero e especialmente os líderes caminhem no ritmo dos leigos. Sim, caminhem no ritmo dos leigos. Na verdade, deveria ocorrer o contrário pois, normalmente, o Pastor anda à frente do rebanho. Infelizmente, no momento, os leigos excedem em muito o clero neste capítulo. Os leigos de todas as comunidades cristãs. Os líderes eclesiásticos parecem querer pesar as coisas com um equilíbrio muito diferente e que, infelizmente, não me parece concordar nem com o desejo dos fiéis, nem com o desejo do Senhor, nem com a realidade circundante. Que o Senhor e Maria acelerem este projeto de unificação da festa, para que possamos ver, mais uma vez, sua generosidade derramada sobre todos os seus filhos, sem distinção, de Damasco e de além.

Chego finalmente à terceira expressão, que cha-

mei de iconográfica. Acho isso mais do que evidente na segunda parte desta mensagem de Maria dada em 26 de novembro de 1990. Maria disse à Myrna: *Então diz aos meus filhos: Eles querem ver e lembrar as feridas de Meu Filho em você, sim ou não ? [...] Quanto ao óleo, ele continuará aparecendo em tuas mãos para a glorificação de meu filho Jesus, quando ele quiser e aonde quer que tu vá.* As feridas de Myrna são imagens das feridas de Jesus. O óleo continuará a fluir das mãos de Myrna como fluía e como flui ocasionalmente do Ícone Milagroso ou de suas reproduções, aqui e ali. O que concluir disso, senão que Myrna é Ícone do Senhor, pela vontade de Jesus e pela expressão de sua mãe?

Myrna é um ícone vivo, como todo mundo criado à imagem de Deus deveria ser. Ícone vivo, em virtude de um privilégio do qual ela não tem nenhum mérito. Todo o crédito vai para a escolha do Senhor, uma escolha misteriosa, mas pela qual os privilegiados devem pagar o preço. E aqui, Myrna paga o preço ao se tornar uma vítima escolhida, para compensar um pouco a grande falha coletiva da divisão dos cristãos. Ela será, portanto, privada da visão do Senhor e de Maria até, pelo menos, a unificação da festa. E é para ela, como a Santíssima Virgem lhe disse, um duplo sofrimento.

Vítima de expiação. Mas que deve permanecer em paz para cumprir a missão de evangelização que lhe incumbe. Maria disse-lhe: *Fica em paz, fica em paz, minha filha.* E não só: *fica em paz.* Mas: *Vem para que Ele te dê a paz, para que a difundas entre os homens.* Maria consagra claramente Myrna à missão de evangelização que lhe confiou. Missão de evangelização confiada a uma jovem que nada sabe e que não tem vergonha de o dizer. Ícone de Jesus e ícone de Maria, tal como Jesus o quis e Maria o quis. Eles o dizem a ela. Que ela não se torne com isso um monstro de orgulho, é na verdade uma prova óbvia e adicional do poder da graça divina, que usa os humildes e os que nada são para “construir o seu reino e a sua paz”. Essa é a lógica de Deus. Devemos admitir que ela é antípoda da lógica do mundo!

SEGUNDA PARTE

A PROPAGAÇÃO DE SUFANIEH

A permanência do fenômeno

Atualmente, em Soufanieh, os fatos físicos tangíveis, a exsudação do óleo do Ícone milagroso, os estigmas, os êxtases, tudo isso parou em 26 de novembro de 1990, que foi o 8º aniversário do início do fenômeno¹⁰. Naquele dia, a Virgem apareceu em êxtase à Myrna e lhe disse: *Não tenha medo minha filha, se eu te disser que esta é a última vez que tu me vês, até que a festa [...] seja unificada.* A festa é a Páscoa. *Então diz aos meus filhos: eles querem ver e lembrar as feridas do meu Filho em ti, sim ou não? Se lhes é fácil te verem sofrer duas vezes, eu sou mãe, e não é fácil para mim ver meu filho sofrer tantas vezes. Fica em paz, fica em paz, minha filha. Vem para que Ele te dê a paz, para que a difundas entre os homens. Quanto ao óleo, ele continuará aparecendo em tuas mãos para a glorificação de meu filho Jesus, quando Ele quiser e aonde quer que tu váis, porque estamos contigo e com quem desejar que a festa (da Páscoa) seja unificada.*

Em uma mensagem anterior, no Sábado Santo de 1990, Jesus havia falado com Myrna e ela, ao sair do êxtase, estava chorando. Jesus acabara de lhe dizer essas duas frases: *Meus filhos, vocês vão ensinar às gerações A PALAVRA da unidade, do amor e da fé. Eu estou com vocês. Mas tu, minha filha, não ouvirás minha voz até que a festa (da Páscoa) seja unificada.* Então Jesus anunciou à Myrna que haveria uma interrupção em suas mensagens, que ela não o veria mais em êxtase. Mas nós pensamos então que, se Jesus se eclipsasse a Virgem não poderia se eclipsar. E dissemos isso a todo mundo.

Na verdade, a Virgem apareceu para Myrna em duas ocasiões subsequentes. A primeira vez, em 15 de agosto de 1990, quando Myrna foi convidada pelo Padre Franz Van der

Voort à Bélgica. Ela lá esteve de 9 de agosto a 2 de setembro. E na noite de 15 de agosto, após a celebração da liturgia divina, ela teve um êxtase ao rezar com o Padre Van der Voort aos pés do altar-mor. Durante este êxtase, ela viu Jesus, que não lhe disse nada, mas que abençoou a multidão, e ela viu Maria que lhe disse esta frase: *Meus filhos, rezem pela paz, especialmente no Oriente, porque vocês são todos irmãos em Cristo.* Então, em 26 de novembro de 1990, no oitavo aniversário, Ela disse a mensagem que citei para vocês acima. Portanto, nesta segunda mensagem, após aquela dada por seu Filho no Sábado Santo de 1990, a Virgem também disse à Myrna que ela não a veria novamente até que a festa da Páscoa fosse unificada.

Na verdade, desde então, não testemunhamos a abertura de feridas, ou êxtases, ou mesmo o fluxo de óleo do ícone de Soufanieh. Mas fluxo do óleo das mãos de Myrna foi repetida pelo menos, que eu saiba, cerca de quinze vezes, incluindo, pelo menos, nove vezes na frente dos irmãos Jaccard¹¹.

Eles escreveram seus testemunhos. E, uma vez na minha frente, óleo fluui de uma foto de Nossa Senhora de Soufanieh, tirada na França pelos irmãos Jaccard. Eles tinham acabado de entregá-la para Myrna, durante a primeira visita que fizeram à Soufanieh, quando vieram para a segunda vez em Damasco, em abril de 1990. Oramos em frente ao ícone. Myrna segurou a foto. No final da oração, vimos que os rostos de Jesus e de Maria estavam inundados de óleo.

Assim, a manifestação do óleo se mantém. Um amigo que frequenta Damasco me contou recentemente que foi lá, com um grupo de libaneses, e, quando eles esta-

11 Raymond e Pierre Jaccard, são padres « fidei donum » da diocese de Besançon e exercem um apostolado junto às populações mais pobres do mundo. Prioritariamente a serviço dos leprosos, eles foram levados progressivamente a sustentar numerosas ações em favor dos divorciados, dos deficientes, dos drogados, etc...Eles se encontram na origem do “Festival da Esperança” que tem lugar, anualmente há vinte anos, em Besançon e que dá a voz aos mais desprotegidos. N.A.

vam orando, o óleo inundou as mãos de Myrna. Portanto, este fato tangível, neste aspecto parcial, continua a se manifestar. Parece que este é o sinal que o Senhor continua a usar para nos dar lampejos da Sua presença: “Estou aqui, entre vós”. E este sinal surpreende todos os cientistas.

A importância da oração

Mas, além desse fato perceptível, há um fato muito mais importante: a oração. A oração é o primeiro e o último aspecto de Soufanieh. Além da oração, nada existe. Entre Deus e o homem, o grande, o único, eu diria, contato, é a oração. Que deve se prolongar no amor, no serviço. E se o Senhor nos deu tantos sinais, é verdadeiramente, essencialmente, para nos convidar a orar.

Em árabe, a palavra “oração” vem de uma raiz que significa “ligar” ou “relacionar”. **“Assilah”**, a relação, **“assalat”**, a oração. **“Assalat”**, em árabe, é a oração, constituindo a relação com Deus. É a relação do homem com Deus. E se esse relacionamento não existe, todo o resto se desmorona. Todo o resto. Nada se mantém. Deus está de um lado e o homem do outro. Portanto, se o Senhor quis nos dar tantos sinais, é realmente para nos ajudar a restabelecer esse vínculo de oração que, talvez, aos poucos foi se desfazendo. Refazer este elo de ligação da oração, para gentilmente nos levar de volta a Ele.

Então, o grande feito de Soufanieh sempre foi a oração. As pessoas responderam com uma reação espontânea e massiva de oração. Do primeiro minuto até agora.

É claro que a precipitação massiva de pessoas do início do fenômeno até agora assumiu uma dimensão muito menor e mais modesta. Mas a continuidade da presença da multidão em Soufanieh, uma multidão que vem de Damasco, da Síria, de todos os lugares, o dia todo, essa continuidade é mantida. Nos períodos desérticos, como entre novembro de 1985 e novembro de 1986, quando não havia absolutamente nada, nenhuma manifestação, havia o essencial, a oração. Agora, novamente, aparentemente não há nada, exceto algumas manifestações de óleo nas mãos de Myrna. Mas existe o

principal: a oração. Para nós, este é o fato mais importante.

E este fato provocou uma corrente espiritual ao nível dos cristãos de todos os matizes, não só em Damasco, mas em toda a Síria, especialmente em Aleppo. Em Aleppo, assistimos ao prolongamento, eu diria físico, do fenômeno de Soufanieh, a partir de 24 de janeiro de 1988. De uma pequena reprodução de Nossa Senhora de Soufanieh escorreu óleo em uma casa armênia, cujo marido é ortodoxo e a mulher católica. E o nome dela também é Maria. Posteriormente, houve, em Aleppo, fluxos de óleo de outras imagens, incluindo uma reprodução de Nossa Senhora de Soufanieh, numa segunda casa armênia e mais modestas, depois, em muitas outras casas.

Nas duas primeiras casas que experimentaram a exsudação de óleo, em Aleppo, as orações eram organizadas regularmente. E sempre lideradas por padres. Estas duas casas são casas ortodoxas armênias. Infelizmente, apenas padres católicos conduziram o a oração. O bispo armênio ortodoxo viera à primeira casa. Ele viu, orou e disse: “É uma bênção para vocês”, e nunca mais pôs os pés naquela casa. Mas isso desencadeou um movimento de oração que se estendeu a outras casas em Aleppo.

De modo que, a partir desses dois fatos e de outras manifestações que eu demoraria muito para explicar, mas que menciono de passagem, estamos testemunhando uma verdadeira corrente de renovação espiritual da qual é difícil falar se não se viver por si próprio. Você tem que ir lá, tocar. Na verdade, em Aleppo, estamos testemunhando um aumento real da oração, um aumento surpreendente. A ponto de causar a abertura de várias igrejas para momentos de oração adicionais. No momento, essas são igrejas católicas. Católicos de todas as comunidades. Com horas de adoração todos os dias. Em momentos diferentes, em igrejas diferentes. Para que quem pode orar hoje e que não pode amanhã encontre a igreja certa para si, no momento que lhe convier. Você realmente

tem que ir a Aleppo para ver esta ascensão espiritual que lá acontece. Não é um simples aumento espiritual da presença da igreja. Não! É uma elevação espiritual para muitas pessoas que conheço. E esse é apenas um pequeno número entre uma multidão de outras pessoas. Existem especialmente muitas famílias que estão experimentando uma incrível renovação espiritual. Direi, portanto, que este é o grande fato. Aqui estou falando sobre a Síria. Mas também terei a oportunidade de dizer o que eu mesmo pude ver um pouco por toda parte, na França por exemplo, desta corrente de oração que se separou de Soufanieh e que continua a se alimentar em Soufanieh. Graças à pequena imagem de Nossa Senhora de Soufanieh.

Então esse é o fenômeno primordial de Soufanieh: a oração. Este retorno do homem para Deus, através da oração, para louvá-Lo, agradecer-Lhe, pedir-Lhe perdão e viver de Seu sopro sobre a terra, enquanto espera para encontrá-Lo no face a face eterno.

Familiaridade com Deus

Em Soufanieh, as pessoas oraram imediatamente com grande simplicidade e com grande familiaridade com Deus, especialmente no início. Depois, a oração foi mais um pouco organizada. Mas no começo estávamos lá na frente do ícone e todo mundo improvisando. Ficávamos rezando horas e horas, noite e dia.

Eu lhesuento um caso. Na sexta-feira, 10 de dezembro de 1982, às seis e meia da manhã, Nicolas me telefonou dizendo: "Padre, o óleo está escorrendo da imagem". Eu lhe respondi: "Estou indo". Dois minutos depois, eu estava na Casa da Virgem. E eu vejo como que lágrimas escorrendo da foto. Às sete horas, como Nicolas ainda não tinha telefone, eu vou aos vizinhos. Eu chamo várias pessoas de diferentes comunidades, que têm uma certa influência, tanto social como religiosa, para que possam testemunhar e contar às outras pessoas.

Dois amigos, Georges Maarraoui e Édouard Hilal, para quem eu havia telefonado, chegaram ambos exatamente às oito horas. São dois homens casados, com pelo menos quarenta e quatro anos. Ambos têm lindas vozes. Um é greco-católico e o outro greco-ortodoxo. Ficaram das oito da manhã a uma da tarde, orando e cantando em frente à imagem. E as pessoas entrando e saindo na mais total calma. De modo que anotei em meu diário: "Este dia me lembrou da visita que acaba de fazer com o coral à Lourdes". Era a mesma atmosfera.

Quando Édouard e Georges saíram do quarto, onde tinham ficado o tempo todo perto do ícone, segui-os e perguntei: "Que horas vocês têm?" Edouard olha e diz: "Não é possível! Uma da tarde?" Eu confirmo a ele: "Sim, é uma hora". Ele então disse: "Mas, não é possível! Passei cinco horas com Georges cantando na frente da Virgem? É possível? Eu que nunca

sai de casa antes de tomar meu café da manhã!" Depois do meu telefonema, eles correram. E sem ver o tempo passar, ficaram cinco horas orando e cantando em frente ao ícone!

Quantas vezes eu já vi gente chegar, carregando seus enfermos, jogando-se aos pés da Virgem e falando com Ela, assim, com o coração aberto. Garanto a vocês, meus olhos ficam marejados quando penso nisso. É perturbador. Quantas vezes, em frente ao ícone, vimos pessoas improvisando, cantando, sozinhas. Nas primeiras semanas, era assim o tempo todo. Então, lentamente, lentamente, as coisas tiveram que ser organizadas. Introduzimos o rosário. Entre as dezenas, alguns cantos, algumas orações improvisadas. Eu mesmo, quantas vezes improvisei orações. Mas, se perguntarem como isso saiu do nosso coração. Eu não sei.

O irmão mais velho de Nicolas, Awad, era um homem quase analfabeto, trabalhador simples, que gostava de beber, fumava muito e para quem a vida consistia simplesmente em trabalhar para poder alimentar a sua pequena família. Sua vida foi completamente virada de cabeça para baixo. Ele começou a compor canções para a Virgem, em um árabe bastante imperfeito. Ele tentou o melhor que pôde colocar uma música ou inspirar-se nesta ou naquela canção popular para compor canções para a Virgem. Isso lhe foi tão bem-sucedido que ele compôs, que eu saiba, nada menos que vinte canções, incluindo um hino que agora cantamos todos os dias em Soufanieh e que se espalhou por todo o mundo. Traduzi para o francês e será cantado pelo público no "Festival da Esperança", em Besançon, em setembro de 1991. Esse hino é uma música que toca o coração. O irmão de Nicolas é um daqueles tantos que foram tão espontâneos com o Senhor.

E até agora, apesar de toda a organização que conseguimos dar à oração, sempre há espaço para o improviso. Sempre há espaço. Quantas vezes de repente ouvimos alguém falando em voz alta com Nossa Senhora!

Realmente existe uma familiaridade com a presença divina.

Essa é a impressão que teve o reitor da faculdade de teologia de Munster, padre Adel Khoury, que é de origem libanesa. Ele me disse: “Mas em Soufanieh, temos a impressão de estar com Deus. A Virgem está aqui. E quando ouço pessoas orando, sinto que essas pessoas estão falando com a Virgem que está com elas. Elas não se dirigem a uma pessoa distante. Ela está aqui, muito simplesmente”.

É essa familiaridade que nos salvará, tenho certeza. É realmente essa familiaridade com Deus, principalmente por meio de Maria, que nos salvará. Deus está muito perto de nós, apesar de tudo.

A maternidade de Maria

Em Soufanieh, a Santíssima Virgem recorda-nos com insistência a sua maternidade. Ela fez isso de modo muito forte por meio de uma palavra que disse à Myrna, durante um dos primeiros êxtases, na sexta-feira, 4 de novembro de 1983.

Durante esse êxtase, os pais de Myrna choraram. De repente, eles veem Myrna abrir os olhos, apontar o dedo para a mãe, chamá-la pelo primeiro nome e dizer: “Sou filha Dela antes de ser sua!” Depois ela volta a mergulhar no êxtase. Dele saindo, o Padre Malouli que estava lá perguntou-lhe: “O que aconteceu?” Ela respondeu: “Eu vi a Santíssima Virgem, e Ela me deu ordem para dizer aos meus pais que Eu sou filha Dela antes de ser deles”. Padre Malouli retomou: “E o que você fez?” Myrna disse: “Eu não sei”. Na verdade, ela havia agido sem o saber!

Por meio dessa frase dita por Myrna aos pais, a mando de Maria, podemos lembrar que todos nós somos filhos de Maria antes de sermos filhos de nossos pais. Porque, em última análise, na essência mesma do nosso ser, somos filhos de Deus. E vamos voltar para Deus. Ele nos fez deuses, gostemos ou não. Estejamos ou não cientes disso, somos de fato, como diz São João, filhos de Deus.

Nossa Senhora veio nos lembrar disso. Apenas o fato de, ao longo das mensagens, nos dizer: *Meus filhos*. Repetindo: *Meus filhos* ... E outras vezes, como qualquer mãe, Ela nos chamar a nos reunirmos todos ao redor de Jesus. Com efeito, através das mensagens, a Virgem nos lembra que estava ali para nos reunir aos pés de Jesus e para reconstruir a unidade da Igreja. Ela lembrou disso em sua aparição em 24 de março de 1983, quando disse, entre outras coisas: *Fundem uma igreja. Eu não disse: "Construam uma igreja". A*

Igreja que Jesus adotou é uma Igreja Una, porque Jesus é Um. A Igreja é o reino dos céus na terra. Aquele que a dividiu pecou. E aquele que se regozijou com a sua divisão também pecou. Jesus a construiu, ela era pequena, E quando ela cresceu, ficou dividida. Aquele que a dividiu não tem Amor dentro de si. Unam-se! Eu digo-lhes: “Rezem. Rezem. Rezem!” Como são belos meus filhos quando se ajoelham, a implorar. Não tenham medo: eu estou com vocês. Não se dividam como os grandes. Vocês, vocês mesmos, ensinarão às gerações a PALAVRA da Unidade, do Amor e da Fé.

Vocês veem, portanto, a presença de Maria com seus filhos. Ela os aproxima. Ela os convida para orar. Ela lhes confia a tarefa de reunir seus filhos. Ela os torna missionários.

Serva do Senhor

É claro que Maria não age em seu próprio nome. Mas em nome Daquele a quem Ela serve. E é por isso que no início desta mensagem, de 24 de março de 1983, Ela começou dizendo: *Meus filhos, minha missão terminou. Minha missão*. Quer dizer, em Soufanieh, a Virgem se considera a serva do Senhor. E é por isso que, logo após Ela diz: *Meus filhos, minha missão terminou*, e depois disse o seguinte: *N aquela noite, o Anjo me disse: “Bem-aventurada és tu entre as mulheres”*. E eu só pude lhe dizer “Eis a serva do Senhor”.

Em Soufanieh, Nossa Senhora nos deu uma lição extraordinária de serviço. Ela é a Toda Bela. Ela é a Rainha dos céus e do mundo. E apesar disso, Ela sabe que é a serva de Deus. Ela veio a Soufanieh para preparar o caminho do Senhor. Mais ou menos como Ela o preparou na Palestina. E quando o Senhor veio, Ela se eclipsou. Foi assim que aconteceu em Soufanieh. Nos demos conta disso alguns anos depois.

Em uma das últimas mensagens da Virgem em Soufanieh, ou antes, na última que deu antes de se eclipsar por quatro anos e quatro dias, em 15 de agosto de 1985, mais precisamente, durante a oração da noite de 14 de agosto, véspera do dia 15, Ela disse esta frase: *Meus filhos, boa festa. É minha festa quando vejo todos vocês reunidos. Sua oração é minha festa. Sua fé é minha festa. A união de seus corações é minha festa*. Ela é uma mãe que chama seus filhos para se unirem e em se unindo lhe darem alegria. E em todos os lugares, a alegria de toda mãe é ver seus filhos reunidos. E, com mais forte razão, aqueles que pertencem a Jesus. Depois disso, a Virgem desapareceu completamente. Por quatro anos e quatro dias. É muito significativo.

No início, não percebemos, mas depois, na verdade,

ficamos cientes de duas coisas muito importantes. Em primeiro lugar, que também aqui Maria continua a ser a serva. E em segundo lugar, que Ela, eu diria, preparou o terreno, para todos os cristãos e também para todos os muçulmanos, para a chegada de Jesus, para a irrupção de Jesus em Soufanieh.

Para os muçulmanos, Jesus representa algo muito grande. No Alcorão, Jesus é uma pessoa muito importante. Mas ele não pode ser Deus. Ele não pode ter sido crucificado. Para os muçulmanos, isso não é possível. E então a redenção não existe. Portanto, se no início do fenômeno falássemos das aparições de Jesus, provavelmente a coisa não teria sido aceita. É claro que se pode supor muitas coisas após o fato. Mas, pelo que sabemos da situação, se Soufanieh tivesse começado com uma manifestação imediata de Jesus, as reações teriam sido marcadamente diferentes. Mas a Santíssima Virgem, tem um lugar muito alto entre os muçulmanos e entre todos os cristãos, no Oriente, sejam eles praticantes ou não, sejam eles até mesmo incrédulos - temos incrédulos, muito poucos, mas alguns - a Santíssima Virgem, Ela, está à parte. Instintivamente, qualquer cristão em dificuldade, sejam ele quem for, diz imediatamente: “**Ya ‘Adra**, ó Virgem!” Nem mesmo dizemos “Ó Virgem Maria!” Só existe uma Virgem, é a Santíssima Virgem! A Santíssima Virgem tem as portas e corações abertos, tanto entre os muçulmanos como entre os cristãos.

Assim, quando o fenômeno começou por meio dessa pequena imagem de nada da Virgem Santíssima e de Jesus, as pessoas o saudaram com entusiasmo. Claro, houve recusas, houve críticas. Mas, para todas as pessoas, era a Virgem que estava lá, então eles estavam abertos. E quando, posteriormente, Jesus sucedeu à Nossa Senhora nas extraordinárias mensagens que transmitiu à Myrna durante os êxtases, o terreno estava preparado e o povo pôde o acolher. Pequenas brochuras com as mensagens foram distribuídas em milhares e dezenas de milhares de exemplares. As pessoas pediam por elas. Elas as liam. E, para muitos,

tornou-se até mesmo seu livro de cabeceira e de meditação.

Por isso a Virgem nos deu, também aí, uma lição de serviço. Embora Ela seja a Rainha de tudo, Ela permanece uma serva, diante de Deus e de Seu Filho. E uma de suas frases mais extraordinárias que Ela disse durante a Quinta Aparição, na noite de 24 de março de 1983, foi esta:

“Meus filhos, a minha missão terminou. Naque-la noite, o Anjo me disse: ‘Bem-aventurada és tu entre as mulheres’. E eu só pude lhe dizer que “Eis a serva do Se-nhor”. Depois Ela acrescentou: Eu estou feliz. Eu mes-sa não mereço lhes dizer: “Os seus pecados estão per-doados. Mas o meu Deus o disse. A Virgem é uma serva.

ternidade de Maria para com todos os seus filhos, os homens.

Mediadora

Porque a Virgem é a mãe de Jesus, Ela é a grande mediadora. Na Igreja Bizantina, entre as orações dirigidas à Virgem, há particularmente uma que se entoa todos os dias, pouco antes da Epístola e do Evangelho, e na qual se diz a Maria: “Ó Tu, Auxílio dos Cristãos, que jamais decepciona ...”. Isso é reconhecer que a Virgem tem, eu diria, Todo o Poder sobre Seu Filho Jesus.

E é por isso que, durante uma das mensagens mais co-moventes que Ela deu, durante o segundo êxtase, na sexta-feira 4 de novembro de 1983, Ela disse, em árabe dialetal, uma palavra marcante, marcada pela força ... e pela ternura ao mesmo tempo. Naquele dia, depois de ter dito à Myrna: *Desce e diz-lhes que és minha filha antes de ser deles ...*, a Virgem imediatamente acrescenta: *Meu coração se consumiu pelo meu único Filho. Ele não vai se consumir por todos os meus filhos.* Do jeito que está, a tradução soa mal. Ela dá a impressão de que, nesta frase, Nossa Senhora está dizendo: “Eu lavo as minhas mãos em relação aos meus filhos”. Mas, no dialeto árabe que Maria usa aqui, significa claramente: “Se antes da morte de meu Filho eu era impotente para o salvar e se meu coração se consumia diante do seu sofrimento, agora eu farei o impossível para salvá-los”. É exatamente o contrário do que uma tradução francesa literal pode sugerir. *Meu coração se consumiu pelo meu único Filho.* Pobrezinha, Ela estava ao pé da cruz, absolutamente indefesa. Mas, uma vez coroada Rainha do céu e da terra, e uma vez no céu após sua Assunção, Ela tem Todo o Poder. Ela não é a “onipotência suplicante”, como um dos santos a chamou? E Ela quer fazer o impossível para salvar seus filhos. Então Ela não vai deixar seus filhos irem para o lixo. Perderem-se por culpa deles ou por culpa dos outros. Ela fará o impossível. É aqui que realmente tocamos a maternidade divina. E a ma-

Posteriormente, em 14 de agosto de 1987, Jesus nos deu uma mensagem que realmente confirma esta onipotência de Maria sobre o coração de Deus. Uma frase que diz muito sobre o lugar da Virgem no seio da Trindade: *Minha filha, Ela é Minha Mãe de quem nasci. Quem A honra, Me honra. Quem A nega, Me nega. E quem Lhe pede obtém, porque Ela é Minha Mãe.* Eu lhes asseguro que, quando o Padre Malouli nos comunicou esta mensagem, ele estava perturbado. Ele tinha dificuldades em transmitir esta pequena mensagem de poucas palavras até o fim. *E quem Lhe pede obtém, porque Ela é Minha Mãe.* Tem-se a impressão de que Jesus abala toda a teologia que busca esclarecer se a Santíssima Virgem é realmente simplesmente uma mediadora ou se é mesmo Ela quem dá ... Jesus disse: “Mas Ela dá! Ela é Minha Mãe, eu não posso Lhe recusar nada”.

Portanto, em Soufanieh, Nossa Senhora nos lembrou, assim como Jesus, que Ela é Onipotente. Permanecendo uma criatura que conhece bem os seus limites. Mas que também conhece Seu poder como Mãe sobre Seu Filho. E Seu Filho é a segunda pessoa da Trindade. E assim a Virgem conhece Seu poder sobre a própria Trindade. É por isso que na mensagem de 18 de agosto de 1989, que Ela deu à Myrna durante sua segunda viagem aos Estados Unidos, Nossa Senhora fez este apelo a todos os fiéis: *Diga a todos para aumentarem as suas orações porque eles precisam da oração para apelar ao Pai.* Aqui voltamos ao que a Virgem também está dizendo em Medjugorje ou em Kibeho e que Ela já havia dito em La Salette. O braço de Deus torna-se cada vez mais pesado. É hora de rezar. Do contrário, o que explicaria essa multiplicação das manifestações divinas no mundo atual?

Um bispo greco-católico do Oriente Médio, Dom Elias Zoghbi, teve a coragem de escrever, há dois anos, um longo artigo em uma revista libanesa, publicada em francês, *La revue*

du Liban. Ele intitulou seu artigo: “Mundo, para onde vais?” E aí ele se questiona a partir dessas numerosas aparições atuais da Virgem no mundo, dizendo que, se Deus realmente intervém desta forma que se manifesta em todos os lugares, é que alguma coisa não está bem. É que o Senhor vê para onde estamos indo, provavelmente para uma espécie de autodestruição planetária. E Deus nos ama tanto que não quer nossa ruína e tenta nos dizer: “Parem! Parem! Reflitam, pensem, orem!”

A santidade do casamento

A escolha pelo Senhor de um casal para provocar o fenômeno de Soufanieh é, eu diria, extraordinariamente oportuna. Quando a família, que é o núcleo central essencial de toda a sociedade, está se desfazendo em várias partes do mundo, no momento no qual a família está se despedaçando, o Senhor vem colocar Suas mãos sobre um casal.

Este fato provocou uma reação de grande questionamento, tanto em Myrna e Nicolas, assim como em muitas pessoas do meio, em Damasco e em outros lugares. Myrna pensou por um momento em deixar Nicolas e se retirar para um convento. Ela me fez a pergunta e eu lhe disse: “Myrna, se o Senhor quisesse escolher uma jovem celibatária ou uma mulher celibatária, não lhe teriam faltado meninas e freiras neste mundo. E se Ele escolheu uma mulher casada, e especialmente uma jovem noiva, então Ele tem coisas a nos dizer sobre o casamento. O casamento é sagrado. E São Paulo compara a relação do homem e da mulher à de Cristo com a Igreja. É um relacionamento sagrado. Por que então pensar em se retirar?” Mas a ideia abalou profundamente Myrna.

Mesma reação houve por parte de Nicolas. Tanto que, mais tarde, no final de novembro de 1986, Nicolas confessaria ao padre Darrigaud, grande repórter do canal de TV Antenne 2, na França: “No início dos acontecimentos, fiquei três meses sem ousar pensar em Myrna como sendo minha esposa. Eu senti como se estivesse pecando só de pensar nisso. E, apesar de tudo que me foi dito, de tudo que os padres me disseram, foi só lentamente que fui capaz de aceitar o fato de que Myrna, embora escolhida pelo Senhor e por ser escolhida pelo Senhor, é, em um grau superior, minha esposa”.

Muitas pessoas disseram: “Mas, se Myrna realmente

é o objeto de uma escolha divina, ela não pode continuar sua vida de casada, nem mesmo sua vida mundana". Suponha que ela tenha uma vida mundana, coitadinha! Ela vive mais reclusa do que as freiras de um convento. Mas as pessoas diziam: "Ela deve se retirar para um convento". Mesmo agora, infelizmente, há pessoas que têm uma visão muito obtusa sobre a escolha de Deus, bem como sobre a vida conjugal e sacramento do casamento. Eles continuam a falar sobre isso, dizendo: "Não, isso não é possível. Myrna deve se retirar".

Jesus respondeu isso. Jesus e a Santíssima Virgem deram a resposta a isso. Nossa Senhora o fez durante o êxtase de 25 de novembro de 1983. Ela disse à Myrna: *Eu não vim para separar. Tua vida de casada permanecerá como está.* Posteriormente, em 7 de setembro de 1984, Nossa Senhora também lhe disse: *Vive a tua vida. No entanto, não deixa que a vida te impeça de continuar a orar.* E Jesus foi muito explícito em 26 de novembro de 1987. Muito explícito. Durante uma longa mensagem que lhe deu naquela noite, Ele lhe disse entre outras coisas: *Persevere em sua vida como esposa, mãe e irmã.* É um projeto e tanto: esposa, mãe e irmã!

Myrna passou vários anos sem ter filhos. Em 1º de maio de 1985, Nossa Senhora, após enviar uma mensagem de apelo à unidade, segurou a mão de Myrna. A Virgem, como Myrna a descreveu, tinha os olhos fixos no chão e o rosto muito sombrio. Ela disse à Myrna: *Meus filhos, se unam. Meu coração está ferido. Não deixem meu coração se dividir por causa de suas divisões.* Em seguida, acrescentou: *Minha filha, eu te darei um presente para tuas fadigas.* Pouco tempo depois, Myrna engravidou. E, em 15 de outubro de 1986, ela deu à luz sua pequena Myriam. Quarenta dias depois, exatamente, ela teve o êxtase de 26 de novembro de 1986.

Assim, através dos acontecimentos de Soufanieh, uma das mensagens da Santíssima Virgem é um lembrete sobre a santidade do casamento e sobre a necessidade

da santificação do casamento. E isso é muito importante em uma época em que, no Ocidente, o casamento já explodiu há muito tempo e, quando no Oriente, infelizmente, estamos testemunhando seu colapso cada vez mais frequente.

Nicolas

Nicolas é realmente impressionante. Um pouco como São José. Ele tem ouvido isso com frequência. E ele humildemente responde: «O que sou eu?» Vocês realmente teriam que vê-lo e conhecido antes. Eu não o conhecia. Mas, no início do fenômeno, sempre o víamos vestido com esmero, preocupado com sua aparência. E então, aos poucos, este homem foi cercado pela Virgem, por Jesus, e aos poucos foi entrando em uma espécie de familiaridade com Deus, em uma espécie de pobreza, de negação de si mesmo diante de Deus. Tanto que agora você o sente presente, mas com uma presença completamente apagada. Silenciosa, muito atenta, muito preocupada em salvaguardar o primado de Deus e da oração. Não permitindo qualquer violação da atmosfera de oração. Mas nunca tentando se apresentar. Nunca. Assim que ele vê a menor infração, seja em palavras ou em uma forma mais ou menos suspeita de lucrar com a oração em Soufanieh, ele imediatamente coloca ordem. Com a maior discrição.

Vou dar alguns exemplos ou respostas de Nicolas, que o caracterizam melhor do que um discurso. Aqui está a primeira reação de alguém que morou com Nicolas e que era seu amigo íntimo. É um homem que tem a idade de Nicolas, cerca de cinquenta, e que, na juventude, viveu em Soufanieh. Seu nome é Georges Barsa e ele emigrou para os Estados Unidos, onde mora há pelo menos onze anos. Eu o visitei em 1984, em Nova York. Ele me convidou para jantar e havia várias pessoas lá, incluindo muçulmanos. Depois da refeição, ele me pergunta: «Padre, me diga, o que está acontecendo em Soufanieh? Esse é o meu bairro». Então eu conto a ele o que está acontecendo. Depois de um tempo, ele me disse: «Mas qual é o nome do marido de Myrna?» Eu digo: «Nicolas Nazzour». Eu lhes asseguro que se uma cobra o tivesse picado ele não saltaria daquela forma. Ele me disse: «Não é possível! Nicolas!

Mas eu o conheço! Era eu que organizava com ele nossas noites de prazer!» Olho para ele e digo: «Georges, você se esquece que o Senhor às vezes gosta de tirar pérolas da lama ... Você se esquece. Você se esquece de São Paulo. E de Maria Madalena, o que era ela? Os apóstolos, o que eram? Santo Agostinho, o que era ele? Veja a história da Igreja! Nicolas não é diferente dessas pessoas. Não somos nós que nos santificamos. Deus nos arranca de nossa lama, e se correspondermos à Sua graça, podemos nos tornar santos. Bem, aí está Nicolas!»

Nicolas realmente mudou e de uma forma avassaladora! Aqui estão algumas de suas reações. No início do fenômeno, um oficial sênior do serviço secreto veio a Soufanieh. Ele chama Nicolas de lado por um momento e acaba dizendo: «Nicolas, tenho pena de você. Agora é o início do fenômeno e você já não tem mais casa. O que será daqui há alguns anos? É necessário fechar a porta». Nicolas lhe deu a seguinte resposta: «esta porta, não fui eu quem a abriu. Quem abriu vai fechar».

Segunda reação. O próprio Ministro da Defesa, General Mustapha Tlass, tinha vindo a Soufanieh. E tinha visto a exsudação do óleo. Posteriormente, ele voltou com o Estado-Maior do exército sírio para orar em Soufanieh. Em seguida, chama Nicolas à parte e lhe diz: «Nicolas, acredito que sua casa se tornará um lugar de peregrinação. Não há mais nenhuma razão para você ficar aí. O governo colocará em sua posse o apartamento que você escolher, onde quiser, para que você se sinta confortável». Nicolas respondeu: «O que Deus abençoou não trocarei por nada no mundo».

Isso foi no início do fenômeno. Posteriormente, na Quinta-feira Santa, 16 de abril de 1984, durante a segunda abertura dos estigmas, a ferida do lado de Myrna tinha a medida de exatamente 10,2 cm. Era tão profunda que um dos médicos disse a Nicolas: «Temos que suturá-la». Nicolas respondeu espontaneamente: «Doutor, esta ferida, quem abriu vai fechar.» E na mesma noi-

te, a ferida foi completamente curada. Na mesma noite!

Em novembro de 1987, eu estava na França. Voltei para Damasco em 22 de novembro de 1987. Antes de ir ver meus pais fui a Soufanieh. Tinham acabado de organizar o pátio e o terraço. Muito óbvio, tendo em vista o quinto aniversário. Nicolas me conduz ao terraço onde a Virgem apareceu para Myrna. E vejo que eles pavimentaram o terraço, deixando descoberto o local onde o óleo escorrera das mãos de Myrna e onde ela disse que a Virgem tinha estado. Sobre este lugar, eles colocaram um pedestal, e acima do pedestal, uma bela estátua da Virgem. Nicolas me disse: "Enquanto consertávamos o pátio, é aqui que rezávamos todos os dias". Eu lhe pergunto: "Havia muita gente?" Ele responde: "Às vezes setenta pessoas, um pouco mais, um pouco menos". Eu exclamo: "Mas você é louco! Nicolas, esta é uma casa velha. E com o concreto que você colocou, mais as telhas, o pedestal e a estátua, isso pode desabar com setenta pessoas!" Ele olhou para mim e disse: "Mas Padre, não pense nisso! Não são as paredes que sustentam a Virgem, é a Virgem que nos sustenta a todos!" Tal resposta diz muito sobre a evolução desse homem. Garanto que me senti muito pequeno na frente dele quando fez essa reflexão para mim.

Outra vez, eu estava em Soufanieh explicando os acontecimentos a um grupo de peregrinos. Uma mulher se vira para Nicolas e diz: "Feliz é você, Nicolas. É porque você é bom que o bom Deus lhe deu esta graça!" Ele respondeu: "Mas pense novamente, senhora. Isso é para eu me tornar bom!"

Um dia, eu passo por lá. Nicolas me entrega um envelope. No envelope estava escrito: Padre Elias Zahlaoui, Presbitério de Soufanieh, Damasco, Síria. Eu disse, rindo: "Aqui! Presbitério de Soufanieh! Então esta casa me pertence!" E Nicolas respondeu: "Mas padre, desde quando ela é minha? Nunca me pertenceu". No entanto, esta casa pertence a Nicolas e à sua família. Então você vê um pouco, por

meio dessas anedotas e dessas respostas, as características de Nicolas. Ele continua a viver de forma muito simples.

Mas a última particularidade que eu gostaria de relatar a vocês foi há apenas um ano e meio. Um dia eu estava no meu escritório. Nicolas vem assim, sem me avisar. Ele ficou e conversamos um pouco. Durante essa troca, ele me disse de forma muito simples estas palavras que escrevi após sua partida: "Padre, percebo claramente que o Senhor quer me despir completamente. Ele quer me jogar a Seus pés, completamente nu, em uma pequena esteira de nada. De todos os meus empreendimentos, desde o início do fenômeno até agora, não tive sucesso em nenhum. Tenho certeza de que o Senhor quer me despir completamente para que eu me torne prisioneiro apenas Dele. E eu estou pronto".

Pois bem, quando você ouve tal reflexão, dita em um tom muito simples, sem a menor afetação, você realmente experimenta uma presença divina através da evolução desse homem chamado Nicolas!

Uma página do Evangelho

Soufanieh tem sido para mim e, para muitos, creio, literalmente, páginas vivas do Evangelho. Tivemos, por exemplo, a transformação, não só de Nicolas e Myrna, mas a disponibilidade para o Senhor de toda a família e de tantas outras pessoas.

Garanto que durante os primeiros quarenta e cinco dias do fenômeno, vinte e sete pessoas, além de Myrna e de Nicolas, estiveram em total disponibilidade. Vinte e sete pessoas que estavam, eu diria, em alerta total, em completa disponibilidade, em serviço permanente para acolher as pessoas, especialmente os enfermos, e para rezar com eles. A mãe e o pai de Myrna, seus irmãos e irmãs. A mãe de Nicolas, uma senhora idosa enrugada, com pouco mais de um metro e meio de altura, pesando apenas 35 kg, e que, até agora, só faz dizer: "Eu estou por ordem de Maria". E que passa as noites e os dias limpando a casa, sem reclamar, para que a casa fique limpa para os visitantes de Maria. Mais seus irmãos e irmãs, seus maridos, seus filhos, a vizinhança ... Eu contei: durante os primeiros quarenta e cinco dias, exatamente vinte e sete pessoas constantemente disponíveis, em oração e em serviço, para tudo e para todos.

É claro que, como no Evangelho, também houve pessoas que buscaram lucrar um pouco com esse fenômeno. Gente que se dizia objeto de visões, graças, sei lá, muitas coisas, e que buscava chamar a atenção e a estima das pessoas. Tem havido pessoas que tentaram tirar proveito desse fenômeno para se colocarem em relevo.

Isso é absolutamente o Evangelho. Quando vemos como os próprios apóstolos procuraram explorar Jesus e até, como São Pedro, desviá-lo de sua missão, a pon-

to de Jesus lhe dizer: "Afasta-te de mim, Satanás!" (Mt 16:23), as coisas se explicam. Não ficamos surpresos.

Acredite em mim, apenas Myrna e Nicolas, junto com seus parentes mais próximos, foram completamente apagados. Apagados e perplexos, sem saber o que fazer, procurando orar, mas às vezes sem saber como orar. E assim, deixaram-se levar por uma espécie de espontaneidade natural. Portanto, há a chamada e a resposta. E a resposta pode ser muito variada. Mas em geral, em Soufanieh, houve uma disponibilidade, uma alegria e um esquecimento total diante de Deus, na oração.

Sem mim nada podeis fazer

Há um ponto que gostaria de enfatizar aqui. Esta é uma conclusão simples, extraída de tantas mudanças ocorridas em Soufanieh, ou graças a Soufanieh.

Em Soufanieh, experimentamos uma familiaridade com Deus, que eu chamaria de tangível. Mas, para qualquer mudança espiritual, percebemos nosso desamparo radical. Somente Deus pode efetuar mudanças espirituais, mesmo as menores. É em vão que nós mesmos nos esforçamos. Não é que eu queira dizer que o homem está absolutamente desamparado, que só Deus faz tudo. Mas, de fato, quanto mais eu me observo, quanto mais observo as pessoas que rezam em Soufanieh e que mudaram a partir de Soufanieh, mais eu percebo a profundidade da palavra de Jesus que me chocou quando eu estava no grande seminário e que eu sempre repeli durante anos: “Sem mim nada podeis fazer!” (Jo 15,5). Pois bem, em Soufanieh, toquei na verdade, na verdade profunda, tão humana e divina ao mesmo tempo, deste dizer: “Sem mim, na podeis fazer!”.

Há dias que, temos de dizê-lo, eu me sinto verdadeiramente desesperado. O Senhor é capaz de mudar-nos. Senhor, por que você não me muda? E é aqui que comprehendo o que diz São Paulo quando escreve: “Tudo posso naquele que me fortalece”(Fl 4, 13). Essas duas frases são próximas uma da outra: “Sem mim nada podeis fazer!” “Tudo posso naquele que me fortalece!” A coisa toda é dizer a Ele: “Senhor, entrai, invadi-me!”

Mas existem tantos obstáculos e tanta opacidade em nós, entendem? E, finalmente, entre os dois, meu coração balança. Gostaríamos muito de poder dizer a Ele: “Leva-me, desfaz-me e refaz-me!” Infelizmente, existem tantos condicionamentos em nós que fazem que o Lhe afir-

Contra a tentação materialista

Em nosso país, há uma coisa a lembrar: Deus está presente em todos os lugares. Deus está realmente presente em todos os lugares. Quando perguntamos: "Como vai você?" Respondemos: "**Al-Hamdu lillah**". Isso quer dizer "Graças a Deus!" Deus está na boca de todos. Um estrangeiro que passe dirá: são pessoas muito religiosas.

Na verdade, no fundo, nós, árabes, somos muito religiosos. Mas estamos sujeitos a um condicionamento evolutivo interno e a um condicionamento da sociedade de consumo que acabou, eu diria, consumindo o próprio Deus, em nossa sociedade. Deus permanece na superfície de muitas coisas. Mas Ele corre o risco de ser devorado por esta sociedade de consumo que nos está devorando agora.

Além disso, emergindo de um período de letargia em todos os campos, e aspirando a uma evolução digna de um certo nível humano, acreditamos que só a ciência poderá nos livrar deste subdesenvolvimento que sofremos há centenas de anos. Tanto é assim que transformamos, de certo modo, a ciência, e por meio da ciência também, por um tempo, o marxismo, em um deus que iria nos libertar de todo o nosso subdesenvolvimento. Daí o entusiasmo das pessoas, especialmente dos jovens, pela ciência, especialmente pela ciência que nos chega do Ocidente. E pela filosofia que vem do Ocidente, pelo ateísmo que vem do Ocidente. Ainda mais porque, ao ver as religiões entre nós continuarem se devorando e se separando, como reação as pessoas têm uma tendência natural de dizer: "Vamos acabar com essas religiões que só causam desgosto e, às vezes, até guerras civis".

Então vocês veem que todo um esforço está surgindo para se colocar Deus de lado e se apegar a valores estrita-

mente humanos, especialmente a ciência e a filosofia. Adicionem o poder e o dinheiro e vocês terão o que acreditamos ser TUDO. Ciência, filosofia, isto é, uma certa visão do mundo, poder e dinheiro, de que mais precisamos? Foi, e ainda é, nossa tentação atual. E agora essa gotinha de óleo rachou toda essa estrutura que estávamos construindo: uma estrutura fechada, do humano que se fecha sobre si mesmo. A pequena gota de óleo veio e disse: "Aonde vocês estão indo? Quem vocês pensam que são? Por que vocês estão se esquecendo de Deus? Mas Ele está com vocês. Ele lhes ama".

Como exemplo vivido, eu lhes contarei sobre a reação de um jovem muçulmano. Ele é um jovem artista que estudou na Escola de Belas Artes de Damasco. Um jovem muito dotado para as artes, tanto para a pintura e a escultura como também para a música. Uma bela manhã, ele me telefonou. Ele estava tremendo. Eu lhe disse: "Venha me ver". Ele veio, bastante pálido. "O que você tem?" Ele me disse: "Passei a noite inteira sem dormir, estou confuso, padre". Eu lhe pergunto: "Por quê?" Eu o conhecia há pelo menos um ano. Um menino notável em dedicação, gratuidade e modéstia, apesar de todos os seus dons. Ele nunca me disse que era marxista. Frequentemente vinha me ajudar na paróquia, principalmente nas pinturas teatrais, no porão da igreja. Ele me fez um grande painel, todo o cenário do teatro, de graça. E no dia em que quis dar-lhe algo ele chorou. E me disse: "Padre, estou fazendo isso por amor a você, não por dinheiro". Quando ele estava pintando, frequentemente ouvia pessoas falando sobre o óleo de Soufanieh. Finalmente, pediu a uma delas: "Leve-me a Soufanieh". Ele foi até lá, tomou uma imagem de Nossa Senhora de Soufanieh. E observou as pessoas durante a oração. Ele segurou a imagem em suas mãos. De repente, viu o óleo que começava a escorrer da própria imagem que ele segurava. Então sentiu como o golpe de uma clava na cabeça. Ele guardou a imagem, saiu sorrateiramente e voltou para casa, onde subiu para se instalar no sótão. Ficou a noite toda pensando. Sua cabeça estava "recheada", como ele me disse, de marxis-

mo. Havia lido centenas de livros sobre o marxismo. Para ele, o mundo estava fechado. Essa queda abriu uma pequena brecha nesse mundo fechado. Eu lhe disse: "E o que você fez depois?" Ele respondeu: "Padre, eu me lavei, depois li o Alcorão e orei". Ele leu a Surata de Maria. Eu lhe perguntei: "Desde quando você não lê o Alcorão e ora?" Ele me disse: "Eu nunca tinha lido o Alcorão crendo e eu nunca tinha orado. Foi a primeira vez".

Vejam vocês essa reação. Isso diz muito. Isso exprime muito. Há realmente um chamado de Deus por meio dessa gota de óleo. Esse chamado também ocorre, é claro, por meio dos estigmas, dos êxtases e do fenômeno da oração.

Aqui está também a reação de um jovem sacerdote de Damasco, Padre Boulos Fadel. No entanto, Deus sabe se o clero em Damasco tem sido hostil ao fenômeno há vários anos. Boa parte deles ainda permanece hostil até hoje, estupidamente, porque *a priori*. No entanto, por um tempo, vi um jovem padre vir regularmente para orar em Soufanieh. O fenômeno começou há três anos e meio. Um dia, no final da oração, chamei-o à parte e perguntei-lhe: "O que te trouxe a Soufanieh?" Ele respondeu: "Padre, muito simplesmente, pensando no fato de que as pessoas oram em Soufanieh há três anos e meio, eu disse a mim mesmo: todas essas pessoas não são estúpidas. Eles certamente viram algo. Então, eu quis orar com elas". Eu lhe disse: "Feliz és tu! Continua".

Posteriormente, ele testemunhou muitas coisas e agora está no centro do fenômeno. Tanto que eu lhe disse que certamente terá um ótimo trabalho a fazer em Soufanieh. Na verdade, o padre Malouli tem uma certa idade. Eu mesmo, apesar de uma aparência muito sólida, sinto que estou partindo rapidamente. Então eu disse a ele: "Prepare-se, Boulos, para assumir. Você certamente terá uma grande missão em Soufanieh".

E, de fato, no verão passado, quando o padre Franz Van der Voort convidou Myrna e Nicolas para irem à Bél-

gica, o padre Malouli preferiu ficar em Damasco. Eu mesmo fui levado para uma série de acampamentos de verão com jovens. Apenas o padre Boulos Fadel estava disponível. Então ele os acompanhou e assim começou a sair de Damasco, para ajudar Myrna. Sua reação inicial a Soufanieh foi muito saudável e o Senhor o recompensou por isso.

Alguns, no entanto, ainda se recusam a entrar em qualquer diálogo sobre Soufanieh. Os leigos, contudo, permanecem educados e reservados até certo limite. Mesmo que sejam contra, eles são capazes de ouvir. Infelizmente, há padres que, até agora, se recusam a ouvir sobre Soufanieh. Entre outros, há três padres que eu mesmo desafiei. Três padres diferentes. Dois padres greco-católicos e um jesuíta. Eu mesmo os desafiei dizendo: "Pelo menos venham! Saibam o que está acontecendo. Vocês não têm o direito *a priori* de recusar. Mais uma razão para dizer às pessoas que se trata de uma farsa ou de uma brincadeira. Vocês não têm o direito. Um dia, o Senhor vai lhes pedir contas disso. O que vocês dirão quando estiverem diante Dele e Ele lhes disser - estas são as palavras que usei -: "Eu estava batendo nas portas em Damasco e você era encarregado de divulgar as boas novas. O que você fez?" Vocês dirão a Ele: "Meus superiores estavam presos em suas torres de marfim. Eu estava esperando que eles me dissessem o que fazer"? Mas se nossos superiores continuarem a se encerrar em suas torres de marfim, quem lhes dará as informações que precisam para saber o que está acontecendo, senão vocês, senão eu? Infelizmente, até agora, alguns ainda estão presos.

As várias reações

Na Síria, a maioria da população é muçulmana. A maioria do governo é muçulmana. E no momento em que os eventos de Soufanieh começaram, houve um confronto violento e até sangrento entre o governo e os fundamentalistas muçulmanos, que se autodenominam Irmandade Muçulmana. Portanto, a situação era obscura.

No entanto, o governo sírio teve a inteligência e, diria mesmo, um sentido religioso, de enviar uma delegação, composta por um médico e quatro oficiais do serviço secreto. Dois haviam se apresentado pelo nome e dois outros haviam se infiltrado na multidão. Era seu dever. Eles tinham que saber o que estava acontecendo. Eles conduziram a investigação na frente de todos. E, ao final, sua investigação se resumiu nas palavras que o médico disse aos policiais: “Deus é grande!” Cada um deles, antes de partir, pegou um pedaço de algodão embebido em óleo, colocado em um saco plástico. E desde então, o governo tem tido uma atitude muito respeitosa para com Soufanieh. Nunca fomos incomodados. Nunca. Pelo contrário.

Os oficiais da polícia geral de Damasco foram a Soufanieh em 16 de dezembro de 1982. Com o maior respeito. Eles queriam ver e ouvir por si próprios o que estava acontecendo e disseram: “Se precisar de alguma coisa, para manter a ordem, avise-nos, nós estamos prontos”. Havia, de fato, grandes multidões chegando. Mas nunca precisamos deles. E até agora, o mesmo respeito foi mantido, tanto do governo quanto das pessoas que vêm se informar ou orar.

O Ministro da Defesa veio várias vezes e mesmo uma vez na noite de Natal de 1982. Naquela noite, diante de seus olhos e os de sua esposa, bem como dos olhos de um ex-primeiro-ministro, Mahmoud Ayoubi, o óleo fluiu da imagem de

Soufanieh, ao passo que, alguns momentos antes, ela estava totalmente seca. Posteriormente, o Ministro da Defesa me deu por duas vezes uma declaração, primeiro em seu escritório, depois em sua casa, e isto na frente de um dos bispos da Síria, Monsenhor Boulos Bourkhoche: “Padre”, ele disse, “no dia em que você escrever suas memórias sobre Soufanieh, não se esqueça de dizer que eu sou uma testemunha”. Ele disse essa frase, batendo no peito. Para um árabe, bater no peito enquanto diz algo é tomar seu coração e Deus para testemunhar o que está dizendo. Portanto, até agora, e com certeza continuará, a posição do governo tem sido muito respeitosa.

A autoridade eclesiástica, como deveria ser, foi muito cuidadosa. Às vezes, demasiado. A partir daí, as coisas evoluíram muito. O Patriarcado Ortodoxo emitiu uma declaração oficial em 31 de dezembro de 1982, reconhecendo nos acontecimentos de Soufanieh uma “visão não ordinária”, como eles disseram. Ao contrário de toda a tradição teológica oriental, especialmente a ortodoxa, o comunicado à imprensa chamou a pequena imagem de papel de um ícone sagrado. Também proclamou duas coisas importantes: a necessidade de uma comissão de inquérito, teológica e médica, bem como a transferência do “Santo Ícone” para a Igreja Ortodoxa da Santa Cruz, que fica a 500 metros da Casa da Virgem em Soufanieh. A transferência ocorreu. Foi grandiosa. Infelizmente, quarenta e três dias depois, a imagem foi trazida para a casa dos Nazzour com a maior discreção. E desde então a Igreja Ortodoxa Grega, à qual pertence a casa porque Nicolas é Greco-Ortodoxo e Myrna é Greco-Católica, desde então a Igreja Ortodoxa Grega adotou uma atitude negativa.

Mas as outras Igrejas, assim como o núncio apostólico em Damasco, aos poucos foram percebendo o que estava acontecendo. Posteriormente, a nunciatura acompanhou o fenômeno com muita regularidade e sei muito bem que em Roma ela é levada a sério¹².

12 Em 1999, foi inaugurado no Vaticano o “Centro Nossa Senhora

Outros bispos, eu diria, embarcaram no fenômeno inesperadamente. Foi o caso do bispo Boulos Bourkhoche. Por sua vez, Dom Georges Hafoury, bispo sírio-católico, que ironicamente recusou o fenômeno, o aceitou no dia em que viu, em outubro de 1986, na casa de seu irmão em Beirute, o óleo jorrar abundantemente de uma imagem de Nossa Senhora de Soufanieh. E ele mesmo veio à Soufanieh, em 15 de dezembro de 1986, para testemunhar isso. Por duas vezes naquele dia ele esteve com lágrimas nos olhos. No entanto, sendo filmado em vídeo ele concordou em ser registrado assim. Além disso, foi o primeiro a tornar Soufanieh conhecido em todo o mundo, ao publicar na revista ocidental Stella Maris, de Friburgo, na Suíça, o primeiro artigo sobre Soufanieh. Artigo escrito por ele, Bispo Sírio-Católico da Síria.

Posteriormente, outros bispos o seguiram. Uma menção particular deve ser feita ao Patriarca Siríaco-Ortodoxo, Sua Santidade Zakka Iwas I. Ele tentou, a partir de agosto de 1987, entender o que estava acontecendo. Ele se deu ao trabalho de estudar todos os arquivos, de assistir às fitas de vídeo, de me ouvir longamente em seu escritório, para descobrir exatamente os fatos. Ele segue acompanhando o fenômeno até agora, a tal ponto que, em 28 de maio de 1990, concordou em dar seu depoimento em um vídeo no qual reconhece oficialmente Soufanieh. Ele o fez em termos esmagadores, tanto pela simplicidade e verdade, quanto pela profundidade. Ele também disse repetidamente a muitas pessoas, incluindo as pessoas que atacaram o fenômeno à sua frente: "Meus filhos, vão e orem em Soufanieh, o dedo do Senhor atua em Soufanieh". Ele teve a coragem de dizer isso. Por fim, muito recentemente, ele publicou na revista de seu patriarcado uma resenha muito longa de meu livro, para, a partir dessa resenha, dizer às pessoas que ele também adotou Soufanieh.

Em nível das pessoas propriamente ditas, de início houve um choque. Óleo fluindo de uma imagem. As pessoas de Soufanieh". <https://www.soufanieh.com/MULTIMEDIA/1999.10.ITALY.VATICAN/19991015.ita.ita.inauguration.center.oil.mp4>. N.T.

se aglomeraram na casa onde isso estava acontecendo. Entre eles, como ao redor de Jesus, estavam os crentes e os incrédulos, os irônicos, os que se julgam muito inteligentes, os que acreditam que não podem se envolver por causa de sua situação, seja ela social ou econômica, política, etc. Houve também lealdades tocantes e conversões incomuns, pelo menos no que se refere às que eu conheci. Mas, à primeira vista, o choque provocou muitas orações. E é isso o que importa para mim. Todo o resto me parece insignificante. Crítica, ironia, houve e ainda há, assim como a descrença e a recusa teimosa de muitos até agora, especialmente entre as pessoas ricas de Damasco. Mesmo entre o clero, apesar dos oito anos e meio de duração do fenômeno, alguns persistem cegamente em recusá-lo *a priori*. Eles encontram uma explicação supostamente psicológica ou fisiológica, até física, para isso.

Foi alegado que Myrna teria tomado comprimidos que eles chamavam de oleígenos, o que teria feito o seu corpo secretar óleo. E as imagens que, por toda parte, na Síria, no Líbano, na França, na América, secretam óleo? E a última conhecida, ocorrida no Iraque, em Mosul, desde janeiro de 1991? Todas essas imagens, como fazem elas para secretar óleo assim?

Outros culpam a intervenção do mal. É difícil imaginar um homem que em sua razão ouse dizer, depois de oito anos e meio de um fenômeno que realmente trouxe uma vida de oração tão intensa e vasta, que se trata de um fenômeno diabólico. E, no entanto, são, infelizmente, pessoas às vezes em certas posições eclesiásticas elevadas que assim falam.

Por outro lado, em nível do povo, a reação foi principalmente a oração. Após o choque do início, que ocasionou o afluxo maciço de gente a Soufanieh, aos poucos, o movimento recuperou uma dimensão mais natural, mais plausível e mais modesta. E acredito que seja providencial.

E enquanto em Damasco e na Síria o fenômeno as-

sumia uma dimensão bastante modesta, até mesmo apagada, que afetava uma categoria bastante pequena de pessoas, aos poucos, lá fora, as ondas de Soufanieh se alargavam. Tanto é verdade que muitos sírios dizem: “Fomos informados sobre Soufanieh nos Estados Unidos e, aqui em Damasco, nem nos importamos em ir lá orar”.

Eu lhes cito um caso. Há alguns meses, eu encontrei um casal amigo, cujo marido é médico. Eles me perguntaram: “Padre, fale-nos de Soufanieh”. Eu respondi: “Por que vocês estão pedindo isso somente agora?” A esposa me disse: “A irmã do meu marido veio do Canadá nos ver. Assim que ela desceu do avião, no aeroporto, ela nos disse: ‘Leve-me a Soufanieh!’ Isso nos chocou: como ela, vindo do Canadá, nos pediu para levá-la para Soufanieh, e nós, em Damasco, nunca nos importamos em ir lá!” E ela me perguntou: “Padre, diga-nos o que está acontecendo”. Marcamos um encontro e fui vê-los. Havia cinco médicos naquela noite, incluindo esta mulher do Canadá, e cerca de trinta pessoas. Passamos a noite toda falando sobre Soufanieh. Expliquei todo o fenômeno a eles. Depois de um tempo, o dono da casa, ele próprio médico, chamou-me à parte e disse-me: “Padre, até agora eu estava quieto. Mas, daquele momento em diante, não consigo mais ficar quieto. Soufanieh me provoca”. E, desta maneira, muitas pessoas chegaram lá.

Portanto, em nível da população, houve realmente, como costumo dizer com o Padre Malouli, uma espécie de experiência evangélica. Um choque, uma reação de oração, em seguida, da parte de muitos, um certo recuo. E então, lentamente, de uma forma bem modesta, o fenômeno penetra. Ele entra discretamente. Deus é discreto.

O sinal de óleo

O óleo tem um simbolismo muito rico para o Oriente Médio. A oliveira e a videira são plantas vitais. A oliveira é a árvore da paz. É também a árvore que dá a azeitona, a azeitona que dá o azeite. O óleo é um símbolo de luz. É um símbolo de nutrição. É um símbolo de força: com ele é revestido o corpo de lutadores. É um símbolo de cura. Na parábola do Bom Samaritano, vemos que óleo foi derramado sobre as feridas do homem deixado para morrer ao longo do caminho. O óleo, no Antigo Testamento, é um símbolo da unção real e messiânica. Finalmente, para nós, cristãos, é um símbolo do Espírito Santo.

Porém, em Soufanieh, a permanência do fenômeno do óleo é notável. Em novembro de 1990, a Santíssima Virgem avisou Myrna que os êxtases cessariam até que a festa da Páscoa fosse unificada. Mas, ao mesmo tempo, ela lhe disse que o óleo continuaria a aparecer em suas mãos.

Temos a impressão de que a Santíssima Virgem nos lembra aqui que o grande ícone de Deus é o homem. O grande ícone de Deus é o homem. A imagem de Soufanieh representa a Santa Virgem e Jesus. Para nós, nada existe além de Jesus e da Santíssima Virgem. Mas a imagem continua sendo um pedaço de papel. Porém, o óleo também flui de um corpo humano. Assim, temos a impressão de redescobrir a verdade do homem, que desde o início foi chamado ícone de Deus (cf. Gn 1, 26).

Parece que o Senhor, por meio de Myrna e de outras pessoas nas quais o óleo se manifesta, quer nos dizer novamente que o homem é o ícone de Deus. É algo tão lindo. É algo que nos lembra da importância do homem aos olhos de Deus e da prioridade do homem na mente de Deus. Realmente faz você pensar. É bom tomar consciência disso, por meio dessa manifestação que não cessa de prosseguir e de se espalhar.

Inicialmente, ninguém poderia supor que o fenômeno de Soufanieh pudesse durar tanto. Em breve fará nove anos. Essa persistência do Senhor é realmente preocupante. Também podemos observar uma permanência idêntica em outros eventos que ocorreram ao mesmo tempo que Soufanieh. De fato, desde os anos 1980, houve Medjugorje na Iugoslávia, Kibeho em Ruanda, San Nicolas na Argentina, bem como várias outras manifestações. Esses também são fenômenos que perduram.

Dir-se-ia que, diante da opacidade do mundo atual, diante de sua recusa massiva de uma dimensão espiritual, o Senhor se faz intensamente presente. Ele se faz mais persistente do que nunca, enviando sinais físicos tangíveis que ninguém pode negar. Em Damasco, ele envia o sinal do óleo, óleo que sai de uma pequena imagem de nada. Isso nos faz refletir.

O mistério da graça

Mas há um ponto que realmente permanece na ordem do mistério. Quando vemos sinais desta magnitude, desta continuidade, desta constância, como podemos permanecer, não apenas indiferentes, mas até hostis? Como você pode se dar ao luxo de não descobrir o que está acontecendo, especialmente se você é responsável, em algum nível, pela fé das pessoas? Garanto que é um verdadeiro mistério.

É ali que toquei pessoalmente o sofrimento de Jesus quando, no Evangelho, Ele realiza sinais, não para fazer maravilhas, mas para procurar abrir os olhos tanto das pessoas simples como das autoridades responsáveis. Foi aí que comprehendi porque é que Jesus, nos últimos dias da sua vida terrena, gritou de raiva; mas é uma raiva que brota de um amor imenso e decepcionado: “Infelicidade! Infelicidade! Infelicidade!” Ele fez o impossível. E ficamos espantados quando vemos como os sumos sacerdotes queriam matar não só Jesus, mas também Lázaro, para fazer desaparecer este imenso sinal que é o Lázaro ressuscitado. Até Lázaro. Realmente é um mistério.

Quando, no seminário, durante as aulas de teologia, nos disseram que a fé era uma graça e que às vezes era recusada, quando nos diziam isso, eu me rebelei porque senti que então o homem era eliminado. Mas ali, em Soufanieh, percebi que, apesar de todo o respeito que Deus tem pela liberdade humana, o mundo da graça e o da fé permanecem na ordem do Senhor. É Ele quem dá. Mesmo a fé, é Ele quem a dá. É verdade que o homem deve se aproximar e que se ele der um passo, Deus dará mil em troca. Mas, novamente, é necessário que Deus dê alguma coisa.

E é por isso que, no final das contas, quem teve a graça de conhecer Soufanieh, de vivenciar Soufanieh, não tem

nada a ver com isso, a começar por mim. Não temos nada a ver com isso. Quer dizer, não temos mérito. Sem mérito. Se o Senhor achou por bem que eu fosse jogado nisso, foi apesar de mim, contrário ao meu temperamento, contrário às minhas inclinações, contrário à minha formação, contrário aos meus compromissos ao nível da Igreja e do meu país. Realmente, não tive nada a ver com isso. Há mesmo certos dias em que eu gostaria de acabar com isso.

Os acontecimentos de Soufanieh e minha vida como padre

Assim, se me perguntam o que os acontecimentos de Soufanieh mudaram em minha vida como sacerdote, eu respondo: muitas coisas e poucas coisas. Em primeiro lugar, o que mudou é que entendi que toda iniciativa sempre vem de Deus. Qualquer iniciativa. Por temperamento, sou muito empreendedor, muito independente, muito proativo. Lá, vi que Deus me pegou “pelo nariz”, apesar de mim. Tentei compreender o máximo que pude. Talvez para me esquivar, talvez para dissecar o fenômeno, talvez apenas para entendê-lo. Talvez também para fugir de um antagonismo que se espalhava pelo país. Mas eu realmente senti, em várias ocasiões, que o Senhor havia se apoderado de mim.

E quanto mais eu avançava, considerando o meu passado, mais eu comprehendia claramente que o Senhor já havia me tomado há muito tempo. Aos poucos, fui comprehendendo a frase de São Paulo: “Ele me escolheu desde o ventre de minha mãe” (Gal 1, 15). Portanto, sem nenhum mérito da minha parte. E quando penso um pouco sobre minha vida passada, sobre o que minha mãe me contou acerca da minha infância, sobre minha vida no bairro, minha vida no seminário, as diferentes fases da minha vida, francamente, só posso dizer obrigado ao Senhor, porque Ele me segurou, como dizem em árabe, pelas mechas do meu cabelo. Ele me segurou firmemente. Um de meus diretores espirituais, o padre Paul Ternant, de Jerusalém, teve essa intuição. Um dia, ele me disse: “Elias, tenho certeza de que o Senhor te segura pelas tuas mechas. Ele não te deixa cair”.

No entanto, Deus sabe, e eu também sei, quantas vezes eu poderia ter desaparecido, me perdido. E acreditam em mim, não estou tentando me exibir. Além disso,

não tenho mérito. Tenho até a impressão de que fui e ainda sou, de certa forma, mesmo agora, um obstáculo para Soufanieh, para muitas pessoas, e talvez até mesmo para altos funcionários eclesiásticos. Porque estou na contracorrente dentro da Igreja, não só de Damasco, mas em toda a minha comunidade do Oriente Médio. Não é um mérito da minha parte. Tive uma espécie de intuição. O Senhor certamente está aqui para muito, provavelmente para tudo, e eu acreditava que poderia me envolver nessa intuição que resumi na imagem que adotei da minha ordenação sacerdotal.

Esta imagem representa Cristo descendo da cruz para arrebatar um homem completamente caído em sua miséria. Uma belíssima imagem desenhada a nanquim pelo meu ex-diretor espiritual do seminário menor, um padre branco¹³, padre Jacques Bodet. Eu pedi para torná-la minha imagem de ordenação. E eu coloquei três frases nela que resumem tudo para mim.

Na frente, ao lado da reprodução da imagem, coloquei: “No princípio era o Verbo, e o Verbo era Deus. E o Verbo se fez carne e habitou entre nós” (Jo 1,1, 14). Falava do meu desejo de me tornar um padre árabe no mundo árabe. Para o outro lado, escolhi duas frases. Primeiro esta: “O Senhor disse: ‘Ninguém pode servir a dois senhores. Não se pode adorar a Deus e ao dinheiro’ (Mt 6,24; Lc 16,13)”. Portanto, um desejo de independência, de liberdade em relação ao dinheiro. Porque eu sei muito bem que se há um mal que mina a Igreja é o dinheiro. E a segunda frase: “O Senhor disse a Paulo: “Não temas! Fala e não te cales. Porque Eu estou contigo” (Atos 18, 9). Eu escolhi, desde o início, ser verdadeiro. Com todas as minhas misérias, com todas as misérias que surgiram em minha vida e das quais não pude adivinhar a profundidade nem a extensão, com tudo isso, disse a mim mesmo: “devo tentar ser um verdadeiro padre. Um padre encarnado no mundo árabe, livre em relação ao dinheiro e verdadeiro”. Isso me co-

13 Assim são chamados os Missionários da África, comumente conhecidos como Padres Brancos ou Sociedade dos Missionários da África.
N.T.

locou em oposição, muitas vezes direta, à minha comunidade.

Como os eventos de Soufanieh me mudaram? Eles me enraizaram nesta orientação. Mais do que nunca. Me enraizando mais, me libertaram, me permitiram ignorar quase tudo. Claro, tenho minhas fraquezas pessoais. E às vezes censuro Jesus por não ter me livrado disso. Cada um de nós, como São Paulo, tem um espinho na carne.

Mas, fora isso, para mim, Soufanieh, foi, eu diria, como um mergulho em Deus. Como uma espécie de mergulho, já, agora, na eternidade. Mas um mergulho que também me obrigou a ver a realidade em toda a sua miséria e a me colocar frente a frente com esta dolorosa e misteriosa pergunta: “Mas, Senhor, se tu amas tanto o homem, por que permites que haja tanta miséria?” Uma pergunta que todo homem se faz, que até uma criança se faz. Eu sempre me pergunto. Portanto, tento responder, por meio de minha miséria e de minha pequenez. A oração tomou um lugar, infelizmente não muito, mas um pouco maior em minha vida. Talvez, de certa forma, como uma oração de respiração. No passado, eu tinha fome de oração. Mas eu não respondia. Eu me deixo devorar pelo trabalho. Eu quero estar a serviço dos jovens. E quando estamos a seu serviço, dá para viver 48 horas!

No entanto, Soufanieh, desde o início, me fez sentir a inanidade dos nossos esforços humanos para o serviço de Deus, e a necessidade da oração. Tanto que disse ao meu bispo em 30 de dezembro de 1982, portanto, no início do fenômeno: “Monsenhor, sinto que devo deixar tudo para simplesmente ir a uma caverna e rezar. Só Deus é capaz de fazer alguma coisa”. E me lembro de dizer a ele: “Tenho a impressão de que o que fazemos, nós, em cem anos, o Senhor faz em um minuto!” Ele me disse: “Padre Elias, no dia em que o Senhor quiser que você faça isso, Ele lhe dará um sinal, mas por enquanto, precisamos de você”.

Então, tentei orar mais. Pelo menos por uma espécie de respiração, um sopro de oração que procuro viver, à noite, durante o dia, quando estou com os jovens, quando escrevo, quando estou na igreja, um pouco como o peregrino russo. Mesmo que, por enquanto, nem sempre consiga ter momentos fortes de oração como eu necessito.

Por outro lado, como eu disse, Soufanieh realmente me libertou. Porque, durante anos, o fenômeno de Soufanieh me colocou em real confronto com a Igreja, e com a sociedade que, em nosso país, apesar de um materialismo prático, é muito dependente da Igreja. As pessoas, em nossas construções psicológicas são, eu diria, piramidais. Eles dependem do topo da pirâmide social. E enquanto o de cima não der sinal, a massa se move muito pouco.

Porém, por Soufanieh, por muito tempo e apesar do afluxo de pessoas, nós enfrentamos uma espécie de recusa pela qual sentimos hostilidade. Além disso, não era incomum para mim sentir que estava em conflito com toda a cidade de Damasco. Porque o número de pessoas que vinha a Soufanieh, em comparação com os cristãos e os locais, era muito pequeno, quase nada. Portanto, houve momentos muito longos em que senti uma hostilidade no ambiente, e foi doloroso. Algumas acusações muito dolorosas foram feitas contra mim, que um dos patriarcas me jogou na face, embora de forma camouflada. Tanto que em 21 de fevereiro de 1983, quando recebi a ordem de não mais ir a Soufanieh, foi um alívio para mim. Fiquei então dez meses longe de Soufanieh, respirando um pouco e dizendo a mim mesmo: “Finalmente! Que me deixem em paz!”

Mas, finalmente, quando percebi que os padres estavam aproveitando minha ausência de Soufanieh para fingir que até eu havia descoberto que era uma farsa, então eu disse: “Estou voltando, é melhor obedecer a Deus do que aos homens. Se meu bispo me perguntar por que eu voltei, eu lhe direi o que devo dizer”. E no dia 1º de maio de 1991, o mesmo dia

em que parti para a França para tratar da edição francesa, eu já lhe havia enviado meu livro narrando os acontecimentos, publicado em árabe, quando lhe entreguei a edição francesa, ele disse: “Mas eu já a esperava”. Portanto, ele sabia, embora desde 1984 não me perguntasse nada sobre Soufanieh. E continuo indo a Soufanieh, como se nada tivesse acontecido.

A unidade da Igreja

As mensagens de Soufanieh desencadearam outra mudança muito profunda. A partir delas, a população percebeu que não temos mais o direito de permanecer divididos. Não temos mais o direito. O pecado da divisão deve acabar. Além disso, tornou-se prática comum para um grande número de pessoas dizer que já chega. Em nome do que estamos divididos e em nome do que mantemos a divisão? Existe algo realmente teológico ou é apenas história antiga?

Infelizmente, no clero, alguns ainda parecem querer se apegar ao que acreditam ser um privilégio. Mas, no geral, o povo, com algumas exceções, e tanto quanto posso julgar, tanto quanto posso ver pelos meus muitos conhecidos em Damasco e em outros lugares, em geral, o laicato excedeu, e de longe, o clero em comunhão com Cristo, que é UNO. De longe.

Nosso desejo agora, isto em que estamos trabalhando, é justamente esse mínimo pedido por Jesus e por Maria, ou seja, a unificação da festa da Páscoa. Para nós, a unificação da Festa da Páscoa é muito simbólica. Sem a Páscoa, o Cristianismo não existiria. São Paulo disse-o bem (cf. 1 Cor 15,17). Além disso, como podemos admitir que a Páscoa, que é o ponto de partida de todo o cristianismo, seja agora o símbolo da divisão dos cristãos? E isso, em um mundo que é predominantemente não cristão? Como podemos admitir isso? Tanto mais que sabemos muito bem que na base desta diferença de datas, não há nenhuma teologia. Se trata de uma questão de calendário. Mas, por meio dessa questão de calendário há toda uma história antiga de conflitos entre Oriente e Ocidente, de privilégios a serem mantidos, de prestígio a serem salvaguardados, etc. Não temos o direito de fazer isso.

Há alguns anos, lancei a ideia, durante uma homilia,

sobre a necessidade de unificação da festa da Páscoa. Três meninas vêm me ver depois da missa. Elas me dizem: "Padre, não queremos que as palavras permaneçam como palavras. Queremos algo concreto". E elas não eram garotas da minha comunidade, mas ortodoxas. Uma era Ortodoxa Grega e outra era Ortodoxa Siríaca. Assim, escrevi com elas algumas linhas que resumiam nosso desejo de unificação da festa da Páscoa e que propunham que os católicos adotassem o calendário ortodoxo. Foi então necessário coletar o máximo de assinaturas possível. Mas antes de qualquer coisa, queria mostrar este texto a um bispo. Quando o fiz, expondo-lhe o ímpeto popular que sustentava este desejo de unificação da Festa, o bispo teve esta resposta muito triste, que diz muito da mentalidade de uma certa hierarquia e de uma certa parte do clero: "Não vamos nos curvar a eles". Ou seja, nós, católicos, não nos curvaremos aos ortodoxos. Olho-o nos olhos e digo-lhe: "Mas, Monsenhor, quando o Senhor desceu à terra, não se curvou diante do homem?" Ele não respondeu. Aí ele me disse: "Está bem".

A partir daí imprimimos aquele pequeno texto pedindo, a quem concordasse, para assiná-lo. Em duas semanas, coletamos dez mil assinaturas. Mas não houve acompanhamento nesse processo, porque aí uma certa parte da hierarquia bloqueou. Porém, agora temos a impressão, é até quase óbvio, que a hierarquia não pode mais bloquear.

Muito recentemente, fiquei sabendo que, em princípio, no Líbano, houve uma primeira decisão, de chegar, a partir do próximo ano, à unificação da festa da Páscoa. No Egito e na Jordânia ela já foi unificada: os católicos celebram a festa no mesmo dia que os ortodoxos, que são a maioria. Meu irmão não pode vir até mim, eu vou até ele. E se eu perder meu orgulho, sou eu quem ganha. E, finalmente, eu ganho o amor do meu irmão. E diante dos muçulmanos, pelo menos, trazemos um testemunho de unidade. Pelo menos isso. Não é a unidade total, mas é um sinal e é uma conquista. Os cristãos na Jordânia e no Egito têm tido sucesso nisso há vinte e dois

anos. Por que não fazer isso na Síria, no Líbano e no Iraque? Porque? Esperamos que isso aconteça em breve. Ainda existem alguns obstáculos, mas esperamos que sejam superados.

Então, na população, graças à Soufanieh, houve essa grande mudança que agora é um desejo de unidade. Desejo de unidade que já se concretiza na busca, eu quase diria na reclamação, da unificação da Festa da Páscoa. Mas além deste desejo de unificação da Festa da Páscoa, há um desejo de unidade da Igreja. Que se conclua. Uma igreja dividida não pode ser testemunha. Só que, humanamente, ninguém vê como sair dessas divisões. Assim, houve encontros entre Sua Santidade o Papa João Paulo II e o Patriarca Zakka, Patriarca dos Sírios-Ortodoxos. Em 1984, eles afirmaram, em um comunicado oficial, que a teologia das duas igrejas é uma.

Portanto, se não há cisma, se não há heresia, se é a mesma teologia, o que estamos esperando para nos unificar? Como ocorrerá a unificação? Pela dissolução da pequena Igreja e sua absorção pela grande Igreja? Por respeito a esta mesma Igreja, mas com relações mais estreitas com a Santa Sé? As outras Igrejas, como vão fazer? À parte as Igrejas Ortodoxas, os Católicos, os Greco-Católicos, os Siríaco-Católicos, os Maronitas, os Armênio-Católicos, os Caldeus, irão pensar em se dissolver como tal para fundir-se em uma Igreja que agruparia todas as Igrejas do Oriente Médio? Como a unidade será alcançada? Ninguém o vê!

É por isso que, em Soufanieh, o Senhor promete reconstruir a própria Igreja. Ele está aqui, Ele, que vê, que sabe. Vamos apenas tentar fazer o que Ele nos pede: orar, servir com humildade. E realmente buscar estar com Ele, como Ele nos quer. Não como nós imaginamos, não como a história nos moldou. Mas, como Ele nos quer. E através de nós, nesse momento, Ele construirá Sua Igreja Una. Uma Igreja que viverá do amor, que saberá trabalhar pela paz e que será, como diz nas mensagens, “o seu reino e

a sua paz”. Esta é a sua Igreja. *A Igreja é o reino dos céus na terra*. Ela será “seu reino e sua paz”. E é então que Ele mesmo, por meio desta Igreja que será seu reino e sua paz, realizará sua unicidade, que nós não compreendemos, nós.

O importante é primeiro compreendermos a nossa própria unidade com o Senhor, sendo o mais dóceis possível à Sua graça. E, para além desta unidade da Igreja que representa o reino, a paz e o amor do Senhor, a Igreja poderá trabalhar para realizar esta fraternidade universal em Jesus Cristo, que a Virgem nos recordou: *vocês todos são irmãos em Cristo*.

Terá a Igreja, como no tempo de Santo Agostinho, a coragem de “ir aos bárbaros”¹⁴, de se livrar de tudo que a impede de ser totalmente ela mesma, autenticamente ela mesma, de ir em direção aos filhos não-cristãos? Naquela época, o Senhor fez nela milagres extraordinários. Ou será que criando condições de amizade, de oração, se preparariam o terreno para a aproximação do cristianismo em relação aos não-cristãos? Eu não sei. Mas o fato é que o Senhor realmente nos promete uma unidade que realizará, por Sua própria mão, por Sua própria iniciativa, “seu reino e sua paz” e, portanto, a fraternidade universal.

ria e do Líbano, que buscaram não permanecer em minoria.

Os cristãos da Síria

Os cristãos da Síria são cidadãos plenos. Porque eles são do país. Nós, cristãos, somos originários do país. Somos árabes na Síria, muito antes da chegada do Islã em 636. Antes do Islã, o cristianismo já estava difundido por toda a Síria que, lembremos os Atos dos Apóstolos, foi um dos berços do Cristianismo. A Antioquia foi uma das cidades mais radiantes do cristianismo apostólico.

Porém, naquela época, já havia na Síria, entre a população indígena, tribos verdadeiramente árabes, os Ghas-sanitas, os Manadhira, os Taghaliba, entre outros. E como uma reação contra os bizantinos que os oprimiam, que lhes impunham impostos que haviam se tornado insuportáveis e que os perseguiam por causa de diferentes teologias, essas tribos árabes cristãs acolheram os muçulmanos como irmãos. No entanto, o cristianismo permaneceu predominantemente presente na Síria até os séculos 14 e 15. Infelizmente, sob a terrível pressão do regime turco, lentamente grandes áreas do cristianismo na Síria desmoronaram e passaram para o Islã.

Atualmente, na Síria, que tem cerca de treze milhões de habitantes, os cristãos são da ordem de 12 a 15%, divididos em pelo menos onze comunidades, católicas e ortodoxas, com maioria de ortodoxos, mas comunidades protestantes, mais, infelizmente, muitas seitas, das quais uma das mais ativas é a das testemunhas de Jeová que se encontra em toda parte. Todos esses cristãos na Síria sabem que são árabes. Árabes e sírios 100%. Claro, existe o complexo da minoria. Sob o regime turco, este complexo foi muito marcante, o que provocou por parte de alguns pensadores cristãos do Líbano e da Síria uma reflexão real e profunda para encontrar uma saída. Foi assim que nasceu a ideia do nacionalismo árabe. O nacionalismo árabe é produto de pensadores cristãos da Sí-

Graças a isso, na Síria, os cristãos estão por toda parte. Todos os cargos são atribuídos a eles, exceto o cargo de Presidente da República. E se quisermos comparar sua presença real com seu número, percebemos que essa presença excede em muito seu número. Portanto, não há problema para os cristãos diante dos muçulmanos. Apenas, estamos hipotecados por uma história muito antiga. E também pelas relações entre Oriente e Ocidente.

No final do século III, de fato, as relações entre o Oriente e o Ocidente cristãos haviam assumido a dimensão de uma relação de polarização de poder. Os dois polos, Roma e Constantinopla, competiam entre si. E, no Oriente, Constantinopla buscou o controle total do Império do Oriente, esmagando com impostos e com dominação eclesiástica povos inteiros que, para rejeitar seu jugo, acabaram criando Igrejas separadas, sob o manto da teologia. Demorou séculos para se descobrir que os conflitos teológicos simplesmente escondiam um conflito étnico e político. Mas os resultados ainda estão lá, as igrejas separadas tentando sobreviver.

As relações entre o Ocidente e o Oriente cristão, portanto, já estavam distorcidas muito antes da chegada do Islã. Muhammad morreu em 632. Em 636, exércitos muçulmanos estavam na Síria e em todo o Oriente Médio. E, em parte por causa das dissensões entre os cristãos, o Islã, que no entanto representava uma ameaça de ordem religiosa, mas também de ordem política, social e cultural, muito rapidamente se espalhou pelo Oriente Médio e foi esmagado pelo Ocidente. Posteriormente, as Cruzadas, sentidas como uma vontade de expansão do Ocidente, alteraram ainda mais as relações entre Oriente e Ocidente e provocaram um trauma de natureza histórica, cujas sequelas ainda não desapareceram.

A chegada do Império Turco, que se estabeleceu em

Constantinopla em 1453, por muito tempo também pesando sua ameaça sobre o Ocidente, consumava a separação entre a Igreja do Oriente e a Igreja do Ocidente, separação que só tem se acelerado e se aprofundado no decorrer dos séculos. Tanto que os cristãos do Oriente, vendo-se completamente separados dos do Ocidente, se voltaram contra si mesmos. Infelizmente, a sua história passada, tão marcada pela suspeita e hostilidade, não os preparou para se unirem, e cada Igreja apenas procurou se conservar e sobreviver.

Isso até a chegada de missionários latinos na Síria, no Líbano e em todo o Oriente Médio. Esses missionários criaram um núcleo cristão que, há época, talvez pudesse parecer um núcleo de unidade com Roma, uma ponte entre Roma e a Ortodoxia Oriental. Mas isso foi feito por uma espécie de mordida¹⁵ dentro das igrejas ortodoxas locais. E, finalmente, resultou na criação de diferentes Igrejas Orientais anexadas a Roma, que completaram a divisão da Igreja Ortodoxa Oriental, já tão dividida por si mesma.

Destas comunidades greco-ortodoxas, sírio-ortodoxas, armênio-ortodoxas, etc., saíram as comunidades greco-católicas, siríaco-católicas, armênio-católicas... Nós sentimos até hoje as consequências disso. E até agora, apesar da linguagem ecumênica que pode ser muito sincera, a maioria dos ortodoxos do Oriente Próximo esconde um medo real de qualquer coisa católica: “Esses católicos, no passado, arrebataram parte de nossos filhos, o que eles podem agora tramar?” É por isso que, mesmo agora, dentro da Igreja Oriental, as relações entre católicos e ortodoxos são distorcidas na base. Por mais que mostremos amor, abnegação, desejo de verdadeira unidade, sempre há, no fundo, uma dúvida que corrói essas relações.

Finalmente, houve a colonização. O poderoso Ocidente colonizou o Oriente à força. Então, antes de sair, ele o dividiu

15 “Mordida” no sentido de cooptação de fiéis dessas denominações para a Igreja Católica Romana.

em pequenos estados, mais ou menos artificiais, fazendo surgir os nós dos conflitos subsequentes. Isso se materializou no conflito árabe-israelense na Palestina, que hoje domina todo o cenário do Oriente Médio. Então, recentemente, no conflito do Golfo, revelando o desejo do Ocidente de dividir o Oriente, de enfraquecê-lo e dominá-lo, de aproveitar seus recursos e impedir que se constitua como uma potência autônoma.

As relações entre o Oriente e o Ocidente foram, portanto, dominadas por uma dialética da força, do poder, que em última análise nada tinha de cristão. Quando o poderoso impõe seus desejos, suas vontades, aos fracos e até mesmo limita sua existência, isso obscurece completamente a perspectiva cristã. Pois se considerarmos em termos de poder, se coloca fora do poder único que existe, Deus. E, em tudo isso, que imagem os cristãos do Ocidente podem dar ao Oriente, que é predominantemente muçulmano?

Os cristãos do Oriente, eles, especialmente os católicos, que são vistos como apegados a Roma e, portanto, ao Ocidente, estão mais ou menos em desacordo. Eles são cristãos, no entanto, são árabes, por isso sentem e vivem esta injustiça do Ocidente em relação ao Oriente. Como você quer que eles ignorem esse contexto histórico e político? É impossível. Por outro lado, presos neste imenso conflito entre Oriente e Ocidente, os cristãos do Oriente foram os grandes esquecidos. E sentindo-se tão reduzidos aos seus próprios recursos, que se desintegravam, eles próprios se esqueceram que estavam lá para os outros, isto é, para os muçulmanos, e não para eles próprios.

Quando Jesus disse: “Ide e ensinai a todas as nações” (Mt 28:19), Ele instruiu todo cristão a ser fermento onde estiver. Se os cristãos do Oriente sobreviveram até agora, não é graças à sua força, não é graças ao Ocidente, certamente é graças a uma vontade divina de os manter para poder, talvez um dia, por meio deles, ressuscitar Sua presença em terras do Oriente.

Então, eles se viam tão pequenos, tão fracos, que se esqueceram que sua única força era Deus. Eles buscaram apoio nos outros. Em particular com a chegada dos missionários latinos que lhes ofereceram a possibilidade de um melhor nível de cultura e de formação, também um certo poder material e um possível apoio das potências ocidentais. Certamente, isso os ajudou, mas também os destacou da sociedade árabe-muçulmana.

Isso é especialmente verdadeiro para os católicos uniatas¹⁶, que, além disso, se esqueceram de seus irmãos cristãos que permaneceram fiéis à ortodoxia. Isso criou um desequilíbrio dentro das Igrejas Orientais. Os uniatas às vezes desprezam os Ortodoxos, esquecendo que esses Cristãos são nossos irmãos e que, juntos, somos o fermento na imensa massa do Islã, no meio da qual devemos irradiar a presença de Jesus. Em vez de procurar criar pontes de unidade com as Igrejas Ortodoxas, uma lacuna crescente foi alimentada. Gostaríamos agora de preencher essa lacuna. Mas o que foi dilacerado por séculos dificilmente poderá ser restaurado em poucos anos. É muito difícil curar as feridas humanas.

Além disso, o clima de violência e angústia que assola o mundo árabe tem consequências muito danosas para os cristãos, que hoje são muito pequenos em número e em esperança. Porque, infelizmente, aos olhos dos muçulmanos, o Ocidente é cristão. Os muçulmanos não sabem o quanto deschristianizado é o Ocidente. E em que medida ele se constitui em um núcleo de deschristianização do mun-

16 “Nome dado aos cristãos de rito oriental (ortodoxo), que se uniram a Roma. As tentativas de reconciliação com a Igreja Ortodoxa (separada desde o séc. XI) goraram-se com o fracasso do Conc. de Ferrara-Florença (1437-1445). Roma procurou depois a aproximação com núcleos de cristãos separados. Apesar de alguns retrocessos, foi engrossando o número de comunidades regressadas à unidade, nomeadamente das Igrejas Maronita, Arménia, Copta, etc. A Santa Sé reconheceu-lhes ou deu-lhes hierarquia do respectivo rito, inclusive patriarchas”. Encyclopédia Católica Popular. Edições Paulinas. In: http://sites.ecclesia.pt/catolicopedia/artigo.php?id_entrada=1928. N.T.

do com a exportação da chamada civilização que produziu.

Como padre árabe, se eu não vejo Soufanieh sob essa ótica global não consigo entender Soufanieh. Não estou tentando exagerar seu papel. Não. Eu vejo Soufanieh como uma espécie de pequeno sol que começa a crescer em um universo onde muita escuridão se estabeleceu. Soufanieh vem para nos trazer essa luz para nos ajudar a nos revermos dentro da perspectiva de Deus e, de forma alguma, dentro da perspectiva do mundo. E se, infelizmente, continuarmos a persistir em olhar tudo sob a perspectiva do mundo, mais cedo ou mais tarde acabaremos perdendo o mundo e Deus, que, aliás, nós quase perdemos.

No coração do mundo árabe

Que esse fenômeno se produza no coração do mundo árabe e em um ambiente predominantemente muçulmano, isso nos leva de modo considerável à reflexão. Que ocorra numa época em que o mundo árabe é objeto de desprezo pelas grandes potências, por elas tratado injustamente e abusado da pior maneira possível, e digo isso com toda a honestidade de consciência. Que aconteça num momento em que os cristãos, minoritários e divididos entre si, se sintam reduzidos à sua expressão mais simples; numa época em que, não vendo mais futuro para eles no mundo árabe, muitos são tentados pela emigração e até a praticam em larga escala. Que nesse momento o Senhor queira nos dar um sinal; bem, eu acho isso extraordinário da parte do Senhor.

Isso me lembra precisamente o dia em que um amigo me deu um presente, um dos mais belos que já recebi em minha vida. Esse amigo, com a maior parte de sua família nos Estados Unidos, também ficou muito tentado a ir-se embora. Ele tem dois filhos pequenos. Mas, diante do fenômeno de Soufanieh, ele refletiu e orou. E ele acabou decidindo ficar na Síria. Quando ele veio me contar, eu falei: “Este é um dos maiores presentes que já recebi em minha vida”. Para ele, a justificativa de sua decisão foi esta: “Não é permitido que eu deixe Damasco no momento em que o Senhor vem se instalar aqui para sempre”. Achei sua reação extraordinária. E muito rica, muito promissora. Aqui está um homem que realmente entendeu que a partir dos eventos de Soufanieh o Senhor nos diz: “Meus filhos, Eu estou aqui. Eu estou aqui. Fiquem comigo. Eu estou com vocês. Esta agora não é hora de ir. Há dois mil anos disse aos meus filhos: ‘Ide e anunciai’, agora, também digo a vocês: ‘anunciai!’” E se, pelo que podemos julgar, o Senhor manteve, contra todas as probabilidades, a presença de uma minoria cristã no mundo árabe, certamente é para uma

missão. A missão, Ele nos deu há dois mil anos. Infelizmente, nós O decepcionamos. Agora, tenho a evidência de que o Senhor está nos dizendo: “Meus filhos, comecem sua missão.”

Mas antes de começar a missão de anunciar aos outros, é necessário que se anuncie a si mesmo. E aí descobrimos que os cristãos do Oriente Médio sofrem de uma grande pobreza. De uma pobreza não espiritual, porque, por dentro, são naturalmente muito ricos. Imensamente ricos. Mas, por sua formação religiosa e humana, são muito pobres. Muito, muito pobres. Eles são tributários de toda uma história passada, carregada de consequências, que estamos pagando agora; e também tributários de um conjunto de condicionamentos, sociais, intelectuais, políticos, científicos e de uma invasão de ideias e formas de vida exportadas pelo Ocidente, que fazem com que agora, a juventude, que é o futuro da Igreja, pareça estar perdendo completamente o equilíbrio no nível cristão. Só temos controle sobre uma pequena minoria. Tanto mais que a Igreja, no Oriente Médio, agora, para quem pode ver, está em um estado de desintegração, de perda. Não apenas por dentro, onde a juventude, em geral, escorre por nossas mãos, mas também por fora. Porque muita gente está deixando o país e indo embora. Isso também é sofrimento.

E, infelizmente, o Ocidente não percebe suficientemente este fato gravíssimo, ou tenta ignorá-lo. O desaparecimento de cristãos do Oriente Médio, e especialmente da Palestina, é um fato. Dizemos isso de vez em quando, mas não o suficiente. Fingimos não medir a extensão da saída de cristãos, especialmente da Palestina, sob a opressão de Israel. Uma opressão que assume mil faces, mil voltas, que se passa à vista de todo o mundo sem ninguém dizer nada. Até a Igreja é muito silenciosa diante de tais injustiças. Nessa situação, emigram palestinos, muito mais cristãos do que muçulmanos. Nós entendemos o porquê. Os muçulmanos palestinos se sentem incluídos na maioria muçulmana que vive em todo o Oriente Médio. É normal que se sintam fortes, apesar de

tudo. Eles têm uma população bastante densa na Palestina e são uma maioria esmagadora em todo o Oriente Próximo.

Os cristãos, que, infelizmente, não confiavam o suficiente no Senhor, que, como eu disse, confiavam demais em elementos puramente humanos, acabaram percebendo que, humanamente falando, eles não podiam aguentar mais. E muitos estão partindo, embora sejam muito apegados ao seu país. Mas existem limites para a resistência humana. Existem limites para a paciência. Existem limites para tudo. Muitos saem com relutância, mas vão embora. E os cristãos estão derretendo rapidamente na Palestina.

Há alguns meses, conheci o Patriarca, Monsenhor Michel Sabbah. Ele me disse: “Certamente o número de nossos membros está diminuindo, mas não estamos perdendo as esperanças”. Ele é um homem muito corajoso. Ele é quase o único que tem coragem de levantar a voz e falar publicamente. Diante disso, entendemos que, para um cristão árabe, pensar no futuro é sempre acompanhado por um grande sentimento de ansiedade, até mesmo de opressão. E podemos explicar que, diante desse contexto político e social, muito complexo, muito difícil, muito preocupante, alguns, para não dizer um bom número, decidiram partir. Muitos, infelizmente, já partiram. No entanto, o Senhor, por meio de Soufanieh, nos diz: “Meus filhos, Eu estou aqui. Fiquem comigo.”

Um convite a nos voltarmos para o futuro

AIgreja à qual o Senhor se dirige, especialmente a Igreja do Oriente Próximo, a partir da Igreja de Damasco, é uma Igreja que o Senhor quer que se volte para o futuro. Em todas as suas mensagens, vemos Jesus falando sobre o futuro.

Certamente, Ele aludiu a situações passadas e presentes que O desagradam. Quando Ele diz, por exemplo: *Orem pelos pecadores que perdoam em meu nome, e por aqueles que negam Minha Mãe.* Ou: *Diz aos meus filhos que é deles que peço a unidade e que não a quero daqueles que representam fingindo trabalhar pela unidade.* Ou ainda: *E naquele que se volta para Mim, Eu pintarei a minha imagem, pois infeliz daquele que representa a minha imagem enquanto vendeu o meu sangue.* Estas três frases dizem muito sobre a dor que, não a Igreja, mas os homens da Igreja, responsáveis e fiéis, foram capazes de causar ao Senhor, tanto no passado como no presente.

Mas, além disso, o Senhor continua nos convidando a olhar além, a ver o que Ele pretende fazer. Não o que podemos fazer, mas o que Ele pretende fazer. E os verbos que ele usa são verbos futuros. Por isso, Ele nos convida a olhar para o futuro, ao passo que as Igrejas do Oriente Próximo, infelizmente, são Igrejas congeladas em seu passado. Solicitadas hoje de mil e uma maneiras a olhar para o futuro, no entanto, elas continuam a se apegar ao passado, acreditando que abandonar o passado é perder o presente e o futuro. São igrejas petrificadas de medo. Um medo que encontra explicação, mas sem justificação, no passado e ainda mais, no presente e no futuro.

Claro, a Igreja vem do passado. Mas ela não é para o passado. Além disso, Jesus não é o Deus que, vindo no passa-

do, permaneceu no passado. Jesus é o Deus que vem. O Deus que tem nas mãos o passado, o presente e o futuro. E o Deus que sempre vem. A Igreja nasceu do Seu lado, sobre a cruz. Mas querer parar aí é não ir para a etapa da Ressurreição e do Pentecostes. Simbólica e teologicamente, a Igreja surgiu do golpe de lança no lado de Jesus. É verdade. É o ápice do amor que o Senhor poderia nos dar, morrer na cruz. Ele não tinha mais nada para nos dar. E foi em Sua morte que a Igreja foi fundada. Mas agarrar-se a esta perspectiva, sem querer atravessar a morte, é condenar-se a permanecer congelado, sem nunca caminhar para a Ressurreição e para o Pentecostes. Tal Igreja está, mais cedo ou mais tarde, condenada.

O Senhor veio ajudar Sua Igreja a se salvar e, por meio dela, salvar os homens. As igrejas, apegadas ao passado, correm o risco de permanecer fechadas em si mesmas e fechadas para os outros. Fechadas em si mesmos: eu sou siriaco, sou bizantino, sou armênio, sou maronita. E eu mantendo a estrutura de minha Igreja. Eu me apego a seus hábitos, suas roupas, suas liturgias, sua arquitetura. Até na linguagem e nas canções. Apesar de as pessoas não entenderem mais nada sobre a celebração da Santa Missa. Eu me apego a tudo isso, dando a mim mesmo a ilusão de que assim permaneço ligado ao Senhor.

Certamente, é meu dever guardar o que o Senhor me deu ao longo da história. É meu dever respeitar a tradição. Mas fazer como os judeus fizeram com a lei e com o sábado, colocá-los em pé de igualdade com Deus, e até ir além, dizendo, como alguns fariseus, que Deus aprende a Lei, é colocar Deus abaixo da lei. E esta é uma inconsistência absolutamente desastrosa para a Igreja.

Ninguém faz isso conscientemente. Mas em um inconsciente, pessoal ou coletivo, nós experimentamos isso. E isso se volta contra a Igreja e contra o povo em cujo meio o Senhor nos colocou. A Igreja não pode permanecer voltada para si mesma e nem fechada para os outros. Ela deve se abrir a todo custo, caso contrário, morrerá.

Uma construção futura, da qual o Senhor cuida

O que é muito bonito é que Jesus usa, em certas frases das suas mensagens, a fórmula do futuro, seja ao confiar aos cristãos uma missão futura, seja ao assumir Ele mesmo a missão que pede aos cristãos.

O Senhor já disse em várias ocasiões, diretamente Ele mesmo ou por intermédio da Virgem: *Vocês, vocês ensinarão às gerações ... Vocês ensinarão:* é o futuro. *Às gerações:* não é apenas daqui a alguns anos. *Às gerações:* portanto, há um longo futuro. É um trabalho de longo prazo. E quando o Senhor disse: *Que belo é este lugar, nele eu edificarei meu reino e minha paz:* a casa de Myrna não é nada bonita. E nós, os poucos indivíduos que lá estamos, não temos nada de belo. Mas o Senhor vê na perspectiva de Sua divina ciência. Este pequeno resíduo que Ele vê, este pequeno germe, para Ele, é muito bonito. Porque será o início de uma construção pela qual Ele é responsável: *nele Eu edificarei ...* “Então, seja qual for a estima ou a baixa estima que vocês tiverem de si mesmos, sou eu que irei construir”.

O Senhor parece realmente querer colocar todo o seu peso nisso: *Meu reino e minha paz.* O reino de Deus é um reino de justiça, um reino de amor. Onde está a justiça? Onde está o amor? E a paz? *Meu reino e minha paz.* Onde está a paz? Mais do que nunca ela está longe do Oriente Médio. Mais do que nunca. Por nossa culpa, por culpa das potências ocidentais, pela presença de Israel. A paz, mais do que nunca, está longe do Oriente Médio. E, no entanto, esta é a terra aonde o Senhor veio e onde Ele anunciou a Sua paz.

Jesus habitou fisicamente a terra do Oriente Próximo. Permitam-me comparar esta nova presença do Senhor que Soufanieh representa. Pois, diante da tenacidade do Senhor

em proclamar: *Que belo é este lugar, nele eu edificarei meu reino e minha paz,* e quando ouvimos a Santíssima Virgem nos dizer: *Meus filhos, Jesus disse a Pedro: Vós sois a pedra e sobre ela edificarei a minha Igreja.* E eu digo agora: Vocês são o coração sobre o qual Jesus construirá a sua UNICIDADE, quando ouço Jesus e a Virgem falarem assim, digo a mim mesmo que, para além deste pequeno núcleo de orações em Soufanieh mesmo ou em outro lugar a partir de Soufanieh, há certamente a expressão de uma vontade divina de construir algo forte e duradouro; a expressão de uma vontade divina de não se esquivar dos fenômenos humanos que tendem a eliminar a presença cristã no Oriente Médio. O Senhor mantém seu reino, Ele mantém sua paz e Ele vem nos confirmar isso agora. Claro, o Senhor pode agir sozinho. Ele pode fazer qualquer coisa. Mas a lógica da Encarnação quer que o Senhor confie em instrumentos humanos. Instrumentos que tenham a coragem, a flexibilidade, a inteligência e humildade necessárias.

O Senhor conta conosco. Ele depende da comunidade de Soufanieh e das múltiplas comunidades que se irradiaram de Soufanieh. O mundo inteiro precisa realmente rezar por nós, rezar pelos cristãos do Oriente Médio, para que sejamos realmente aquela pedra sobre a qual o Senhor parece querer, mais uma vez, construir o Seu reino e a Sua paz. Para que sejamos, pela nossa flexibilidade, pelo nosso acolhimento, pela nossa humildade, pelo nosso amor, pela nossa tenacidade, pela nossa abertura aos irmãos muçulmanos, dóceis e eficazes instrumentos do Senhor. Para ajudar a construir um reino de paz para todos. Para todos, sem exceção.

E aqui eu volto a uma promessa feita pelo Senhor à Myrna: *Minha paz em teu coração será uma bênção para ti e para todos aqueles que colaboraram contigo.* É uma promessa para o futuro. No momento, Jesus não parece prometer nada. No futuro imediato, só resta orar. Orar e jejuar. Mas depois: *Minha paz em teu coração será uma bênção para ti e para todos aqueles que colaboraram contigo.* Esta promessa

do Senhor não pode nos deixar indiferentes. Deve ser para nós a luz que nos ajudará a enfrentar todas as dificuldades possíveis e imagináveis, todas aquelas que vemos e aquelas que não conhecemos e que podem cair sobre nós. O importante é que Ele, o Senhor, seja satisfeito. Ele diz isso, aliás, pela boca da Santíssima Virgem: *Diz a todos que aumentem suas orações porque eles precisam da oração para apelar ao Pai.*

Vocês rezarão por nós, para que sejamos instrumentos realmente dóceis para fazer algo. Para anunciar, deve haver pessoas presentes. É necessário que os cristãos estejam aqui, que os cristãos árabes estejam aqui. Que sejam numerosos, que estejam na convicção, que estejam no amor, na abertura, na docilidade e na humildade, para que possam, pela sua vida, verdadeiramente anunciar Cristo. Não necessariamente pela missão como se previa no passado, com o envio de missionários. Mas agora, através de nossa vida; se ela for convincente, podemos preparar o terreno para a evangelização.

Então o Senhor nos dirá posteriormente e cuidará de nos abrir caminhos para novas fórmulas de missão, que nos permitam torná-Lo mais próximo de nossos irmãos muçulmanos, torná-Lo mais atraente para eles e, talvez, ajudá-los conhecê-Lo. Na verdade, é um trabalho demorado, um trabalho de longo prazo.

Todos são irmãos em Cristo

Nossa Senhora nos pediu para orar pela paz. Claro, quem ama não pode deixar de orar pela paz. Mas, em duas ocasiões, a Virgem insistiu.

A primeira vez que o fez, muito explicitamente, foi no dia 26 de novembro de 1989. Depois de ter dito: *Meus filhos, Jesus disse a Pedro: Vós sois a pedra e sobre ela edificarei a minha Igreja. E eu digo agora: Vocês são o coração sobre o qual Jesus construirá a sua UNICIDADE*, a Virgem acrescentou: *Eu quero que vocês consagrem suas orações pela paz. De agora em diante até a comemoração da Ressurreição*. Foi a primeira vez que Nossa Senhora pediu especificamente: *Eu quero que vocês consagrem suas orações*, como se Ela dissesse: largue tudo o mais e reze pela paz. Foi a primeira vez que Ela pediu isso explicitamente e nos perguntamos por quê. Porém, pouco tempo depois, vimos a guerra do Líbano degenerar em uma guerra fratricida entre os maronitas, como nunca havíamos visto antes. Nunca. Nem no Líbano nem em outro lugar.

Uma segunda vez, Nossa Senhora pediu oração pela paz. Foi então na Bélgica, em Braaschaatt, na Igreja do Sagrado Coração, durante um êxtase que Myrna teve em 15 de agosto de 1990. A Virgem disse esta única frase: *Meus filhos, rezem pela paz, e especialmente no Oriente, porque vocês são todos irmãos em Cristo. Todos vocês são irmãos em Cristo*. Como se dissesse a belgas e ocidentais: “Vocês são irmãos de seus irmãos árabes”. Myrna estava lá: ela é árabe. Nicolas estava lá, ele é um árabe. O padre Boulos Fadel é árabe, ele estava lá. Todos vocês são irmãos em Cristo. Todos os homens são irmãos em Cristo? Todos os homens são irmãos em Cristo. São Paulo disse-o bem. Antes mesmo de sermos batizados, somos irmãos, porque somos redimidos pelo Sangue do Senhor. Somos irmãos, em potência, de Je-

sus. Um muçulmano é para mim um irmão em Cristo, embora seja muçulmano, porque é chamado, de uma forma ou de outra, a ser redimido pelo Sangue do Senhor e a entrar na fraternidade e na filiação divina que Jesus nos trouxe.

Portanto, quer eu compreenda ou não, quer goste ou não, a Virgem nos diz: *Todos vocês são irmãos em Cristo*. Então parem de se matar. Parem de lutar, parem de cometer injustiças. Como pode a paz ser alcançada se eu oro, mas fora da oração eu ajo contra a paz? Consequentemente, com a oração, eu devo agir para que a paz seja estabelecida. Se estou em conflito com alguém e oro pela paz, devo primeiro chegar a um acordo com essa pessoa. E se cometí uma injustiça contra alguém, devo remover essa injustiça. Para estar em paz com ele, depois comigo mesmo e, portanto, com o Senhor.

Portanto, se a Virgem convida o mundo inteiro a rezar pela paz, especialmente no Oriente, algo está errado. E sabemos que algo está errado. Sabemos que o mundo é injusto. Sabemos que a lógica da força no mundo é uma lógica da violência e não uma lógica do amor. A lógica da violência não é uma lógica de Deus. Mas o que prevalece agora é a lógica da violência, da força. O mais forte devora o mais fraco.

E o pior é que isso é feito em nome da lei, que deve regular as relações entre os homens para que existam relações de igualdade, de justiça e realmente de direito. A pior parte é que agora as grandes potências estão usando o direito internacional e, em nome de organismos internacionais que deveriam proteger os povos fracos, estão usando o direito internacional para esmagar os pobres. Porque? Em nome de quê? E quem vai poder dizer a essas pessoas e a essas pessoas poderosas: “Parem de ir contra Deus!” Se a Igreja não puder fazer isso, quem poderá dizer?

É triste que o mundo ocidental, que tanto defende a violência, e que a defende com a injustiça em nome da lei,

passe aos olhos de nossos irmãos muçulmanos como sendo um mundo cristão. Há muitas coisas para revisar. Eu entendo o que Jesus ou a Virgem dizem à Myrna: *Diga a todos que aumentem suas orações porque eles precisam da oração para apelar ao Pai*. Se não se ora, como vocês querem que se mude?

E se oramos, mas moldamos um Deus à nossa imagem, isso não tem mais nada a ver com Jesus e então nos permitimos todas as excentricidades, todas as injustiças em nome da justiça. Quer queiramos ou não, Nossa Senhora nos lembra: *Meus filhos, vocês são todos irmãos em Cristo!*

Difusão através do mundo

O fenômeno de Soufanieh é um fenômeno que se espalhou. Primeiro em Damasco, em Soufanieh mesmo, depois em outras casas. Em Damasco, testemunhamos uma mudança real nas orações das pessoas, no desejo de orar, seja em Soufanieh ou em suas casas. Não é incomum ver famílias que têm o hábito de rezar juntas diante da imagem de Nossa Senhora de Soufanieh. Também não é incomum ver famílias que montaram um canto especial em sua casa, onde está a cruz e a imagem da Virgem, para rezarem juntas à noite. Isso já existia um pouco antes, mas não em tão grande número. E não com essa simplicidade que vimos nascer de Soufanieh.

Em seguida, a corrente de Soufanieh continuou em todos os lugares, mas especialmente em Aleppo. A partir de janeiro de 1988, o óleo escorria em uma primeira casa em Aleppo, seguida de outra, ainda com o mesmo ícone de Nossa Senhora de Soufanieh, o que, novamente, gerou orações. Lá também se assiste uma mudança real. E sabemos que em quase todo o mundo, aqui e ali, a imagem de Nossa Senhora de Soufanieh exsudou óleo. Em Beirute, isso provocou um movimento de oração por um tempo, mas não durou.

Em Belém, o óleo fluiu durante um mês inteiro, reunindo em frente ao ícone os membros das diferentes comunidades, tanto cristãs como muçulmanas, que vieram rezar. Temos um testemunho escrito disso, assinado por dois padres, um greco-católico, o outro greco-ortodoxo, mais um advogado e seu irmão. Consideramos este testemunho o primeiro documento de unidade da Igreja a partir de Soufanieh, porque foi assinado em conjunto por dois padres, um ortodoxo e outro católico. E relatou o fenômeno de fluxo de óleo da imagem de Nossa Senhora de Soufanieh em Belém em um estilo que nos lembrou o de São Paulo e

dos primeiros cristãos. Ele disse que durante um mês inteiro o óleo fluiu e que pessoas, cristãs e muçulmanas, vieram rezar. Depois disso, a manifestação em Belém cessou.

No momento, o fenômeno está acontecendo no Iraque. Como me disse o ex-vigário siríaco-ortodoxo de Damasco, que agora é bispo de Mosul, Monsenhor Isaac Saka, em 8 de junho de 1991, quando veio a Damasco. Ele concordou em me dar um depoimento escrito em um jornal oficial do Patriarcado Siríaco-Ortodoxo em Damasco, datado de 10 de junho de 1991. Nesse depoimento, ele diz que, desde os primeiros dias de janeiro de 1991, o óleo está fluindo de uma imagem de Soufanieh em uma das casas em Mosul. Imaginem: poucos dias antes da eclosão da Guerra do Golfo, o Senhor dá este sinal! ... E seus filhos, cristãos e muçulmanos, vêm rezar, desde então e até hoje, em uma casa muito pobre. Mais do que isso. O bispo especifica que, nesta casa, está um jovem de 18 anos. De vez em quando, o óleo sai de seu corpo. Ele também está sujeito a estados que o bispo compara um pouco com os de Myrna. O bispo reconhece, no entanto, que embora ele próprio tenha ido duas ou três vezes rezar na casa com a multidão, ele não sabe mais nada no momento. Mas, acrescenta: "Procurarei, no meu regresso a Mosul, obter mais informações para lhe comunicar, de forma a enriquecer o seu arquivo". O que o Senhor está preparando no Iraque? O que é certo é que Ele abriu ali uma fonte de óleo que suscitou uma resposta de oração. Isso é o essencial.

É o seu coração que conta

No dia 26 de novembro de 1987, depois de ter dito à Myrna: *Vá e anuncie para o mundo inteiro, e diga sem medo que se trabalhe pela unidade*, Jesus acrescenta: *Não culpamos o homem pelo fruto de suas mãos, mas pelo fruto de seu coração*. Acho esta frase verdadeiramente extraordinária. No entanto, é extremamente simples e transparente. Somos muito inclinados a julgar a nós mesmos e aos outros com base em nossa produção material. Você tem dinheiro? Diz-se que você vale o que tem no bolso ou no banco. Você é forte, musculoso, lutando contra um homem forte? Se você tem a vantagem, você é o melhor. Você tem um emprego? Tudo bem, você tem valor! É sempre sobre o que temos, mas não o que somos. E ainda, entre ter e ser, às vezes, há uma diferença de nada para tudo. No mundo, as pessoas sempre foram julgadas pelo que têm e não pelo que são. Mas infelizmente, no mundo de hoje, cresce a impressão de que essa forma de julgar está ganhando uma nova amplitude.

Agora Jesus aqui, imediatamente depois de ter dito à Myrna: *Vai e anuncia ao mundo inteiro e diz-lhes, sem medo, que trabalhem pela unidade*, continua simplesmente: *Não culpamos o homem pelo fruto de suas mãos, mas pelo fruto de seu coração*. Como se dissesse: “Não tenha medo se você parece não chegar a lugar nenhum. Você pode ser encarregado de uma grande missão, você pode não ter sucesso em termos humanos, mas se o seu coração está lá, para mim, é o seu coração que conta”. É o seu coração que conta.

E é aqui que entendemos como o Senhor prefere começar pelos pequeninos, que não são nada aos olhos das pessoas, que não são nada para si mesmos e que se consideram incapazes de tudo. Um pouco como disse o padre Chevrier: “Você não sabe nada, você não tem nada, você não vale nada,

venha até mim!” E também me lembra o título que se deu à Venerável Maria de Jesus Crucificado. Uma figura extraordinária. Uma freira palestina que morreu em 1878 e cuja vida foi uma série de maravilhas extraordinárias. Ela, que era absolutamente analfabeta, era objeto de êxtases durante os quais fazia poemas em francês que não conhecia. E em uma língua francesa muito pura, parecia a língua de grandes poetas. Mas ela viveu em um apagamento total. Nós a chamávamos de pequeno nada, ou a pequena árabe. Portanto, é sempre o nada que conta para o Senhor, se esse nada se aceita como nada diante desse Tudo que é Deus. É exatamente isso que Jesus parece estar dizendo à Myrna: “Não tenha medo se você parece não chegar a lugar nenhum. É o seu coração que conta”.

É um grande consolo para qualquer homem que acredita! Quantas pessoas trabalharam durante toda a vida e, após décadas de trabalho, viram seu trabalho desmoronar! Foi o que aconteceu com o padre Chevrier. Ele queria fundar uma sociedade de padres que cuidasse dos pobres, e dos mais pobres dos pobres, das crianças. Conseguiu com dificuldade agrupar ao seu redor quatro padres e, pouco antes de sua morte, viu os quatro evaporarem-se! Dois o deixaram completamente, outro estava mais ou menos hesitante, o outro parecia estar perdendo a convicção. Tanto que o padre Chevrier viu quase todo o seu trabalho por terra. E ele então se abandonou ao Senhor. E foi só depois de sua morte que tudo recomeçou.

Isso nos leva de volta à frase que Jesus disse: “se o grão de trigo, caído na terra, não morrer, fica só; se morrer, produz muitofruto”(Jo12,24). Bem, eu espero que através de Soufanieh haja muitos grãos de trigo, haja muitos grãos árabes convencidos da Encarnação do Senhor, convencidos de sua própria encarnação no mundo árabe predominantemente muçulmano.

Espero que esses muitos grãos de trigo amem muito a Deus e a seus irmãos muçulmanos, e a todos os seus irmãos cristãos, qualquer que seja a comunidade, Igreja ou

denominação a que pertençam, que eles amem a todos com tal amor que Ele possa verdadeiramente transformá-los, eles e os outros, de modo que tenhamos no Oriente Médio não somente algumas espigas de milho, mas campos de trigo a perder de vista, que verdadeiramente cantem ao Senhor, que cantem a paz, a glória de Jesus e o amor de Jesus!

Uma irrupção excepcional de Deus

Soufanieh, enfim, é uma irrupção de Deus, como nunca havíamos visto no Oriente desde a Encarnação. Uma irrupção excepcional. Por mais que se volte à história da Igreja, não creio que tenha ocorrido tal fenômeno em toda a história do Oriente. Não creio que jamais tenha existido um fenômeno tão sensível, tão tenaz, tão variado, tão significativo, com estigmas, êxtases e mensagens, como os que vimos e conhecemos em Soufanieh.

Em todo caso, no final do século 20, em meio a uma sociedade predominantemente muçulmana, em meio a uma sociedade forjada pelo cientificismo, pelo ateísmo, pelo imoralismo, mas também pela necessidade de Deus, de que o Senhor também esteja presente, tão obstinadamente presente, tão visivelmente presente, é algo único na história da Igreja oriental!

Em Soufanieh, tudo é amor. Todas as mensagens de Soufanieh são mensagens de amor, mensagens de confiança, de esperança. A única vez que o Senhor parece nos dar um aviso, além das reprevações que Ele dirige a nós, é quando Ele nos diz: *Eu fui crucificado por amor a vocês. E eu quero que vocês carreguem e suportem sua cruz por mim, de boa vontade, com amor e paciência, e que vocês esperem minha vinda.* Esta é a única frase, em todas as esplêndidas mensagens de Soufanieh, em que se trata de uma vinda que talvez pudesse constituir uma espécie de ameaça. E ainda aqui, eu não sei.

Por outro lado, as mensagens de Soufanieh apelam em tudo a um começo: *Vai e anuncia ao mundo inteiro, e diz ...* Assim que Myrna volta a Damasco: *Vai e anuncia ..., por que tu tens medo se eu estou contigo?* Exatamente treze vezes, a Virgem e Jesus repetem: *Não tenhas medo!* Pelo menos dez vezes, a Virgem e Jesus dizem explicitamente: *"Estamos com*

vocês". E na última frase da sua última mensagem, a Santíssima Virgem afirma: *porque estamos contigo e com quem quer que a festa (da Páscoa) seja unificada.* Nós: *Nós estamos contigo.* Inútil, portanto, discutir. Vamos. *Eu estou com vocês.*

Esta é exatamente a missão dada por Jesus aos Apóstolos. É, portanto, um novo começo do cristianismo na região, mas um novo começo em que o trabalhador é o Senhor, não nós. Jesus parece nos dizer gentilmente: "Meus amigos, vocês já me desfiguraram o suficiente até agora. Agora deixem-me fazer. Vocês estão aí, vocês são o pequeno resto. Eu os salvei para um novo começo. Se você ficaram, certamente é porque se esforçaram muito, mas é sobretudo graças a Mim".

Muitos historiadores dizem que é um milagre que ainda haja cristãos no Oriente Médio. E se nossa presença é realmente um milagre, o milagre é obra de Deus. Se realmente a nossa presença é um milagre, parece, à luz de Soufanieh, que esse milagre prepara um milagre maior, o milagre de um novo começo do cristianismo para a criação do que Jesus chamou: "meu reino e minha paz". A paz repousa sobre a justiça, esperamos que seja também um reino de justiça total para o mundo, onde todos os filhos de Deus viverão em paz e amor.

Portanto, é inútil, em vendo Soufanieh, buscar apoio em qualquer coisa ou pessoa. Às vezes podemos contar com a ciência, o dinheiro, o poder ou os homens, mas até certo limite. O único em quem podemos confiar sem limites é Jesus. É Jesus. E, visto que Ele nos há valido com a presença de Sua mãe de maneira tão forte e persistente, temos o dever de seguir com firmeza a mão da Virgem, porque com Ela temos certeza de chegar a Jesus. Temos a segurança de chegar a Jesus.

Por isso Jesus disse, em uma de suas mais belas e ternas mensagens: *Ela é minha mãe de quem nasci. Quem a honra, me honra. Quem a nega, me nega. E quem lhe pede obtém, porque Ela é Minha Mãe.* Em outras palavras: não

procure Jesus separado de Sua Mãe. É, portanto, um sério apelo dirigido à Igreja para se libertar de tudo o que não é de Deus. Um apelo insistente, através das mensagens de Soufanieh. É um chamado sério do Senhor para Sua Igreja.

E quando eu digo "Sua Igreja", é toda a Sua Igreja. As pequenas igrejas são a Sua Igreja. Ele quer fundar uma Igreja Una. Este é o momento perfeito para a Igreja se apoiar unicamente sobre o Senhor, fazendo sua a oração que Jesus ensinou à Myrna, e através de Myrna, parece-me, a todos nós: *Bem-amado Jesus, concede-me repousar em Ti*. A Igreja está tão cansada, tão dilacerada, perdeu tanto sangue, que creio que ela não pode mais encontrar seu descanso, sua força e sua vitalidade senão em Jesus. E somente em Jesus.

Se todos os padres, todas as freiras, todos os bispos, todos os patriarcas, todos os cristãos do Oriente Médio, com os homens de boa vontade, fizessem sua a oração ensinada à Myrna por Jesus: *Bem-amado Jesus, concede-me repousar em Ti acima de tudo*, acredito que um vento extraordinário de libertação passaria, não só pelo Oriente Médio, mas em todos os corações e conduziria à unidade.

O amor que tenho pela Igreja

O amor que tenho pela Igreja é o amor que tenho pelo próprio Jesus. A Igreja é minha mãe. Sem ela, eu não teria conhecido Jesus, e não teria conhecido Maria e, portanto, eu não me teria conhecido. Tal como estou aos olhos de Deus, eu não teria me conhecido. É a Virgem, minha mãe que me deu Deus. E foi a Igreja, minha mãe, que me entregou a Deus. Ainda mais no sacerdócio. Ela me entregou a Deus de uma maneira muito especial no sacerdócio. E ela me deu Deus de uma forma muito especial que eu posso dá-lo aos outros agora. Do contrário, ninguém me diria “Pai”, “Abouna”, o pai de todos. Vejam vocês. Portanto, estou preso em uma espécie de triângulo: a Igreja me deu Deus, a Igreja me deu a Deus, e a Igreja permite que eu dê Deus aos outros. É um triângulo que se completa e que se compraz no amor. Mas o amor não proíbe a lucidez. Pelo contrário. Quando se é realmente amoroso, se deve ser lúcido. Caso contrário, é um amor que cega e que acaba destruindo aquele a quem se ama.

A Igreja pode encolher, ela pode ter dois mil anos, pode ser taxada de “velha”, contudo, por mais que me faça sofrer, ela continua sendo minha mãe. E eu a amo porque Deus a ama. Eu a amo porque Deus me ama nela. Eu a amo porque foi ela quem me ensinou Deus e quem me ensinou amá-lo. Sem ela, eu não seria absolutamente nada. Mas às vezes gostaria que ela fosse mãe mais do que é. Não apenas para mim. Para todos os seus filhos. Tanto os ricos quanto os pobres. Tanto os inteligentes quanto os débeis. Tanto os cultos quanto os incultos. Eu a deseo como mãe para todos, sem divisão. Ela não o é sempre. Isso não me impede de amá-la e, porque a amo, digo isso a ela.

Isso me causa sofrimento, isso causa sofrimento a ela, mas é um sofrimento de amor. É um amor que às vezes pode atingir um grau de raiva que me magoa e que magoa os outros,

mas ainda é amor. E não posso mentir para mim mesmo praticando uma política de bajulação ou de silêncio, onde eu sinto que falta o amor que devo a minha mãe e, portanto, ao Senhor.

Ela é uma mãe que teve seus filhos arrancados ao longo da história. É uma mãe que paga com seu sangue, muitas vezes, para manter seus filhos protegidos de uma diminuição, seja física, social ou espiritual. Ela também é uma mãe que, às vezes, se deixou comprometer por diferentes causas humanas e que, por isso, cometeu o erro de perder uma parte de seus filhos. Ainda assim, ela é minha mãe. Eu o amo e quero dizer isso a ela. Para que ela não perca de novo, confiando em coisas estritamente humanas, que ela não perca outros filhos como no passado.

E gostaria que ela o dissesse a mim também, porque sou seu filho. Que ela tenha a coragem de me dizer quando vir que eu também estou saindo dos trilhos. Um amor que não se baseia na honestidade e na sinceridade não é amor. Não importa o quanto você procure por isso no mundo, o mundo é, eu diria, malvestido, desarrumado. No mundo, você não pode encontrar honestidade. Mas se a honestidade for perdida, onde ela será encontrada se não puder ser encontrada na Igreja? Portanto, como quero contar a verdade para minha mãe, em nome do meu amor por ela e em nome do meu amor pelo Senhor, também quero que minha mãe me diga a verdade. Para que, todos juntos, estejamos na verdade. E na verdade, fazendo a obra de Deus.

A Igreja é uma Igreja de fidelidade que, através de dois mil anos de perseverança, sofrimento e perseguição, conseguiu salvaguardar este resto no qual o Senhor agora se baseará, apesar de toda a sua pequenez, de todas as suas fraquezas, de todas suas divisões e de todos os seus desmoronamentos. Este resto no qual o Senhor confiará para reconstruir Seu reino. Essa é a Sua promessa. E esta promessa, para mim, é um motivo maior de amor por Jesus e por minha mãe. Porque

minha mãe me permitiu viver a graça de Soufanieh, que é uma graça da presença do Senhor. Ela me permitiu viver esse novo começo, vivê-lo com esperança. Eu não tenho certeza de que verei a menor parcela disso realizada. Mas pude vivê-lo com esperança e espero ver, lá do alto, realizado aos poucos, com meus outros irmãos em Cristo aqui embaixo.

Em meu país, em Damasco, na Síria, no Líbano, na Palestina, no Iraque e em todo o mundo, no Oriente Médio e depois no mundo. É sobre este resto que o Senhor soprá novamente o Seu Espírito, este resto a quem Ele devolveu a Sua mãe com tal efusão, com tal generosidade, com tal ternura, que se fica verdadeiramente pasmo, e que, querendo dar ao Senhor uma ação de graças que seja adequada, nos sentimos completamente incapazes. Completamente.

Eu gostaria que a minha Igreja, que é minha mãe, esteja na verdade e no amor, a ponto de não demorar muito a descobrir em Soufanieh esta mão estendida, este coração aberto do Senhor. Quando Ele mostrou o Seu coração à Irmã Marguerite-Marie Alacoque, dizendo-lhe: “Veja este Coração que tanto amou o mundo”, sua imagem se espalhou, um Coração que arde. Acredito que em Soufanieh haja mais do que imagem. O Senhor continua dizendo: “Eu te amo”. E Ele continua nos dando sinais. Ele apareceu várias vezes para a irmã Marguerite-Marie Alacoque, mas era apenas para uma pessoa. Ela teve a coragem de dizer isso, ela acreditou. Alguns não acreditaram nela, mas lentamente a mensagem pegou. Agora, em Soufanieh, o Senhor tem tanto amor, tanta ternura, tanta pressa, tanta persistência, que parece querer dizer a todos. Gostaria que a Igreja, que é minha mãe, não se recusasse a abrir os olhos para ver esta mão estendida e este Coração aberto do Senhor. E ver neste Coração aberto sobre a cruz, o Coração do Ressuscitado, que soprou o Seu Espírito sobre a Sua Igreja, como Ele o soprou no tempo nos Apóstolos. E isso seria o início, eu diria, de uma nova Encarnação do Senhor, se assim eu posso dizer.

O que me entristece é ver, nesta Igreja que é minha mãe, que há homens que são sempre capazes, incluindo eu mesmo, que são sempre capazes, cada um ao seu nível, de fazer abortar a obra de Deus. Esse medo de uma força humana capaz de abortar a obra de Deus me acompanhou por um tempo. No dia em que tive a certeza de que em Soufanieh era o Senhor que estava trabalhando, conhecendo um pouco da história da Igreja, sabendo do imenso respeito que Deus tem pelo homem, eu tive muito medo de que a Igreja tomasse medidas que literalmente sufocassem esta obra de Deus em Soufanieh. Felizmente, o Senhor nos poupou dessa desgraça. Ele nos salvou dessa estupidez humana. Ele permitiu que as autoridades agissem com uma lentidão que me entristece, mas não permitiu que agissem com uma agressividade que poderia ter chegado a sufocar a graça.

Continuo a orar por aqueles que detêm o poder na Igreja. Para que saibam que acima deles está Jesus. Para que saibam que acima do seu conhecimento está o Senhor. Para que saibam que acima de tudo o que sabem, há coisas que Nossa Senhora disse, que ignoramos por completo, mas que o Senhor comprehende. E para que saibam que o plano de Deus não é o que eles próprios concebem, mas o que o próprio Deus concebe. E que os servos de Deus devem se conformar com a ideia que o Senhor tem deles, não com o que eles têm de si mesmos ou com a ideia que desejam ter do Senhor. Eu oro por todos eles.

E eu realmente gostaria que o Senhor nos permitisse, com aqueles que o serviram em Soufanieh, e com aqueles que acreditaram que o serviram combatendo Soufanieh, gostaria que o Senhor acelerasse o dia em que possamos todos juntos lhe agradecer, aqui como lá no alto, por esta irrupção que Ele quis fazer na Sua Igreja, no mundo árabe, no mundo atual, para a ressurreição do Seu amor em nós e em cada um dos homens. Acima de tudo, que Ele nos dê a graça de nunca sermos como os fariseus e os notáveis de Jerusalém.

E diante do espetáculo de um mundo tão tenso, tão fora de rumo, levado a situações absolutamente inextricáveis, tão sujeito ao poder do dinheiro e a outros poderes mais ou menos ocultos, perante tal mundo, ouvindo as mensagens de Soufanieh, vendo o amor do Senhor, tão grande, tão persistente, não se pode deixar de dar um salto no absoluto e na confiança. Confiar no Senhor, e como diz a Escritura, esperar contra toda a esperança. Mas esperar na alegria, no amor que vem, que vem ao nosso encontro, e que quer se juntar a nós para se espalhar pelo mundo, em todos os corações, para nos fazer uma terra nova.

Este é o momento de pedir ao Senhor que nos envie Seu Espírito Santo para recriar o mundo. Todos nós teremos que orar por isso. Que possamos dar as boas-vindas a esta visita do Senhor a Soufanieh, a Medjugorje, a Kibeho, um pouco por todo o mundo. Visita pela qual Ele nos diz que quer refazer um mundo humano, por Sua iniciativa Dele, Deus. Porque só Ele é capaz de fazer isso. “Senhor, aumentai nossa fé!” (Lc 17, 5). Os apóstolos bem o disseram. Hoje eu digo, em nome de todos os meus irmãos: “Eu creio, Senhor, mas aumentai a nossa fé!” (cf. Mc 9:24). Amém.

Fim.



O ícone original de Nossa Senhora de Kazan tem cerca de mil anos e , segundo a tradição, teria sido pintado em Constantino-
pla, tendo sido levado para o mosteiro de Kazan, 800 quilômetros a leste de Moscou. Ele desapareceu em 1209, durante a invasão dos tár-
taros e em 1552, foi milagrosamente reencontrado sob os escombros da cidade, então destruída por Ivan o Terrível. Foi coloca-
do na Igreja de Nossa Senhora de Kazan em Moscou, na Praça Vermelha, destruída pelos comunistas em 1936 e reconstruída em 1993.
Várias cópias do ícone foram feitas. Uma cópia datada do século XVIII, de Petrogrado, foi exibida na Basílica de Nossa Senhora de Fátima antes de ser oferecida ao Papa João Paulo II em 1993, que a devolveu ao povo russo em 2004. O ícone mais antigo, venerado em Moscou por quase 400 anos, desapareceu em 1904, o que foi interpretado como um sinal do desastre que sobreviria com a Revolução de 1917. À esquerda, a cópia do século XVIII que foi devolvida pelo Papa João Paulo II ao Patriarca de Moscou. À direita, o ícone em uma versão popular mais recente, já com traços ocidentalizados, como a comprada por Nicolas em sua viagem à Bulgária e levada para Soufanieh em um pequena moldura de plástico.

SUMÁRIO

Apresentação	6
Quem é o Padre Elias Zahlaoui	11
PRIMEIRA PARTE:MENSAGENS DA VIRGEM E	
DO CRISTO EM SOUFANIEH	21
Introdução	22
Segunda aparição, primeira mensagem	25
Terceira aparição, segunda mensagem	35
Quarta aparição, terceira mensagem	38
Quinta aparição, quarta mensagem	45
Os êxtases, primeiro período	66
Os êxtases, segundo período	90
Os êxtases, um ponto de inflexão	101
Os êxtases, terceiro período	104
Os êxtases, quarto período	112
SEGUNDA PARTE: A PROPAGAÇÃO	
DE SUFANIEH	133
A permanência do fenômeno	134
A importância da oração	137
Familiaridade com Deus	140
A maternidade de Maria	143
Serva do Senhor	145
Mediadora	148

A santidade do casamento	151
Nicolas	154
Uma página do Evangelho	158
Sem mim nada podeis fazer	160
Contra a tentação materialista	162
As várias reações	166
O sinal de óleo	171
O mistério da graça	173
Os acontecimentos de Soufanieh e minha vida como padre	175
A unidade da Igreja	180
Os cristãos da Síria	184
No coração do mundo árabe	190
Um convite a nos voltarmos para o futuro	193
Uma construção futura, da qual o Senhor cuida	196
Todos são irmãos em Cristo	199
Difusão através do mundo	202
É o seu coração que conta	204
Uma irrupção excepcional de Deus	207
O amor que tenho pela Igreja	210